

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS - CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA DO BRASIL

Karla Íngrid Pinheiro de Oliveira

**A AMÉLIA MULTIFACETADA:
as representações femininas na cidade de Picos nos anos de 1940-1960**

Teresina (PI)

2014

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco
Serviço de Processamento Técnico

O48a Oliveira, Karla Íngrid Pinheiro de. A Amélia multifacetada : as representações femininas na cidade de Picos nos anos de 1940-1960 / Karla Íngrid Pinheiro de Oliveira. -- 2014.
141 f. : il.

Dissertação (Mestrado em História do Brasil) Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2014. Orientação: Prof. Dr. Francisco de Assis de Sousa Nascimento.

1. Mulher – Brasil – Identidade. 2. Gênero.
3. Representação Feminina. 4. Picos (PI) – História. I. Título.

CDD 305.42

KARLA ÍNGRID PINHEIRO DE OLIVEIRA

**A AMÉLIA MULTIFACETADA:
as representações femininas na cidade de Picos nos anos de 1940-1960**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí sob a orientação do Prof. Dr. Francisco de Assis de Sousa Nascimento, para a obtenção do grau de Mestre em História do Brasil.

Teresina (PI)

2014

KARLA ÍNGRID PINHEIRO DE OLIVEIRA

**A AMÉLIA MULTIFACETADA:
as representações femininas na cidade de Picos nos anos de 1940-1960**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí, como requisito à obtenção do título de Mestre em História do Brasil.

Área de Concentração: História, Cultura e Arte

Aprovada em: 7 / março / 2014

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Francisco de Assis de Sousa Nascimento - UFPI
Orientador

Prof^a. Dr^a. Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz - UFPI
Examinadora Interna

Prof^a. Dr^a. Yvone Dias Avelino - PUCSP
Examinadora Externa

Prof^a. Dr^a. Elizangela Barbosa Cardoso - UFPI
Suplente

À minha linda família.
Às mulheres picoenses.

AGRADECIMENTOS

Àquele que é a força maior que nos move e nos ampara no Plano Espiritual, nosso Deus de infinita bondade.

São muitas as pessoas a quem gostaria de agradecer imensamente, por sua força, auxílio e compreensão:

À minha mãe, Waldênia Pinheiro, grande incentivadora; a meus irmãos, Camilla Régia e Carlos Fellipe, por me apoiarem sempre e contribuírem no momento das entrevistas. Aos meus familiares, já que não consegui estar presente em todas as reuniões de família e festividades de datas comemorativas, por conta das horas dobradas de estudo e da distância, no primeiro ano, da minha cidade natal. E ao meu pai, Carlinhos Pontual (*in memoriam*), por guiar os meus passos.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo financiamento desta pesquisa.

Ao meu orientador e amigo, Prof. Dr. Francisco de Assis de Sousa Nascimento, por abraçar com carinho, dedicação e zelo a minha pesquisa, e tanto contribuir para o meu crescimento pessoal e profissional. Agradeço por apostar em mim e no meu trabalho.

À Profª. Ma. Marylu Alves de Oliveira, por me enveredar pelos caminhos do estudo de gênero, e disponibilizar vários momentos do seu tempo para me auxiliar.

Às Professoras Doutoras Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz e Elizângela Barbosa Cardoso, por participarem da minha Banca de Qualificação e darem brilhantes contribuições para o melhoramento do trabalho.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí, pelo enriquecimento acadêmico, oferecido durante suas aulas.

Aos amigos pessoais, do Curso de Licenciatura em História, e aos amigos do Mestrado em História do Brasil, que se misturam e se complementam, pela amizade, apoio, disponibilidade de material, companhia em congressos e paciência para com as minhas faltas.

A Elierson Moura e Eduardo Almeida, por me cederem muitas fontes.

A Ismael Borges, pelo estímulo e incentivo ao longo de todos esses anos.

Ao Sr. Daniel Paz e a Kledison Lima, do IBGE de Picos, e ao Sr. Pedro Soares, que faz parte dessa mesma instituição em Teresina.

Aos gestores e funcionários da Unidade Escolar Marcos Parente, antigo Ginásio Estadual Picoense, do Instituto Monsenhor Hipólito e da Escola Normal Oficial de Picos, por me proporcionarem garimpar seus arquivos, tal qual um mineiro à procura de pedras preciosas.

Aos atores sociais desta pesquisa que, gentilmente, se disponibilizaram a compartilhar conosco suas memórias, suas fotografias, seus documentos. A construção deste trabalho dependia primordialmente de suas contribuições.

A todas as pessoas que me incentivaram e torceram por minha conquista do título de Mestre em História do Brasil. Agradeço profundamente!

Menina e Moça

*Está naquela idade inquieta e duvidosa,
Que não é dia claro e é já o alvorecer;*

*Entreaberto botão, entrefechada rosa,
Um pouco de menina e um pouco de mulher.*

*Às vezes recatada, outras estouvadinha,
Casa no mesmo gesto a loucura e o pudor;
Tem coisas de criança e modos de mocinha,
Estuda o catecismo e lê versos de amor.*

*Outras vezes valsando, e o seio lhe palpita,
De cansaço talvez, talvez de comoção.
Quando a boca vermelha os lábios abre e agita,
Não sei se pede um beijo ou faz uma oração.*

*Outras vezes beijando a boneca enfeitada,
Olha furtivamente o primo que sorri;
E se corre parece, à brisa enamorada,
Abrir asas de um anjo e tranças de uma huri.*

*Quando a sala atravessa, é raro que não lance
Os olhos para o espelho; e raro que ao deitar
Não leia, um quarto de hora, as folhas de um romance
Em que a dama conjugue o eterno verbo amar.*

*Tem na alcova que dorme, e descansa de dia,
A cama da boneca ao pé do toucador;
Quando sonha, repete, em santa companhia,
Os livros do colégio e o nome de um doutor.*

*Alegra-se em ouvindo os compassos da orquestra;
E quando entra num baile, é já dama do tom;
Compensa-lhe a modista os enfados da mestra;
Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon.*

*Dos cuidados da vida o mais tristonho e acerbo
Para ela é o estudo, excetuando talvez
A lição de sintaxe em que combina o verbo
To love, mas sorrindo ao professor de inglês.*

*Quantas vezes, porém, fitando o olhar no espaço,
Parece acompanhar uma etérea visão;
Quantas cruzando ao seio o delicado braço
Comprime as pulsações do inquieto coração!*

*Ah! se nesse momento alucinado, fores
Cair-lhes aos pés, confiar-lhe uma esperança vã,
Hás de vê-la zombar dos teus tristes amores,
Rir da tua aventura e conta-la à mamã.*

*E que esta criatura, adorável, divina,
Nem se pode explicar, nem se pode entender:
Procura-se a mulher e encontra-se a menina,
Quer-se ver a menina e encontra-se a mulher!*

Machado de Assis (Falenas)

RESUMO

O presente trabalho analisa as representações e problematiza as experiências femininas nas décadas de 1940 a 1960, na cidade de Picos (PI), levando em consideração algumas formas de subjetivação da mulher, entre elas, a de mãe, esposa e dona de casa, mas também de estudante, professora, solteirona e prostituta. Discutimos, ainda, as relações sociais entre os gêneros, nos espaços de lazer da juventude picoense, e a tentativa de controle dos corpos, bem como as táticas empregadas para subverter a ordem dominante, dialogando com Michelle Perrot e Michel de Certeau. Jornais, revistas, fotografias e livros de registro são algumas das fontes que compõem esta pesquisa, junto com as entrevistas realizadas. Para tanto, utilizamos a metodologia da História Oral.

Palavras-chaves: História. Gênero. Representação. Picos. 1940-1960.

ABSTRACT

This study analyzes the representations and discusses women's experiences in the decades from 1940 to 1960 in the Picos city, by considering some forms of women subjectivity, among them, the mother, wife and homemaker, but also, student, teacher, old maid and prostitute. We also discuss social relations between the genders in Picos city youth recreational spaces, attempting to the control bodies and the tactics employed to subvert the dominant order, dialoguing with Michelle Perrot and Michel de Certeau. Newspapers, magazines, photographs and registry books are some of the sources that make up this research, together with interviews conducted using the oral history methodology.

Keywords: History. Gender. Representation. Picos. 1940-1960.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	- Traje de gala do Colégio das Irmãs.....	31
Figura 2	- Turma do Ginásio Estadual no desfile de 7 de setembro, nos anos 1960.....	35
Figura 3	- Certificado de Conclusão do Ginásio Estadual Picoense.....	36
Figura 4	- Foto oficial da Formatura no Ginásio.....	36
Figura 5	- Diário Oficial do Estado do Piauí, Teresina, 2 de março de 1967, ano XXXVI, 78ª da República, n. 32.....	41
Figura 6	- Cartão de vacinação de Doralice Gonçalves de Moura.....	44
Figura 7	- Lavadeiras no <i>Rio Guaribas</i> , década de 1950.....	53
Figura 8	- Raimunda Moura com os alunos da 1ª Série Primária no Colégio das Irmãs (1970).....	55
Figura 9	- Convite Jubileu de Prata da Primeira Turma da ENOP.....	57
Figura 10	- Praça Félix Pacheco na década de 1960.....	62
Figura 11	- Praça Félix Pacheco, 1960.....	65
Figura 12	- Escadaria do Morro, 1967.....	65
Figura 13	- Crianças participando da Primeira Comunhão.....	70
Figura 14	- Festa Junina, 1965.....	72
Figura 15	- Passeio em Itainópolis, 1966.....	73
Figura 16	- Cine Spark na década de 1960.....	76
Figura 17	- Tertúlia.....	80
Figura 18	- Fantasia de Saci Pererê.....	86
Figura 19	- Quadro do Bar do Pipoca.....	89
Quadro 1	- Primeiros professores e respectivas disciplinas ministradas na <i>Escola Normal Oficial de Picos</i> , no ano de 1967.....	43
Quadro 2	- Exibições cinematográficas no <i>Cine Spark</i> : 1964-1965.....	76

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	- Atividade econômica de pessoas presentes de 10 anos e mais, por sexo, Picos, 1950.....	22
Tabela 2	- Pessoas de 10 anos e mais, por sexo, com atividade no ramo de agricultura, pecuária e silvicultura.....	22
Tabela 3	- Pessoas de 5 anos e mais de instrução declarada.....	23
Tabela 4	- Pessoas casadas, de 15 anos e mais, por sexo e tipo da união, segundo as zonas fisiográficas e os municípios Picos (Zona do Sertão).....	102
Tabela 5	- Estado conjugal das pessoas de 15 anos e mais, por sexo, segundo as zonas fisiográficas e os municípios Picos (Zona do Sertão).....	109

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AAMOA - Associação de Amigos do Museu Ozildo Albano
- ALERP - Academia de Letras da Região de Picos
- CAN - Comissão de Abastecimento do Nordeste
- CTD - Centro de Treinamento Diocesano
- ENOP - Escola Normal Oficial de Picos
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- MPB - Música Popular Brasileira

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	DE ESTUDANTE A PROFESSORA.....	20
2.1	Vestidas de azul e branco: as estudantes e o sistema educacional.....	21
2.2	Dedicação e esmero: as professoras e o trabalho feminino.....	50
3	AS JOVENS, O LAZER E AS SOCIABILIDADES.....	60
3.1	O pé de limão: a praça e a possibilidade de fuga aos olhares vigilantes...	62
3.2	O rio Guaribas: fertilizador de corpos.....	68
3.3	Missão (des)cumprida: a Igreja e o erotismo dos corpos.....	69
3.4	Lanterninhas para quê? O cinema e o controle dos corpos.....	75
3.5	O dançar e o flertar: as relações entre o feminino e o masculino nos bailes picoenses.....	79
3.6	A vigilância vem de todos os lados: os espaços proibidos para as moças.	89
3.6.1	O Bar do Pipoca.....	89
3.6.2	Os hotéis.....	92
4	AS CASADAS, AS SOLTEIRAS, AS SEPARADAS E AS PROSTITUTAS.....	94
4.1	Os descompassos do casamento enquanto realização pessoal.....	94
4.2	Uma nova imagem: a mulher separada.....	108
4.3	Desviando o “destino natural” de ser esposa e mãe.....	110
4.4	As prostitutas e a construção do “Outro”.....	120
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	129
	REFERÊNCIAS.....	132

1 INTRODUÇÃO

Período de intensas lutas políticas e socioculturais, a década de 1960 constituiu-se um marco na história ocidental, em decorrência das ações juvenis e de grupos de militância política e social que atuaram nesses anos.

A leitura do livro de Edwar Castelo Branco (2005), *Todos os Dias de Paupéria*, mais especificamente a introdução e o primeiro capítulo, onde ele trata dos anos 1960, o desencadeamento das subjetividades e do desprendimento do homem com as questões terrenas, incitou-nos à reflexão em torno desta temática, fazendo surgir curiosidades sobre as relações juvenis na cidade de Picos (PI), na década de 1960, seus espaços de lazer e sociabilidades, o que resultou em nosso trabalho de conclusão do Curso de Licenciatura Plena em História, intitulado *A Geografia dos desejos: cidade, lazer, gênero e sociabilidades em Picos na década de 1960* (OLIVEIRA, 2011).

Picos, apesar de ser uma cidade localizada no interior do Piauí, experimentou as consequências dos debates efervescentes que ocorriam no mundo. Contudo, várias questões ainda ficaram por serem analisadas, especialmente, no que se refere à postura das jovens moças diante das relações de casamento, trabalho e sexualidade no período, uma vez que foi nesse momento, segundo as discussões historiográficas, que algumas mulheres passaram a ter maior domínio sobre o próprio corpo, e alguns desses indícios também foram encontrados nas entrevistas realizadas para a monografia supracitada.

Em busca de perceber e conhecer as experiências vivenciadas pelas mulheres picoenses, esta pesquisa toma como prioridade os elementos culturais dessa sociedade, que apontam para a constituição do ser mulher.

O contexto brasileiro do início do século XX passou por uma série de mudanças que geraram discussões acerca da participação feminina em assuntos socioeconômicos, culturais e políticos. Em decorrência das alterações sofridas no cotidiano feminino, alguns questionamentos surgiram influenciados pelos debates que fervilhavam, desde fins do século XIX, em países da Europa e nos Estados Unidos, em que mulheres reivindicavam o direito a melhores condições de trabalho nas fábricas, tais como a redução da jornada de trabalho, boas condições de salubridade e aumento nos salários, em uma luta por cidadania e possibilidade de representação (PERROT, 2005).

As reivindicações organizadas por grupos de mulheres fizeram surgir um movimento caracterizado como feminismo, que, dentre outras definições, pode ser entendido como um

movimento que “[...] abrange todos os aspectos da emancipação das mulheres e inclui qualquer luta projetada para elevar seu *status* social, político ou econômico; diz respeito à maneira de se perceber da mulher e também à sua posição na sociedade” (HAHNER, 1981, p. 9). Historicamente o movimento feminista pode ser classificado dentro de alguns momentos (PINTO, 2003), quais sejam: o momento sufragista, o jornalismo feminista e o anarquismo feminista no início século XX. Durante a segunda metade desse século, o movimento ganha outras características: o feminismo cultural, de manifestação pela igualdade de direitos; e o feminismo acadêmico – que ajudou na construção da proposta da escrita de uma historiografia pensada na mulher como objeto central de estudo: *História das mulheres*. No final do milênio, ocorre um feminismo difuso que promove diversos campos de luta feminino: desde a questão das diferenças dos gêneros até a liberdade sexual e política. Durante o século passado, as mulheres descobriram-se socialmente e passaram a lutar para conquistar espaços no âmbito público, já que durante um longo período histórico o papel da mulher era de submissão ao homem e de aprisionamento no espaço da casa.

Por muito tempo, na corrente positivista, a palavra “homem” foi representativa de igualdade entre homens e mulheres, pois tratar da história dos homens era tratar de uma história universal. A Nova História Cultural surge como uma alternativa ampla no sentido de apontar para uma variedade de temas, fontes e objetos, entendendo-se como uma história plural, com novos olhares, como, por exemplo, para os sentimentos e sensibilidades, e, além disso, para as mais variadas abordagens, entre elas a cultura, a morte e o amor. Segundo Pesavento (2004, p. 69), “este, talvez, seja um dos aspectos que, contemporaneamente, mais dão visibilidade à História Cultural: a renovação das correntes da história e dos campos de pesquisa, multiplicando o universo temático e os objetos, bem como a utilização de uma multiplicidade de fontes”.

As mudanças no percurso historiográfico, articulado às lutas femininas, desencadearam, para Rachel Soihet, a emergência da história das mulheres (SOIHET, PEDRO, 2007), posteriormente desviadas para as relações entre os gêneros, defendidos como uma categoria útil para a análise histórica, na qual as relações entre o masculino e o feminino devem ser analisadas e entendidas como categorias indissociáveis e construídas culturalmente (SCOTT, 1995), de acordo com a perspectiva da historiadora norte-americana Joan Scott, em seu texto de maior expressão no Brasil que incitou os debates sobre gênero na academia. Mas nem sempre a história dos gêneros constituiu o foco das pesquisas acadêmicas, especificamente no que tange ao gênero feminino. Sobre a invisibilidade das mulheres na produção histórica, Michelle Perrot afirma: “Há muito que as mulheres são as esquecidas, as

sem-voz da História. O silêncio que as envolve é impressionante. Pesa primeiramente sobre o corpo, assimilado à função anônima e impessoal da reprodução” (PERROT apud MATOS, 2003, p. 13). Mais que o silêncio no âmbito acadêmico, as mulheres eram condicionadas a silenciarem-se por diversos segmentos da sociedade, como religião, política e pelos manuais de comportamento que ajudavam na formação das moças. “Seja bela e cale a boca” (PERROT, 2005, p. 10). Era assim que, segundo Perrot, ensinavam as mulheres da França no século XIX.

A partir de 1950 e 1960, os papéis de boa moça, boa filha e boa mãe passaram a ser questionados; os cuidados que até então eram apenas com o lar passaram a ser transformados/divididos com os cuidados com o seu próprio ser, com o corpo; também algumas mulheres passaram a defender o amor livre, o direito ao prazer e ao domínio sobre a sua vida, principalmente através do uso de métodos anticoncepcionais, que permitiam a estas decidir e planejar quantos filhos teriam, além de escolher o tempo certo para tê-los, ou mesmo se desejariam tê-los. A produção historiográfica brasileira também assumiu o objeto *mulheres*, como uma possibilidade de construção de conhecimento, entendendo as múltiplas identidades construídas por elas.

É nos contornos do século XX que a mulher aponta como um gênero em construção, quando ela se percebe sujeito da própria história, e resolve libertar-se das amarras da inferioridade e do mutismo, determinados pela sociedade patriarcal, estabelecendo “uma identidade coletiva de mulheres, indivíduos do sexo feminino, com um interesse compartilhado no fim da subordinação, da invisibilidade e da impotência, criando igualdade e ganhando um controle sobre seus corpos e sobre suas vidas” (SCOTT apud GONÇALVES A., 2006, p. 66). É ter uma história contada e se sentir sujeito dela. Sobretudo, “a história feminista deixa, então, de ser apenas uma tentativa de corrigir ou suplementar um registro incompleto do passado, e se torna um modo de compreender criticamente como a história opera enquanto lugar de produção do saber de gênero” (SOIHET, PEDRO, 2007, p. 291), de acordo com a visão que Rachel Soihet e Joana Maria Pedro corroboram.

Pensamos as experiências femininas, com base em Robert Darnton, para quem [...] os historiadores podem beneficiar-se de uma visão antropológica da cultura quando se veem diante de algo muito concreto [...] (CARVALHO, 2002, p. 391), pois a antropologia histórica trata o simbólico no social, por meio da interpretação de pequenos indícios que configuram a sociedade. Na perspectiva *geertiana*, a antropologia histórica aponta para a descrição e observação de fatos passados.

Os historiadores Pedro Vilarinho Castelo Branco (2005^a; 2005b; 2008) e Elizangela Cardoso (2002; 2010; 2012) constituíram importante suporte, para que pudéssemos entender as relações de gênero no Piauí, e assim, comparar com o recorte espacial desta pesquisa, que é a cidade de Picos (PI). Ambos estudam a pluralidade das identidades e representações femininas, sendo que o primeiro, no início do século XX, enquanto que a segunda tem como recorte temporal meados do mesmo século. O nosso trabalho de conclusão de curso, intitulado *A geografia dos desejos* (OLIVEIRA, 2011), também serviu de base para analisarmos algumas das práticas femininas e masculinas nos espaços de lazer e sociabilidades em Picos, na metade do século XX.

As transformações ocorridas ao longo do século XX, no Brasil e no mundo, assinalam pequenas e grandes modificações no cotidiano feminino. Várias singularidades e multiplicidades de formas de ser do feminino podem ser vistas e analisadas nos espaços urbanos e rurais. No decorrer desse século, essas variações percorrem vários aspectos: vão desde a saída de casa para o espaço da rua, até o trabalho, a sexualidade, as relações familiares e o casamento. Estes elementos vão sofrendo novas exigências da contemporaneidade, fazendo com que as mulheres se adequem a novos papéis e novas funções sociais. Isso se acelera desde a década de 1960, com o processo de intensificação do questionamento da ordem social, especialmente vinda dos jovens, no que tange aos papéis tradicionais que lhes eram conferidos pelos mais velhos. Percebe-se o impacto da revolução sexual na década de 1960, no sentido de que esta revolução possibilitou o exercício da sexualidade feminina mais abertamente, levando em consideração o seu corpo e o seu prazer, visto que, nas décadas anteriores, o sexo estava ligado apenas à ideia de procriação, enquanto a valorização do prazer era possível apenas nos prostíbulos.

Para tanto, lançamos o questionamento central: como as mulheres vivenciaram essas novas formas de ser mulher na cidade de Picos? Levamos em consideração aspectos como a ideia de amor romântico, de casamento e maternidade, bem como instrução, profissionalização e sexualidade.

No desenvolvimento da pesquisa, surgiram ainda outras inquietações que apontam para a compreensão da pluralidade das representações femininas que se apresentavam no cenário picoense, entre elas: – Como as mulheres picoenses se percebiam diante dos perfis femininos tradicionais dentro do casamento, da maternidade e do espaço doméstico? Como se davam as relações no casamento, a partir do amor romântico? Como era a vivência feminina no espaço público? Quais as condições de instrução e trabalho feminino em Picos, no período

estudado? Até que ponto a revolução sexual influenciou o comportamento das mulheres picoenses, na década de 1960?

Nesse trabalho utilizamos como fontes relatos orais recolhidos por meio de entrevistas com moças de segmentos médio e alto da sociedade picoense: Maria Oneide Fialho Rocha,¹ Raimunda Fontes de Moura² e Doralice Gonçalves de Moura³ são as mais novas, nascidas na década de 1940. Maria da Conceição da Silva Albano,⁴ Olívia da Silva Rufino Borges,⁵ Maria de Jesus Carvalho,⁶ e Maria Nunes Maia⁷ são as de maior idade, nascidas na década de 1930. Suas memórias coletivas nos permitem então reconstruir um passado. A memória possibilita ao indivíduo um sentimento de identidade baseado nas representações simbólicas. As fontes que utilizaremos como suporte para a construção dessa dissertação de mestrado são as memórias de homens e mulheres que viveram o período proposto para o estudo, utilizando o método de entrevistas de histórias de vida e temática da História Oral. Segundo Sônia Maria de Freitas (2006, p. 46), “a História Oral fornece documentação para reconstruir o passado recente, pois o contemporâneo é também história. A História Oral legitima a história do presente, pois a história foi, durante muito tempo, relegada ao passado”. Com isso devemos deixar claro que a memória é construção, é também avaliada e renovada no tempo presente, posto que a memória nos ajuda a recompor um fato passado, e a importância dos relatos orais para a construção da narrativa histórica é visível, principalmente em se tratando da história da cidade de Picos, sobre a qual poucos registros se encontram.

As fontes são também atas de notas, livros de registros, fotografias, documentos de admissão, certificados e diplomas de conclusão de curso. Contamos ainda com dados sobre

¹ Nasceu na cidade de Picos (PI), em 1º de janeiro de 1947. Filha de Ulisses Josino de Araújo Rocha e Amélia Fialho de Carvalho Rocha. Atualmente é professora na Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros.

² Nasceu no povoado de Picos (PI), conhecido como Lagoa Grande, no dia 25 de novembro de 1947. Filha de Antônio de Moura Ibiapina e Maria das Neves de Sousa Moura. É professora aposentada e atualmente é coordenadora no Colégio Santa Rita e membro da Academia de Letras da Região de Picos (ALERP). É também artista plástica e assina seus quadros com o nome de Mundica Fontes, modo como a população picoense a conhece.

³ Nascida no Campestre, povoado de Picos (PI), em 20 de junho de 1945. Filha de Manoel Gonçalves de Moura e Geruza Lopes de Moura. Exerceu durante muitos anos a profissão de professora, na qual se aposentou.

⁴ Nascida em Picos (PI), em 08 de dezembro de 1937. Filha de Manoel Albano da Silva e Neomísia Leite de Macêdo. Formada em Licenciatura e Bacharelado em Pedagogia, atualmente é membro da Associação de Amigos do Museu Ozildo Albano (AAMOA).

⁵ Nascida no dia 19 de abril de 1934, no povoado Coroatá, município de Picos-PI. É filha de Antônio Rufino da Silva e Benedita Maria dos Santos. Atualmente é professora aposentada e membro da Academia de Letras da Região de Picos (ALERP).

⁶ Nasceu no dia 30 de agosto de 1938, em Picos (PI). É filha de Sabina Maria de Carvalho e Ernesto Martins de Carvalho. Atualmente é bioquímica aposentada do Hospital Regional Justino Luz.

⁷ Conhecida por Remédios Maia, nasceu em Picos (PI) no dia 29 de dezembro de 1938. Filha de Isabel Nunes Maia e Elisiário Alves Maia. Lecionou durante muitos anos nas escolas picoenses e atualmente está aposentada.

aspectos econômicos, políticos e sociais de Picos, presentes na *Revista Piauiense de Municípios*, em uma edição especial referente ao centenário da cidade, comemorado no ano de 1955, encontrada no Arquivo Público do Piauí e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que, juntos, nos permitem montar um arcabouço diante das inovações urbanas e espaciais.

O Jornal *Flâmula*, periódico que circulou em Picos na década de 1950, também foi utilizado, junto com o livro de memórias de Renato Duarte (1995), *Picos: os verdes anos cinquenta*, e o romance *Música para pensar*, escrito por Gilson Chagas (2009), pois:

A literatura permite perceber a cidade em diferentes momentos e por diferentes olhares. Olhares esses que estão carregados de memórias que são socialmente localizadas. Os discursos desses literatos devem ser entendidos tanto do lugar de onde falam como o lugar de endereçamento. A cidade que surge a partir do olhar de cada literato abre espaço para a visualização de inúmeras cidades que se confrontam e também se complementam. As memórias da cidade pela perspectiva da literatura é um arcabouço a mais para o entendimento de como a cidade é sentida em temporalidades e espacialidades diferentes (FONTINELES FILHO, 2009, p. 9).

A composição do texto se encontra do seguinte modo: 1 Introdução. No Capítulo 2, portanto, faremos uma análise da instrução feminina na cidade de Picos, levando em consideração suas permanências e transformações, para assim percebermos a construção das identidades femininas que emergiram ao longo da temporalidade estudada nesta pesquisa.

Operamos ainda com o conceito de estratégias e táticas de Michel de Certeau (1994), no qual ele trata as estratégias como ações elaboradas, formalizadas e institucionalizadas na sociedade, e as táticas como modos de burlar a ordem estabelecida a partir de ações não planejadas, constituindo a ausência de poder.

O corpo, território biológico e cultural, carregado de possibilidades de estudo, perpassa por inúmeras áreas do conhecimento humano, permeado simbolicamente por censura e repressão. É nesse ponto que voltaremos o nosso olhar no Capítulo 3, para um estudo do corpo das jovens nos espaços de sociabilidade da cidade, um corpo atravessado pelo controle social, silenciado. A década de 1960 foi um período de contestação desse controle, período em que as mulheres lutavam pela liberdade sexual, pela possibilidade de exercer a sua sexualidade livre das coerções sociais. Pretendemos com este capítulo, levando em consideração o pensamento de Michel Foucault, analisar as técnicas de poder e resistências exercidas sobre o corpo feminino, observando ainda as experiências das mulheres que não se apoiaram nos papéis dominantes e delinearam suas vidas para além do estabelecido culturalmente na sociedade local.

O Capítulo 4 discute as representações e tensões entre ser casada e/ou solteira na sociedade picoense, entendendo que o gênero “se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais”: a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres” (SCOTT, 1995).

5 Considerações Finais, e as Referências, base teórica essencial para fundamentar a presente dissertação.

2 DE ESTUDANTE A PROFESSORA

Em *A história social da criança e da família*, Ariès (1981) pondera que na França, até o final do século XVII, a instrução era privilégio apenas dos homens. As mulheres casavam muito cedo e tinham que se preocupar somente com os cuidados domésticos. Cerca de dois séculos de atraso em relação aos homens, elas tiveram que conviver com a exclusão do processo educativo.

Ainda tratando da França, Michelle Perrot reitera que, ao longo do século XIX, a educação pensada para as mulheres era a que lhes ensinava costumes, valores e virtudes.

É preciso, pois, educar as meninas, e não exatamente instruí-las. Ou instruí-las apenas no que é necessário para torná-las agradáveis e úteis: um saber social, em suma. Formá-las para seus papéis futuros de mulher, de dona-de-casa, de esposa e mãe. Inculcar-lhes bons hábitos de economia e de higiene, os valores morais de pudor, obediência, polidez, renúncia, sacrifício, que tecem a coroa das virtudes femininas (PERROT, 2007, p. 93).

O saber era um privilégio dos homens, contudo, na Europa do século XIX, as mulheres passaram a reivindicar seus direitos sociais e políticos, através do movimento feminista organizado, e a educação feminina passou a ser pensada e questionada.

No Brasil do início do século XX, a crença nos ideais de progresso, trazido por meio da educação, impulsionou a instrução feminina. No Piauí, essa visão se concretizou com a fundação de escolas, principalmente as confessionais, que ensinassem preceitos morais, dignos de uma formadora de cidadãos. Era esse o papel pensado para as mulheres até meados do século. Ser bem educada para criar seus filhos e filhas dentro dos preceitos cristãos e amantes da pátria.

A partir desses anos, a educação no âmbito escolar era um fator determinante para a formação moral das jovens e de fundamental importância, em se tratando das mulheres de famílias mais abastadas. As diferenças nas camadas pobres se davam no sentido de que muito cedo as moças deveriam aprender um ofício e ajudar no rendimento mensal da família. Lentamente elas foram adentrando por esses espaços e enveredando pelo mundo das letras.

Silvia Arend (2012, p. 72) aponta que, a partir do início do século XX, as filhas das famílias de elite e dos setores médios passaram a frequentar a escola, do Primário ao Secundário, nas escolas confessionais católicas – particulares e femininas – e apontava como possibilidade para as meninas pobres o ensino público, em escolas mistas. No entanto, essa

afirmação não se aplica à realidade picoense, por não existirem na cidade escolas particulares de ensino Ginásial e Secundário, apenas de ensino Primário, naquele período.

As meninas de melhores condições sociais ingressavam no *Grupo Escolar Coelho Rodrigues*, criado em 1929, e ou no *Colégio das Irmãs*, de 1944, ambas de ensino Primário. A primeira, uma escola mantida pelo governo; e a segunda, única instituição particular de cunho religioso existente na cidade, no período em estudo.

Após a conclusão do ensino Primário, as moças tiveram que esperar alguns anos até que fosse criada em Picos, nos anos de 1950, uma escola de ensino Ginásial, neste caso, o *Ginásio Estadual Picoense*. O ensino de grau médio, na cidade, só foi possível em meados da década de 1960, quando da fundação da *Escola Normal Oficial de Picos*.

As experiências das meninas pobres não se modificaram na virada do século, o trabalho para auxiliar nas despesas domésticas ainda fazia parte de suas trajetórias.

Neste capítulo, faremos uma abordagem do sistema educacional picoense, por meio da leitura do meio urbano, problematizando as experiências sociais das estudantes picoenses e do mundo do trabalho feminino, possível através da chegada da Escola Normal.

2.1 Vestidas de azul e branco: as estudantes e o sistema educacional

Picos, “pequeno núcleo urbano harmoniosamente integrado ao meio rural” (DUARTE, 1995, p. 19), é assim que Renato Duarte define esta cidade, nos idos de 1950, em seu livro de memórias. Elevada à categoria de cidade pela Resolução n. 33, em 1890 (ALBANO; SILVA, 2011, p.44), Picos, mesmo nos anos de 1950 e 1960, mantinha suas raízes fincadas no campo; dependia da pecuária e agricultura como principais atividades econômicas da região, apresentando grandes plantações de alho – município considerado maior produtor (DUARTE, 1995) – cebola, batata e abóbora, no leito do rio Guaribas.

O campo era a garantia de sustento para grande parte da população que vivia tanto de cultivo para a sobrevivência familiar, como, principalmente, para comercialização da colheita (Tabela 1).

O relevante desenvolvimento agrário, formado por culturas de vazantes (Tabela 2), conferiu-lhe, no ano de 1966, o título de Município Modelo do Piauí, pelo Instituto Brasileiro de Assistência aos Municípios (ALBANO; SILVA, 2011, p. 54).

Tabela 1 - Atividade econômica de pessoas presentes de 10 anos e mais, por sexo, Picos, 1950

RAMO DE ATIVIDADE	TOTAL	SEXO	
		FEMININO	MASCULINO
Agricultura, pecuária e avicultura	15.047	872	14.157
Indústrias extrativas	1	-	1
Indústrias de transformação	163	3	160
Comércio de mercadorias	252	9	243
Comércio de imóveis e valores mobiliários, créditos, seguros e capitalização	6	-	6
Prestação de serviços	544	295	249
Transportes, comunicações e armazenagem	76	3	73
Profissões liberais	22	5	17
Atividades sociais	84	51	33
Administração pública, legislativo, justiça	58	7	51
Defesa nacional e segurança pública	16	-	16
Atividades domésticas não remuneradas e Atividades escolares discentes	16.153	15.468	667
Atividades não compreendidas nos demais ramos, atividades mal definidas ou não declaradas	1	-	1
Condições inativas	3.189	1.359	1.830
TOTAL	35.594	18.072	17.522

Fonte: Revista Piauiense dos Municípios (1955).

Tabela 2 - Pessoas de 10 anos e mais, por sexo, com atividade no ramo de agricultura, pecuária e silvicultura

	1940		1950 ⁸	
	M	F	M	F
Teresina	9156	501	11049	249
Parnaíba	4817	54	3500	27
Picos	10351	2272	14175	872

Fonte: IBGE, Recenseamento Geral de 1940 e 1950.

As Tabelas 1 e 2 nos indicam que o trabalho em atividades ligadas ao campo era mais presente na cidade de Picos do que em outras, como Parnaíba e Teresina. Esta, conforme Alcides Nascimento, estava se modernizando: “Teresina, juntamente com Parnaíba e Floriano, passou a receber um maior contingente de migrantes; atraiu inúmeros serviços e consolidou sua função de centro comercial” (NASCIMENTO, 2007, p. 196-197). O processo de

⁸ Não informamos os dados referentes a 1960 porque a metodologia do IBGE não estava em conformidade com as dos anos anteriores, sendo acrescentadas nesses números as atividades extrativas, o que portanto, não ficaria em consonância com os dados de 1940 e 1950.

modernização em Picos só se tornaria mais visível com a chegada dos integrantes do *Projeto Rondon*,⁹ em fins dos anos 1960, e com a instalação do 3º Batalhão de Engenharia e Construção (3º BEC), já na década de 1970, quando a cidade foi mudando geograficamente, e, em especial, com relação ao cotidiano e ao comportamento dos cidadãos.

Das pessoas ligadas ao ramo da agricultura, pecuária e silvicultura, nas décadas de 1940 e 1950, em Picos, 11,36% eram mulheres que desenvolviam essa atividade, enquanto Teresina (3,57%) e Parnaíba (0,95%) juntas somavam menos de 5% das mulheres que ainda estavam ocupadas nesse ramo da atividade econômica. Entretanto, confrontando os dados das duas décadas, percebemos que, em todas as cidades observadas, o trabalho feminino no campo teve considerável queda nos anos de 1950, provavelmente, porque a instrução feminina se apresentava como nova possibilidade às mulheres.

Se compararmos as cidades como Teresina e Parnaíba, que figuravam entre as principais cidades do Piauí na primeira metade do século XX, temos as seguintes informações (Tabela 3):

Tabela 3 - Pessoas de 5 anos e mais de instrução declarada

	SABEM LER E ESCREVER		PERCENTUAL(%) ¹⁰	
	1950	1940		
Teresina	20.511	28.939	35,50	37,87
Parnaíba	3.745	17.143	38,97	41,52
Picos	6.671	9.559	20,39	21,61

Fonte: IBGE, Recenseamento Geral de 1940 e 1950.

A análise dos dados censitários é de fundamental importância para que levantemos uma questão: – Por que o nível de escolaridade das crianças picosenses dos anos 1950 é tão baixo?

Esta informação apresenta-se nas Tabelas 2 e 3. Os dados podem ser explicados em razão de a educação ter sido um fator que não despertava grande interesse na sociedade picosense, predominantemente rural até meados do século XX.

Outra informação relevante, para nossa pesquisa, consistia na baixa participação feminina no trabalho da roça, pois, nesses anos, o papel central da mulher era o cuidado com a

⁹ O *Projeto Rondon* é um projeto de integração social entre estudantes universitários voluntários e comunidades carentes do interior do Brasil, que desenvolve ações de assistência médica, pesquisa e levantamento do lugar visitado. Iniciou no ano de 1967, sendo extinto em 1989. No ano de 2005 foi novamente reativado pelo governo federal.

¹⁰ Dados baseados na totalidade das pessoas de 5 anos e mais que foram consultadas, incluindo-se as que não sabem ler e as sem declaração de instrução.

casa, enquanto o do homem era prover o sustento, que, no caso de Picos era, para a maioria das pessoas, tirado do campo. Por isso, a instrução que se fazia necessária naquele momento era a das atividades ligadas à agricultura, ao pastoreio e à pecuária. Os ensinamentos eram transmitidos no dia a dia, ao observar e auxiliar os pais nas suas tarefas cotidianas; aos meninos, a profissão de vaqueiro ou agricultor; às meninas, ser donas de casa.

Segundo Alveni Vieira (2005), é apenas no início do século XX que a educação formal em Picos vai surgir. Antes disso, o município era atendido apenas pelas duas escolas primárias, separadas entre escola para meninos e escola para meninas.

As famílias de melhor condição social contratavam mestres-escolas para ministrar aulas aos seus filhos nos povoados mais distantes; e eram assim chamados por darem aulas em ambientes considerados, de certo modo, inapropriados à função de escola. Esses mestres-escolas abriam suas casas para receber os alunos e transformavam-nas em um ambiente escolar, durante o período em que estavam ensinando; ou ainda se deslocavam para a casa dos próprios alunos para ministrarem suas aulas. Casa e escola se confundiam e se complementavam diante das atividades desses professores de “improviso”. Alcebíades Costa Filho, em seu trabalho sobre o ensino no Piauí do século XIX, explicita bem a importância desse tipo de escola na sociedade piauiense e assinala:

Os móveis resumiam-se a uma grande mesa, com um imenso banco de madeira sem encosto, onde as crianças se acomodavam para receber as aulas. No meio da sala, sentado ou encostado à rede armada, o mestre tomava as lições dos alunos que ficavam em pé ou sentados em uma cadeira ao lado (COSTA FILHO, 2006, p. 143).

Em Picos, mesmo na metade do século seguinte, período de abordagem desta pesquisa, tal prática ainda estava bastante presente no processo de escolarização das crianças, sobretudo daquelas que residiam ou tinham familiares no meio rural. A narrativa de uma de nossas entrevistadas, Olívia Borges, que iniciou seus estudos na década de 1940, nos esclarece sobre isso:

Quando eu ia pro interior meu pai levava um professor particular pra ensinar meus irmãos lá do interior, um levava o professor e as outras famílias mandavam os filhos. Eu tive um professor no interior que ensinava a gente escrevendo longas cartas e dando pra gente ler e funcionava bem (Olívia Borges).

As aulas aconteciam de forma muito precária, na própria fazenda, e reunia, muitas vezes, além dos filhos dos fazendeiros, a criançada da vizinhança. O período das aulas era muito curto, variando entre um a dois meses, tempo necessário para as crianças e jovens

aprenderem as noções básicas. Para confirmar o nível de aprendizagem, os mestres-escolas faziam uma prova oral, conhecida como sabatina, que recapitulava as matérias, alternando entre o ABC ou a tabuada. Um trecho da entrevista analisada pelo pesquisador Samairkon Alves, em seu trabalho, concedida pela professora leiga Helena Araújo, que atuou na cidade de Picos, é muito significativo, ao apontar:

[...] eu comecei a dar aula na minha casa, na casa de meu pai, eu arranjei dez alunos, a 5 mil réis pra mim ensinar de manhã e de tarde, ai deram fé que eu tava ensinando em casa, eu tinha o que? Treze anos de idade, ai quando completei catorze eu passei a ser uma professora ambulante. [...] (ALVES, 2011, p. 21).

A citação supramencionada nos traz duas informações importantes, a primeira delas reforça a ideia de um ensino precário nos idos de 1950, temporalidade na qual a pesquisa de Samairkon Alves está inserida, mostrando, por meio da memória, que a trajetória dos mestres-escolas era bastante movimentada, por terem que arranjar alunos para ministrar aulas, inicialmente em casa, e posteriormente percorrendo os espaços da rua. A segunda informação a que devemos nos ater diz respeito à idade em que os/as mestres-escolas iniciavam nessa profissão, ainda muito jovens, adolescentes leigos(as) saíam de suas casas para ensinar as primeiras letras a outras crianças. Sem instrução profissional, as professoras ambulantes transmitiam ensinamentos básicos de leitura, escrita e aritmética. No ensino baseado em “ler, escrever e contar”, logo as diferenciações entre os gêneros começavam a despontar, como sugere Guacira Lopes Louro no estudo sobre as mulheres nas salas de aula no início do século XX: “para os meninos, noções de geometria; para as meninas, bordado e costura” (LOURO, 2001, p. 444), e que, para a maioria das moças, consistia em sua única formação.

Em todas as classes sociais, a educação para as mulheres foi pensada nesse novo modelo de nação como forma de reforçar padrões conservadores de uma sociedade patriarcal, de educá-las para se tornarem boas esposas, companheiras dos maridos e conscientes de seu papel como mãe. De ambas eram cobrados o casamento e a maternidade, como explicita ainda Guacira Louro:

As concepções e formas de educação das mulheres nessa sociedade eram múltiplas. Contemporâneas e conterrâneas, elas estabeleciam relações que eram também atravessadas por suas divisões e diferenças, relações que poderiam revelar e instituir hierarquias e proximidades, cumplicidades ou ambiguidades. Sob diferentes concepções, um discurso ganhava a hegemonia e parecia aplicar-se, de alguma forma, a muitos grupos sociais a afirmação de que as “mulheres deveriam ser mais educadas do que instruídas”, ou seja, para elas, a ênfase deveria recair sobre a formação moral, sobre a constituição do *caráter*; sendo suficientes, provavelmente, *doses pequenas* ou *doses menores* de instrução. Na opinião de muitos, não

havia porque *mobilizar* a cabeça da mulher com informações ou conhecimentos, já que seu destino primordial – como esposa e mãe – exigiria, acima de tudo, uma moral sólida e bons princípios (LOURO, 2001, p. 446).

Os estudos de Carla Bassanezi Pinsky, que tratam dos anos de 1950, reforçam a ideia apresentada na citação de Guacira Louro, mesmo no início do século. Pinsky aponta que “na ideologia dos Anos Dourados, maternidade, casamento e dedicação ao lar faziam parte da essência feminina; sem história, sem possibilidades de contestação” (PINSKY, 2011, p. 609). Entretanto, os mesmos anos dourados consistiram no início de mudanças significativas nos papéis femininos; mas se faz necessário entender que não recaíram da mesma forma sobre todos os sujeitos (SOIHET; PEDRO, 2007, p. 55). Observe-se, a seguir, a narrativa de Raimunda Moura¹¹:

Pra minha mãe, ela acha que a mulher – porque foi a vivência dela, em 1914 – então ela conviveu com esse tempo de seca no Nordeste, vida de interior e tudo, ela achava que saber ler e escrever e que o curso pedagógico era tudo que tinha pra mulher. Que a mulher tinha que ser preparada com prendas domésticas. Ela me colocava em curso de arte e culinária que eu fiz, detesto cozinha, aprendi de tudo, sei fazer de tudo, mas eu detesto. Ai me colocava pra fazer costura, essas coisas de prendas domésticas, mas eu nunca gostei disso ai. Fiz, porque ela queria que eu fizesse, aprendia né? Mas me dedicar a isso, não! (Raimunda Moura).

Como bem sublinha a entrevistada, as temporalidades em que ela e a mãe vivenciaram a juventude foram relativamente distantes, e esse é um fator que difere em grande medida a personalidade de cada uma. No início do século XX, em Picos, época em que a mãe da entrevistada era jovem, a educação feminina se apresentava apenas com o Ensino Primário, separado entre uma escola para meninos e outra para meninas, como explicitado por Alveni Vieira (2005). As crianças que moravam no meio rural e não tinham condições de se deslocar até a cidade mantinham suas aulas com os mestres-escolas para desasná-las; ou “desarnar”, expressão habitual à época, que significa que os mestres iam tirar as crianças do analfabetismo, por meio do ensino das primeiras letras em um curto período de tempo; os valores cobrados ficavam a cargo de suas próprias famílias. O que se ensinava às meninas do início do século era a submissão, castidade, delicadeza, e o apreço às prendas domésticas e trabalhos manuais.

Segundo dados censitários analisados, dos anos de 1940 (IBGE, 1952) e 1950 (IBGE, 1956), em Picos, a relação com o grau de escolaridade de pessoas com dez anos e mais é de relativa equidade entre homens e mulheres, sendo, em 1940, 50% homens e 50% mulheres;

¹¹ Foram utilizadas duas entrevistas com Raimunda Moura, a primeira, concedida para servir como fonte no nosso trabalho de conclusão de curso em 2011, e a segunda, feita em 2013, para utilizá-la nesta dissertação, assim como as das demais entrevistadas supramencionadas.

1950, os homens são 53,18% e as mulheres correspondem a 46,81%. Os dados apresentados demonstram relevante distinção apenas no Ensino Superior, no qual a aparição das mulheres é ínfima ou inexistente. Essas informações diferem um pouco em relação aos dados relativos aos que sabem ler e escrever (Tabela 3), pelo fato de que o ensino por meio de mestres-escolas permitia-lhes ler, mas não possibilitava a aquisição de diploma. Não fizemos referência aos anos 1960 apenas por não haver dados equivalentes; os encontrados davam conta de pessoas com cinco anos e mais.

Faz-se interessante apontar que nessas mesmas décadas as cidades de Teresina¹² e Parnaíba apresentam dados em que a instrução feminina supera a masculina, em todos os graus, excetuando-se o nível superior.

A rede escolar picoense nos anos estudados nesta pesquisa aponta para um crescimento. Sobre o quadro escolar picoense na metade do século XX, a pesquisa da professora Jane Sousa sobre o *Grupo Escolar Coelho Rodrigues* e o *Ginásio Estadual Picoense* será de grande valia para este capítulo. Ela nos aponta:

No início da década de 50, o ensino na cidade de Picos estava assim constituído: havia o Ginásio Estadual Picoense, em que funcionavam o curso ginásial e um curso técnico de comércio; 54 unidades de ensino primário fundamental, sendo 11 mantidos pelo governo estadual, 30 pelo municipal e uma escola particular; e cinco cursos supletivos (SOUSA, 2005, p. 50).

As escolas de Ensino Primário, nos anos de 1950, conforme texto citado, já faziam parte da realidade picoense de forma contundente. As primeiras letras eram uma realidade possível para meninos e meninas, com base nos discursos sobre a importância da educação para a constituição de uma nova nação republicana, advinda de metade do século XIX. Deste modo, foi através do *Grupo Escolar Coelho Rodrigues* que a instrução pública piauiense foi se firmando cada vez mais. Antes de sua criação, existiram outras escolas, de acordo com Jane Sousa (2005), entretanto a escola das lembranças dos atores sociais desta pesquisa é o *Ginásio Estadual Picoense*, bem como a Escola Normal, dos quais trataremos mais adiante.

Funcionando em prédio alugado, o *Grupo Escolar Coelho Rodrigues*, fundado no dia 15 de fevereiro de 1929, (ALBANO; SILVA, 2011), anos mais tarde, ganha sede própria, na Praça da Bandeira, denominada nos dias atuais como Praça Josino Ferreira. A criação se deu por influência, à época, do então Cel. Francisco de Sousa Santos, Intendente Municipal de

¹² Teresina aponta em 1940, 45,81% de homens escolarizados, para 54,18% de mulheres; e em 1950, 47,53% são homens e as mulheres são 52,46%. E Parnaíba aponta 48,29% entre os homens e 51,70% entre as mulheres, em 1940; e nos anos de 1950 os homens correspondem a 46,38% e mulheres a 53,61%. Cf. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 1940 e 1950.

Picos até 1928. Homem da política, detentor de grande prestígio social, conseguiu implantar em Picos um grupo escolar que trazia consigo práticas pedagógicas modernizantes, por meio da admissão de professoras normalistas para ministrarem as aulas. Os grupos escolares constituíam tentativas de modernizar a instrução pública no País e ultrapassar os modelos de casa-escola (LOPES, 2013a).

Esse modelo de escola foi fundado em vários cantos do Brasil. Em Santa Catarina, segundo Vera Lúcia Silva (2013), o primeiro grupo escolar foi criado na década de 1910. No Piauí, o primeiro deles não foi inicialmente implantado na capital, mas na cidade de Parnaíba, em 1922. Na capital Teresina, só veio a ser fundado nos anos de 1928 (LOPES, 2006), e em Picos, funcionou, inicialmente em uma sala alugada; a construção do prédio próprio só se deu no ano de 1932.

Conceição Albano, que estudou no Grupo em fins de 1940, reforça que as aulas eram ministradas em turmas com meninos e meninas juntos, ela relembra:

Tinha, já tinha turmas mistas. Até no Grupo Escolar que eu estudei já tinha primeiro ano A e primeiro B. Naquele tempo num tinha alfabetização, jardim, isso é coisa de agora, eu fiz o primeiro B na Escola Estadual Landri Sales,¹³ que é hoje ali onde é a Secretaria da Fazenda, ai o segundo e terceiro eu fiz no Grupo Escolar Coelho Rodrigues, quarto ano no Colégio das Irmãs, ai fiz o famoso exame de admissão (Conceição Albano).

Do primeiro ao quarto ano, o Grupo configurava entre as principais opções de escola para que as crianças picoenses possuíssem um diploma do Ensino Primário, nessas primeiras décadas.

A professora, no Grupo Escolar Coelho Rodrigues, era a mesma em todas as séries, pois segundo Sousa (2005, p. 31), ela acompanhava os alunos e os dividia pela idade, formando turmas A e B em cada série.

As disciplinas ministradas estavam de acordo com a reforma de 1933; iam desde Educação Cívica a Técnicas Literárias, da Saúde e de ensinamentos de agricultura, pecuária e trabalhos manuais. Para as meninas trabalhos manuais, para os meninos exercício militares, disciplinas que estavam de acordo com o ideal de Nação pretendido, o homem defendendo a pátria e a mulher em casa, preparando a casa para a chegada do marido. As disciplinas ministradas eram baseadas nos ensinamentos de *trabalho, ordem e asseio* (SILVA, 2013),

¹³ A Escola Municipal Landri Sales foi criada em 1935. Ver: PINHEIRO, Cristiane Feitosa. **História e memória da Escola Normal Oficial de Picos (1967-1987)**. 2007. 205f. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFPI, Teresina, 2007, p. 63.

princípios estes que norteariam um novo modelo de escola que se estava formando, ou seja, os grupos escolares.

Na década de 1950, Raimunda Moura estudou no *Grupo Escolar Coelho Rodrigues*, e relata que o ensino era dividido entre 1º ano forte, para os que já tinham noções básicas; e 1º ano fraco para os iniciantes:

Comecei no interior, meu pai pagava uma professora que foi quem nos alfabetizou, porque naquela época só tinha o Grupo Escolar Coelho Rodrigues e só entrava com 7 anos de idade. Não tinha alfabetização, entrava já no primeiro ano, onde tinha duas turmas, uma pra quem já sabia as letras do alfabeto e alguma coisa, a outra pros alunos mais fracos. Aí estudei até a terceira série no Coelho Rodrigues [...] (Raimunda Moura).

Conforme vimos nas memórias supramencionadas, as turmas eram de formação mista, separadas apenas entre os que já entravam na escola, sabendo as primeiras letras e os que possuíam a idade certa de matricular-se, mas não haviam recebido instrução nenhuma antes de entrar no Grupo Escolar. Contudo, a participação feminina nos idos de 1954 mostrava-se um pouco inferior em relação à masculina, apresentando dados de 41,96%.

A educação mista dispensava uma atenção maior das professoras nas relações entre meninos e meninas, adotando uma postura rígida diante das investidas entre os gêneros, fato apontado por Enoque Bispo de Sousa, ao narrar à Jane Sousa suas lembranças do tempo de escola: “[...] Uma das professoras mais severas era Dona Ricardina, da qual cheguei a receber alguns castigos, e um deles foi por causa de um bilhete que enviei para uma menina [...]” (SOUSA, 2005, p. 52).

Contrapondo-se a esta mistura, o *Colégio das Freiras* oferecia uma escola de formação religiosa, apenas para meninas – a abertura dessa instituição para a educação mista se deu apenas em 1970. Fundado na década de 1940, no ano de 1944, contava com uma educação primária e religiosa, com regime de internato apenas nos primeiros anos (SOUSA, 2005). O *Instituto Monsenhor Hipólito*, que recebeu esse nome como homenagem a Monsenhor Hipólito, religioso que manifestou o desejo de criar uma escola religiosa em sua terra natal. Após sua morte, o projeto foi concretizado, com a criação da escola que levava o seu nome.

A iminência da criação dessa forma de ensino no Brasil estava diretamente ligada à clericalização¹⁴ do catolicismo brasileiro, implantado durante o regime republicano no País

¹⁴ A clericalização consistiu na tentativa de tirar o poder de comando dos leigos, o que gerou ainda a necessidade de um público dócil às ações da Igreja. Cf. NUNES, Maria José Rosado. Freiras no Brasil. In: PRIORE, Mary del (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. 10 ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011.

em fins do século XIX, e a conseqüente perda de espaço da Igreja Católica com a laicização do Estado. Uma alternativa encontrada pela Igreja para a efetivação do ensino cristão retirado do currículo escolar brasileiro foi a fundação de escolas confessionais para meninas que objetivavam reafirmar os preceitos cristãos, bem como educá-las para a vida materna com o propósito de que estas educassem seus filhos no espírito religioso cristão (SILVA, 2007), preservando os espaços sociais da Igreja. Para tanto, duas congregações femininas estrangeiras implantaram seus ensinamentos no Brasil, as *Filhas de Caridade*, em 1849, e as *Irmãs de São José de Chambéry*, em 1858 (NUNES, 2011, p. 492).

Ana Cristina Lage, ao tratar da criação, no início do século, da primeira escola confessional para a elite sul mineira da *Congregação de Nossa Senhora de Sion*, aponta que uma das causas da implantação desse ensino no Brasil foi a arrecadação de recursos financeiros, mas ainda uma forma de distanciar as estudantes do ensino leigo e das ideias modernizantes. A maioria das escolas confessionais estava ligada a uma congregação religiosa (LAGE, 2013).

No Piauí, a *Congregação Italiana das Irmãs Pobres de Catarina de Sena*, logo no início do século, criou as primeiras escolas confessionais, nas quais destacamos o *Colégio Sagrado Coração de Jesus*, em 1906, em Teresina; e o *Colégio Nossa Senhora das Graças*, no ano seguinte em Parnaíba (SILVA, 2007, p. 49). A *Congregação das Filhas do Coração Imaculado de Maria* foi a responsável pela criação do colégio em Picos.

De todas as entrevistadas, apenas Raimunda Moura não estudou no *Colégio das Freiras*. Olívia Borges, Conceição Albano, Jesus Carvalho e Maria Maia estudaram do final dos anos 1940 para o início de 1950, enquanto Doralice Moura e Oneide Rocha estudaram no final de 1950. Funcionava na Rua Grande, atual Avenida Getúlio Vargas, no prédio onde há bem pouco tempo funcionava o Fórum da cidade.

A formação das meninas nessa instituição ia desde as primeiras letras até a catequese e desenvolvimento de prendas domésticas, disciplinando, desta forma, corpos dóceis e úteis para a sociedade, pois, como assinala Foucault, “a disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’” (FOUCAULT, 2004, p. 119). A figura da Virgem Maria era o modelo de castidade e devoção que deveria ser incorporado pelas estudantes.

Nossas fontes indicam que todas as professoras e funcionárias dos anos de 1952 até 1969 eram mulheres, em sua maioria freiras. A presença masculina identificada na *Revista do Jubileu de Ouro* (1994) da escola se deu apenas em 1970, com a colaboração do professor Rui Barbosa de Moura.

O ambiente escolar, antes mesmo de configurar como um espaço de escolaridade feminina, apresentava-se como um espaço de instrução para as meninas. Os ensinamentos giravam em torno da moral e dos bons costumes, de aprender a ser uma dama e tornar-se uma jovem casadoura, que despertasse a atenção dos rapazes por seu comportamento, “os colégios, principalmente os cristãos, preocupavam-se com a defesa da moral das moças, através da inspeção da farda e do que liam” (CASTELO BRANCO, 2005a, p. 75).

Para tanto, algumas medidas eram adotadas e controladas pelas instituições que remetiam à ordem e também à decência, a começar pelo fardamento, que se tornava preocupação das meninas antes mesmo de adentrar pelo espaço da escola, como citado pela entrevistada, ao apontar para a fotografia de quando estudava no *Colégio das Freiras*.

Mulher, olha aqui... Essa era a farda de gala... Blusa de lingerie branquinha e a saia de tropical... era um tecido mole mas era áspero.. Mas pra dar as preguinhas tinha que colocar em baixo do colchão porque não podia ir amassado, era todo de prega, uma atrás da outra, a gente fazia larga pra ficar bem plissadinha. E meias e sapatos pretos.[...] era feita a saia de prega, mas o tecido era tão grosso, pra não dar bandeira... Ai a gente botava em baixo do colchão pra na segunda feira chegar impecável (Doralice Moura).

Observe-se a imagem a qual a entrevistada se refere, ou seja, os trajes do Colégio das Freiras, a farda do dia a dia e a farda de gala (Figura 1).

Figura 1 – Traje de gala do Colégio das Irmãs



Fonte: Acervo pessoal de Doralice Moura.

O rigor e a disciplina eram cobrados diariamente às estudantes, uma farda limpa e bem apresentável era o primeiro sinal de organização e cuidado que uma menina demonstrava ter.

A instituição possuía ainda uma escola de caridade para as meninas pobres, denominada *Escola São José*, criada em 1947. A farda, os recreios, as aulas, todas as atividades eram separadas das alunas do *Colégio das Freiras*, entretanto, o espaço das aulas e até os professores eram os mesmos. Essa segregação, de acordo com as lembranças de uma das entrevistadas, foi motivo de insatisfação de uma ex-aluna quando esta já era adulta, que nunca aceitou ser obrigada a se manter distante das alunas que podiam pagar o colégio.

Após concluírem o ensino primário, as meninas picoenses de classe média e alta se preparavam para fazer o exame de admissão para o ingresso no *Ginásio Estadual Picoense*, entretanto há de se salientar que, antes de 1950, o percurso educacional da maioria das jovens era interrompido no Ensino Primário por falta de colégios ginásiais na cidade, apenas algumas famílias ricas enviavam suas filhas para colégios fora da cidade. Encontramos um projeto¹⁵ no *Ginásio Estadual*, escrito em 1983, que continha no histórico da escola a informação de que sua criação se deu para atender às camadas mais pobres da sociedade picoense; entretanto, essa informação destoa das análises de Sousa (2005, p. 97), em que ela afirma que eram estudantes da classe média e alta, inclusive com a filha do prefeito estudando lá, quando da sua fundação. Corroboramos o pensamento de Sousa, ao analisar a trajetória de vida dos pais das entrevistadas que eram, entre outros, comerciantes e tabeliães.

Implantado pelo prefeito Celso Eulálio¹⁶ no ano de 1950, o *Ginásio Estadual Picoense* iniciou seu funcionamento na sede do *Grupo Escolar*, sendo transferido algumas vezes de lugar, passando pela Rua Monsenhor Hipólito, no prédio onde funciona atualmente a *9ª Gerência Regional de Educação* e fixando-se em sua última sede, na qual funciona até os dias atuais, na Rua Luís Nunes.

E Celso apesar do pouco estudo que tinha, tinha ideias largas e progressistas, e foi ele quem fundou o Ginásio de Picos, há muito requerido e necessário. Teve gente que esperou 10 anos pra fazer o ginásio, naquele tempo não chamava ensino fundamental, era primário e ginásio, então o pessoal que já tinha terminado o primário aqui, ainda esperavam pelo ginásio. Celso foi quem nos proporcionou isso, pode-se dizer que foi como dar corda no relógio da evolução, não só acadêmica, mas também lá dentro com a união e o trabalho de equipe, com bons professores e diretores, e nós começamos também uma conquista, a da cidadania (Olívia Borges).

¹⁵ Projeto para a criação do curso de “Preparação para o Trabalho”, de acordo com o que dispõe a lei nº 7.044, de 18 de outubro de 1982, no ensino do 2º grau no Estado do Piauí, na cidade de Picos. Picos, 1983.

¹⁶ Nascido em 15 de outubro de 1907 na cidade de Picos-PI. Foi prefeito de Picos dos anos de 1948 a 1951, falecendo em 18 de junho de 1980.

A prática de enviar os filhos para estudar em outras cidades pelas famílias abastadas ainda ficava restrita especialmente à figura do homem, e em grande medida para cursar o Ensino Superior. Portanto, a fundação do *Ginásio Estadual Picoense* foi de grande valor social para que as picoenses pudessem dar continuidade aos estudos. A importância do Ginásio é enfatizada por Olívia Borges, no relato supracitado, e também reafirmada por sua contemporânea.

Sobre a educação nesse tempo é isso que eu falei, a mulher já podia estudar, já tinha essa preocupação... Eu terminei meu ginásio aqui e depois fui pra fora. Eu queria fazer uma abertura aqui pra falar sobre a importância do Ginásio Picoense, que foi criado em 1950, eu sou da segunda turma e meu irmão Ozildo que foi meu protetor, foi um pai, foi aquele que me conduziu pra estudar, era uma pessoa mais velha que eu 7 anos e só tinha uma irmã mulher e eu estudei em Fortaleza de 55 a 62 (Conceição Albano).

Este relato sobre a mudança de postura da sociedade dos anos cinquenta em relação à educação feminina é esclarecedor; época em que os filhos mais velhos influenciavam os mais novos a prosseguir nos estudos. Ozildo Albano,¹⁷ um grande visionário, foi o incentivador diante dos pais para que a irmã desse o devido seguimento à vida acadêmica.

A matrícula no Ginásio só se efetivava se o estudante passasse no exame de admissão, uma espécie de vestibular, como ainda há nos dias atuais.

Inclusive tinha a rádio difusora, tinha um megafone bem grande que saía lá na praça. Que quando a gente passava no vestibular, quer dizer, vestibular não, exame de admissão, que era como se fosse o vestibular... eu passei no final de 1963, lá que dava as notas da gente e todo mundo escutava. Ai quem era reprovado saía chorando. Ai saía a lista com o nome do aluno e a pontuação... Tirou tanto em matemática, português, ai quem passava era uma glória, soltava foguetes, era como hoje no vestibular (Doralice Moura).

Os megafones supracitados são os alto-falantes da Rádio Amplificadora *Luar do Sertão* que existia em Picos. Os cidadãos se apropriavam da amplificadora para oferecer músicas e prestar serviços à comunidade. Assim eram veiculadas informações sobre vagas para empregos, oferta de produtos e transmissão de notícias por meio de um jornal, fato que se tornou uma constante nas amplificadoras de outras localidades: “Até o início da década de 1950, através dos alto-falantes, as pessoas que circulavam pelo centro da cidade durante o dia

¹⁷ Ozildo Albano foi um juiz de direito, professor, historiador picoense. Durante toda a sua vida guardou objetos, livros e documentos importantes da história de Picos, formando um museu em sua própria residência. Após o seu falecimento seus familiares e amigos fundaram o Museu Ozildo Albano. José Albano de Macedo, seu nome de registro, nasceu em 20 de novembro de 1930 na cidade de Picos, e no dia 5 de julho de 1989 foi vitimado por um infarto, que lhe tirou a vida. Cf. Picos nas anotações de Ozildo Albano.

escutavam ofertas de produtos do comércio, notícias, avisos (prestação de serviços)” (SOLON, 2010), pondera Daniel Solon ao tratar do uso dos alto-falantes em Teresina.

Conforme vimos, uma dessas informações que os alto-falantes anunciavam para a população era o resultado do exame de admissão para o *Ginásio Estadual*.

A primeira turma possuía quarenta e três alunos matriculados,¹⁸ entre eles, a nossa entrevistada Jesus Carvalho. Destes, 60,46% (26) eram mulheres, indício de que a educação já se tornava fator importante para o destino das mulheres picoenses de melhores condições econômicas e sociais.¹⁹ Filhas de pais que residiam, no núcleo urbano, em sua maioria. Por outro lado, viam no estudo das filhas uma forma de prepará-las para contrair um bom casamento.

Ainda nos anos 1950, Conceição Albano, Olívia Borges e Maria Maia foram contemporâneas em sala de aula. Na década de 1960, Raimunda Moura, Doralice Moura e Oneide Rocha cursaram o Ensino Ginásial naquela escola. É de fundamental importância frisar que Maria Maia já nos anos sessenta, fazia parte do quadro de professores que ministravam aulas para nossas entrevistadas mais novas; à época, quando as alunas mais novas estudaram nesta escola, o nome da instituição já havia mudado para *Ginásio Estadual Marcos Parente*, dando o nome do engenheiro que criou a planta do prédio e incentivador financeiro desta obra, o deputado estadual Marcos Parente. Acrescente-se a isso o fato de que sua morte se deu ainda nos anos de construção do Ginásio.²⁰ Com isso, os diplomas expedidos da turma de 1966 já vinham com o nome do homenageado. Deste modo, manteremos o nome da fundação do ginásio, por ter sido o que ficou guardado na memória dos picoenses.

Assinale-se que Raimunda Moura²¹ ainda guarda em suas lembranças os desfiles cívicos da Independência do Brasil, que faziam parte do calendário escolar, quando, por exemplo, aos brados, a professora Dorinha Xavier dirigia-se às alunas: – “Vamos meninas, queixo erguido, ombros para trás, coluna reta, rosto sério e muita concentração! Olhem a elegância, eu não quero ver ninguém murcha no desfile!”. As moças se enfileiravam e assumiam uma postura séria para a apresentação nos contornos da cidade.

¹⁸ Projeto para a criação do curso de “Preparação para o Trabalho”, de acordo com o que dispõe a lei nº 7.044, de 18 de outubro de 1982, no ensino do 2º grau no Estado do Piauí, na cidade de Picos. Picos, 1983.

¹⁹ Jane Sousa aponta como segregador o exame de admissão, pois a maioria dos pais investia em cursos preparatórios para seus filhos prestarem o exame. Ver: SOUSA, 2005.

²⁰ Projeto para a criação do curso de “Preparação para o Trabalho”, de acordo com o que dispõe a lei nº 7.044, de 18 de outubro de 1982, no ensino do 2º grau no Estado do Piauí, na cidade de Picos. Picos, 1983.

²¹ Raimunda Moura possui um caderno de memórias feito para a reunião de comemoração dos 32 anos de conclusão do Ensino Ginásial de sua turma do Ginásio Marcos Parente em 2008, ocasião na qual ex-alunos se reencontraram para festejar e dar voz às memórias daquela época. MOURA, Raimunda Fontes. Relato memorial da turma de Concludentes do Ginásio Marcos Parente, ano de 1966: comemoração de 32 anos em 2008. Picos-PI, 2008.

Figura 2- Turma do Ginásio Estadual no desfile de 7 de setembro, nos anos 1960



Fonte: Foto Varão.

Essa postura elegante e séria não era cobrada apenas no momento do desfile; fazia parte da vida social feminina manter-se adequada aos padrões normativos da época. No caderno de memórias, encontramos essa frase dita por uma aluna a suas colegas: “Meninas, parem com isso! Olhem a postura! É muito feio umas moças estudadas andar dando gargalhadas no meio da rua!”. Durante séculos, o riso foi considerado sinal de indecência e reprovado socialmente para as mulheres, constituindo o “equipamento oficial do perfeito sedutor” (CATONNÉ, 2001, p. 85). Esses ensinamentos eram internalizados pelas jovens, que vigiavam a si e às colegas para que não ficassem mal vistas pela cidade.

Poderiam ingressar no Ginásio estudantes a partir de 11 anos de idade em diante; entre as nossas entrevistadas, a idade de conclusão neste grau figura entre 16 a 21 anos.

Raimunda Moura relembra que, ao iniciar nesta escola, em meados de 1960, as turmas eram divididas entre ala das mulheres e ala dos homens, passando a ser mistas, apenas em 1966, por decisão do Capitão Camelo, professor e militar, que comentava: “eu tenho autoridade, eu vou botar moral”. Da turma concludente de 1966, havia 69 alunos, dos quais 44(63,76%) eram mulheres e 25(36,23%) homens.

Podem ser observadas, na sequência, as fotos do Certificado de Conclusão e Formatura (Figuras 3 e 4).

Figura 3 - Certificado de Conclusão do Ginásio Estadual Picoense

MOD. 2

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
GINÁSIO ESTADUAL "MARCOS PARENTE"
PICOS - PIAUÍ

CERTIFICADO DE CONCLUSÃO DO CURSO Ginásial

CERTIFICAMOS que Raimunda Fátima de Moura
filho de Antonio de Moura Ibiapina
e de Maria das Neves de Sousa Moura
natural de Lagoa Grande - PI, nascido em 25 de outubro
de 1947, tendo em vista os resultados das provas prestadas no ano letivo de
1966 na 4ª série do Curso Ginásial, é considerado habilitado
no 1º ciclo Secundário, nos termos da Lei Orgânica do Ensino Secundário (De-
creto-leis n.º 4.244, de 9 de Abril de 1942 e 8.347, de 10 de Dezembro de 1945)

Picos, 8 de Março de 1967

Luiz Pereira de Sousa
DIRETOR

Adelino Maria de Sousa
INSPECTOR
Secretaria

«Lugar de selo ex-vi do Decreto-lei n.º 8.029, de 2-10-1945».

ano _____ Nome do Insp _____

Fonte: Arquivo Escola Normal Oficial de Picos.

Figura 4 – Foto oficial da Formatura no Ginásio



Fonte: Acervo pessoal de Conceição Albano.

Alunos de todas as séries conviviam em harmonia no *Ginásio Estadual*; Olívia Borges corrobora essa afirmação, quando nos expõe sobre a criação do *Grêmio Literário Da Costa e Silva*,²² em que teve participação – sendo da segunda turma – junto com Ozildo Albano, membro da primeira turma, quando da fundação do colégio:

Ozildo que era superinteligente, vivia de olho nas injustiças e a gente ia com ele. Ele congregou todo mundo e fundamos o Grêmio Literário Da Costa e Silva, e o grêmio foi o embrião de muitos empreendimentos importantes pra cidade durante o tempo que a gente atuou como ginásianos, inclusive o jornal [...] teve um que quis fechar o ginásio, nós fizemos o enterro do cara, do “testa de ferro”, e isso foi uma confusão imensa, um movimento estudantil que nem na capital naquela época nunca tinha acontecido e nós fizemos aqui. Mas aí quando terminou tudo, resolvemos sentados no escritório que era o poleiro da praça, ou uma sala lá do ginásio, a gente resolveu então trabalhar para ter o jornal. Ai pra ter o jornal a gente começou fazendo rifas e tudo que era possível, inclusive uma peça teatral, que a gente apresentou até em Itainópolis, foi o ponto alto da emancipação política da cidade, nós lá apresentando a peça. A peça falava de dominados e dominantes, então isso já começa a coçar na cabeça do povo, o teatro é uma bela imitação da vida. Ai a gente começou a ensaiar aquela peça “Deus lhe pague”, que era bem avançada pra época, eu como atriz principal ia fazer a mulher do esmolé, ai eu era noiva na época e meu futuro marido acabou com a minha carreira de atriz. Tinha um beijo, ai eu disse: “é só fingindo!”, mas ele não acreditou! (Olívia Borges).

²² Possivelmente, o nome dado ao Grêmio Estudantil seja em homenagem ao poeta piauiense Antônio Francisco da Costa e Silva, autor do Hino do Piauí, nascido em Amarante, 1885, e falecido no Rio de Janeiro, no ano de 1950, mesma década de criação do referido grêmio.

A mobilização dos estudantes picoenses em busca de direitos era recorrente na cidade, em meados do século, e contava com a participação das mulheres. As iniciativas advindas dessa mobilização impulsionaram o desenvolvimento do Jornal *Flâmula*.²³ Estimulavam-se pelos ideais de modernização de outras cidades do Piauí e do Brasil, que acompanhavam por meio de revistas que circulavam na cidade, trazidas por caixeiros-viajantes em suas passagens pela cidade ou mandados por familiares de outros cantos do Brasil, conforme o relato a seguir.

Sempre tinha, porque meu irmão que morava em São Paulo me mandava caixotes de livros e revistas, até livros-biografias que eu mandava pedir, ele me mandava de lá ainda na década de 1950 e também os livros de Ozildo. Ozildo começou a juntar livros pra biblioteca dele ainda muito jovem... (Olívia Borges).

Ao discorrer sobre temas que tratam desde o centenário da capital piauiense até a possível ida dos homens à Lua, percebemos que a juventude, à época, não se prendia a leituras em âmbito local, estava atenta aos fatos que aconteciam no Brasil e no mundo. O *Flâmula* foi fundado pelo *Grêmio Literário Da Costa e Silva*, e, para a compra dos materiais de confecção, os estudantes angariaram fundos por meio de vendas de rifas e apresentação de atividades culturais, como peça teatral (MOURA JÚNIOR, 2013). As mulheres também faziam parte do teatro; contudo, a entrevistada relata não mais participar das peças, em razão de as cenas implicarem em uma aproximação mais ousada entre os artistas, e por isso ser impedida pelo noivo.

Nas edições as quais tivemos acesso, que fazem parte do ano de 1952, encontramos matérias²⁴ assinadas por mulheres que compõem os mais diversos temas, a destacar:

A MULHER NA HISTÓRIA Maria Aldery L. Albano²⁵

Desde os tempos mais antigos, a mulher vem se destacando ao lado do homem, nas letras, nas artes e até nas armas.

Assim é que vemos uma jovem como Joana D'Arc ter um grande papel na história, pois foi ela quem pôs fim à guerra dos 100 anos, com a vitória dos franceses.

²³ Para obter mais informações sobre o Jornal **Flâmula**, ver ALMEIDA, Eduardo Henrique Barbosa de. **O literário e noticioso estudantil: Flâmula e as formas de representação social em Picos na década de 1950**. 2013. 80 f. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal do Piauí: Picos, 2013.

²⁴ Algumas das matérias são: *Surge uma onda de ideais literárias*, escrita por Marlene Eulálio (**Flâmula**. Picos, ano I, n. 2, p. 1, 29 mar. 1952.); *O trabalho*, por Lurdinha Santos (**Flâmula**. Picos, ano I, n. 5, p. 1, 10 maio. 1952.); *A música*, por Maria do Carmo Leopoldo (**Flâmula**. Picos, ano I, n. 5, p. 2, 10 maio. 1952.); *À nossa bandeira*, assinada por Antonia Bezerra (**Flâmula**. Picos, ano I, n. 5, p. 2, 10 maio. 1952.); *O grande conquistador*, por Maria Yeda G. Leitão (**Flâmula**. Picos, ano I, n. 6, p. 2, 24 maio. 1952.).

²⁵ Maria Aldery Leopoldo Albano era aluna da primeira turma do ginásio. Filha de Tereza Leopoldo Albano e José Albano da Silva, nasceu na cidade de Picos, em 3 de março de 1935.

Mais tarde, Madame Roland inspira verdadeiro patriotismo aos homens e com denodada coragem morre no patíbulo.

No mundo atual a mulher ocupa sempre um lugar de destaque nos altos postos, e distingue-se galhardamente no campo das letras.

É sobre este último tema que nós, ginásianas, devemos distinguir-nos. Amemos as letras, escrevendo, lendo as boas leituras e contribuindo assim para o progresso de nosso querido Brasil.

Já disse alguém que só se aprende bem escrevendo sempre.

É necessário, portanto, que escrevamos para aprender bem.

Para isto dispomos de um jornal, que espera a colaboração nossa.

Flâmula tem recebido poucos artigos de alunas do ginásio.

É preciso então que cooperemos com nosso trabalho.

Trabalhem com ardor para despertar em todos um verdadeiro amor às letras.

Estudando, lendo e escrevendo estamos contribuindo para a grandeza e o progresso de Picos, do Piauí e do Brasil (FLÂMULA, Picos, ano I, n. 11, p. 2, 21 nov. 1952).

Este texto, mais que destacar o papel da mulher ao longo do tempo, soa como uma sacudida nas jovens picoenses, à época, para que saíssem do mutismo e se mostrassem à população. Entretanto, esse mostrar, proposto pela estudante Maria Aldery Albano, deveria ser com o comedimento próprio de moças de boa família, que se preocupam com sua honra – através do investimento em “boas leituras” – e com o futuro do País, exercendo a representação que lhe é atribuída com o advento da República, que é o de incentivadora da ordem e progresso do Brasil.

Desde o século XVIII, as moças eram educadas apenas para saber ler; eram encaminhadas às leituras de contos de fadas, próximas à “realidade” que iriam vivenciar; entretanto, algumas jovens picoenses sobrepunham-se a essas leituras e voltavam seus olhares para um mercado editorial que crescia bastante, entre o final do século XIX e início do XX, o das revistas de fotonovelas. Estas incitavam o amor romântico e as leituras mais apimentadas, que apresentavam casos de exercício da sexualidade feminina, traição; apontavam, portanto, uma fuga aos padrões conservadores.

A leitura, em meados do século XX, em Picos, fazia parte do cotidiano das jovens das classes mais abastadas, que, além de se deliciarem com esse hábito no conforto do lar, ainda socializavam com os amigos na Praça Félix Pacheco. Local de encontros amorosos e de passeios ao anoitecer. Esta possuía ainda, durante o dia, espaço para um divertimento mais intelectualizado, uma vez que a juventude da época aproveitava as sombras das árvores para se sentar em grupos de amigos e contar uns aos outros as histórias lidas nos clássicos. Cada um escolhia um livro diferente e socializava com sua turma, sentados nos bancos da praça.

[...] a gente era uma juventude muito saudável. Eu digo saudável no sentido assim, a gente lia, gostava muito de ler, por exemplo, esses romances *O tempo e o vento*, *Olhai os lírios do campo*. Romances de Jorge Amado, de Érico Veríssimo, tudo nós líamos e ficávamos trocando livros. Nós sentávamos na praça à tardinha ou à noite para falar dos livros que nós estávamos lendo. Então, havia assim uma presença cultural mesmo na nossa vida (Oneide Rocha).

Segundo Nukácia Araújo, foi constante no Brasil, do início até meados do século XX, a publicação de manuais de civilidade, que consistiam em ditar regras de conduta para as jovens, recomendando leituras classificadas como “boas” – a própria autora destaca o *Livro das Noivas* e o *Livro das Donas e Donzelas*, de autoria de Júlia Lopes de Almeida – e repudiando as leituras consideradas “más” (ARAÚJO, 2010, p. 119-120), tais como *A Carne*, de Júlio Ribeiro, leitura feita pelas jovens picoenses, como nos afirmou a entrevistada Jesus Carvalho.

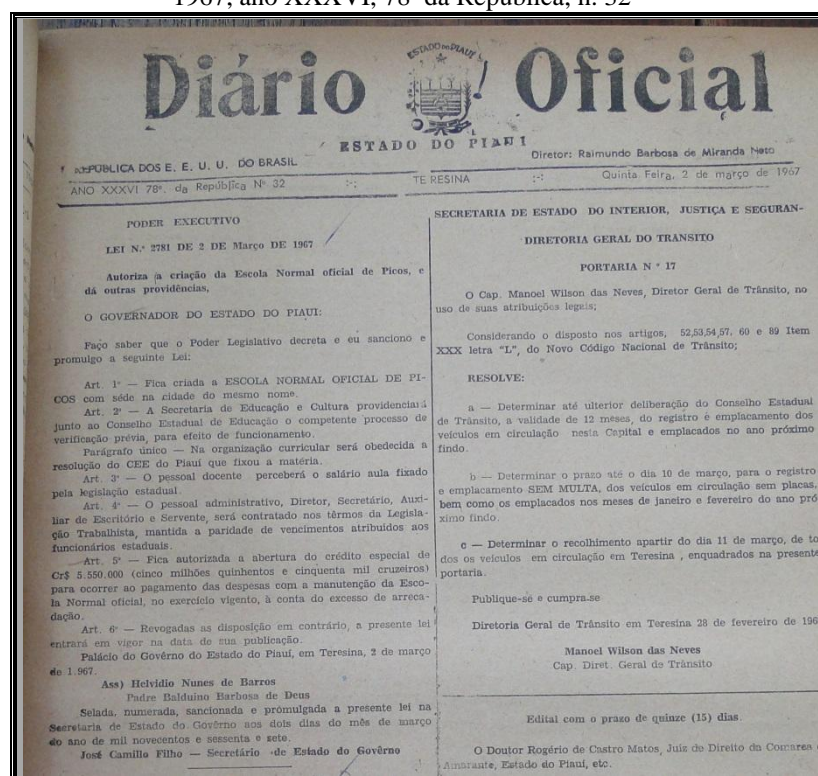
Assim, na medida em que as moças liam livros de donzelas, formadores de meninas casadouras, nos quais muitas delas se apropriavam dos discursos e significavam suas práticas, de acordo com aquilo que assimilavam, havia as que subvertiam as leituras disciplinadoras e viajavam pelo mundo imaginário do proibido. A antidisciplina se apresenta entre as jovens também nas leituras de revistas, voltadas para o público masculino, as que continham ensaios de nudez feminina. No caderno de memórias do Ginásio, encontramos um trecho que destaca que certo dia uma aluna levou uma revista pornográfica, em preto e branco, para a escola e mostrou-a para as amigas “num lugarzinho discreto” durante o recreio. A astúcia de procurar um lugar escondido onde pudesse mostrar a revista aponta a tática para despistar o controle exercido pelos funcionários da escola, revelando que as alunas sabiam que aquelas eram revistas voltadas para o público masculino, maior de dezoito anos. A curiosidade de conhecer o corpo masculino, para além das aulas de ciências, era constante entre as moças, o erotismo estava presente nas ações, conversas, leituras, no cotidiano feminino. O proibido despertava o interesse. A disciplinarização dos corpos produzia uma rede de antidisciplina, exemplo disso era o livro de Júlio Ribeiro, *A Carne*, um romance publicado em 1888, que trata de questões como o exercício do amor livre e da sexualidade feminina, separação e maternidade solitária, questões ainda consideradas tabus na sociedade brasileira, quando do seu lançamento, e, mesmo meio século depois, ainda tabu na sociedade picoense.

Acreditamos que a leitura encorajou as mulheres. Estas passaram a transitar por novos espaços, a delinear novos caminhos para as suas vidas. A mulher picoense estava se subjetivando de acordo com novos papéis, movimentando-se para além dos espaços da casa e adentrando por domínios considerados masculinos, entre eles o campo das letras. O gosto

despertado pela leitura na infância e adolescência possivelmente contribuiu para que algumas mulheres ingressassem na vida profissional do magistério, por meio do Curso Normal, assim denominado, à época, influenciando outras crianças a se tornarem leitoras.

Uma nova forma de subjetivação e de instrução feminina surgiu então no ano de 1966, por meio da fundação da *Escola Normal Oficial de Picos*, ensino profissionalizante, que renderia às moças o diploma de professora primária. A lei n. 2. 781, publicada no Diário Oficial do Estado, em 2 de março de 1967, autoriza a criação da Escola Normal Oficial de Picos (Figura 5).

Figura 5 – Diário Oficial do Estado do Piauí, Teresina, 2 de março de 1967, ano XXXVI, 78ª da República, n. 32



Fonte: Arquivo Público do Piauí.

Conforme Demerval Saviani (2009), a consolidação das Escolas Normais aconteceu no período que se estende dos anos 1930 a 1970, período em que se encaixa a criação desse modelo escolar na cidade de Picos; entretanto, desde o início do século XIX já haviam sido implantadas Escolas Normais no Brasil; a primeira delas em Niterói-RJ, pela Lei Provincial de 1835, exemplo seguido por outros Estados como o Piauí, 1864 (SOARES, 2004).

Contudo, por possuírem um currículo muito parecido com os cursos ginasiais, que priorizavam apenas a aprendizagem de conteúdos de cultura geral, algumas escolas de Ensino Normal não se consolidaram e findaram desativadas, pois o objetivo principal, que era a formação de professores qualificados para a substituição dos mestres-escolas, não estava sendo alcançado com sucesso. De acordo com Saviani (2009), somente com a reforma do ensino público, em São Paulo, no ano de 1890, que este se estendeu a outras capitais, e as Escolas Normais passaram a contemplar um currículo voltado à instrução também para a prática didático-pedagógica.

A história da Escola Normal está associada à necessidade da profissionalização dos docentes num tempo de institucionalização da instrução pública no mundo moderno que se construía sob o signo da ordem social burguesa. Neste contexto, as Escolas Normais como locus especializado em formar professores para o ensino primário, têm sua história perpassada por toda uma conjuntura sócio-política, que como se pode perceber, vai além de questões de cunho meramente pedagógico (SCHAFFRATH, 2013).

O preparo pedagógico estava associado, além do ensinamento científico, aos cuidados com a criança, visto que é ainda no século XIX que esta passa a ter maior visibilidade, que passa a ser um problema social, que dispensava atenção e proteção (ARIÈS, 1981), mas que deveria ser disciplinado de acordo com a nova ordem burguesa.

Até o ano de 1946 o ensino normal era regulamentado pelas legislações estaduais. No bojo da Reforma Capanema este ensino foi contemplado, em nível nacional, com uma Lei Orgânica legalizada pelo Decreto-Lei nº 8.530 de 02 de janeiro daquele ano. Implantada na Nova República, pós-queda de Getúlio Vargas em 1945, esta lei delegava à Nação o poder de estabelecer as diretrizes do ensino e fixar as normas para a implantação desse em todo o território nacional, cabendo aos Estados articular as medidas administrativas exequíveis ao plano federal. A partir de então, as instituições de ensino que ofereciam o curso normal em todo o país equipararam-se e, surgiram novas Escolas deste gênero, somando um total de quinhentas e quarenta no ano de 1949 (SOARES, 2004, p. 40).

No Piauí, a consolidação da Escola Normal se deu em 1910, na capital Teresina, funcionando um ensino para mulheres em regime de externato. Segundo a Norma vigente, os homens que desejassem adquirir o diploma de magistério teriam que prestar um exame com todas as disciplinas. Apenas no ano de 1933 a educação mista foi regulamentada para a Escola Normal de Teresina; contudo, a participação masculina nessa modalidade de ensino foi aquém, por causa de fatores como a desvalorização do magistério, com o pagamento de salários muito baixos, configurando a impossibilidade dos professores homens de prover o

sustento de um lar. A professora primária exercia o papel de uma segunda mãe, o que também legitimou esse tipo de trabalho feminino (CARDOSO, 2012). Essa afirmação é confirmada levando-se em consideração que José dos Santos Fonseca e Vidal de Freitas exerciam outras atividades além do exercício do magistério no *Ginásio Estadual*, a saber, de dentista e juiz, respectivamente.

No início do século, a economia piauiense ganhava destaque no cenário extrativista nacional, contribuindo em 38,1% na média anual da exportação da borracha de maniçoba, segundo Teresinha Queiroz (2006b); e Picos, em 1913, estava entre os municípios de maior destaque como centro comercial na exploração da maniçoba. A exploração da cera de carnaúba, iniciada ainda no século XIX, mas de destaque da maniçoba, algodão e babaçu apenas no início do século XX, trouxe expressivas transformações de cunho social também ao Piauí, configurando-se no surgimento de novas classes sociais, como os ricos dos carnaubais. A significativa exportação do extrativismo vegetal proporcionou o maior desenvolvimento do comércio, e, com ele, a acumulação de capital, propiciando mudanças sociais e a consequente modernização das cidades, devido à urbanização, construção de estradas e investimento na educação (LOPES, 2013b).

Com efeito, nos anos de 1927 e 1931, respectivamente, foram criadas as Escolas Normais de Parnaíba e Floriano. Em Picos, a implementação deste ensino se daria no ano de 1967, conforme vimos no decreto que regulamenta a fundação.

A chegada da *Escola Normal* para as mulheres picoenses é significativa, se considerarmos que Olívia Borges havia encerrado os estudos do Ensino Ginásial, em 1953; casou-se, teve seis filhos, e somente em 1967, com a constituição do primeiro Curso Secundário em Picos, ela retoma os estudos. Foram quatorze anos que ela permaneceu sem estudar, iniciando na primeira turma da *Escola Normal Oficial de Picos*.

A elevada quantidade de alunas matriculadas no primeiro ano de funcionamento, somando-se noventa e cinco normalistas formadas ao término dos três anos, em 1969, talvez seja explicada por haver tantas outras mulheres na mesma condição de Olívia, esperando o Ensino Secundário chegar a Picos.

Vejamos, a seguir, as disciplinas ministradas na primeira série da *Escola Normal Oficial de Picos* quando da sua implantação (Quadro 1).

Quadro 1 – Primeiros professores e respectivas disciplinas ministradas na *Escola Normal Oficial de Picos*, no ano de 1967

PROFESSORES	DISCIPLINAS
-------------	-------------

Antônio de Barros Araújo	Português
Auta Maria Nunes Leal	Matemática
Célia de Castro Neiva	História
Maria Darci de Deus	Geografia
Maria do Socorro Araújo	Ciências
Luzanira B. de Deus Nunes	Desenho e Artes Aplicadas
Maria Ivete P. Cardoso	Educação Doméstica
Raimundo de B. Araújo	Biologia
Maria Nunes Maia	Educação Física

Fonte: Ata de inauguração da Escola Normal Oficial de Picos.

Uma análise do currículo escolar desta primeira turma nos permite refletir sobre a disciplina de Educação Doméstica, em que se ensinavam as normalistas atividades como: Prendas Domésticas, Arte Culinária, Bordado, Costura, Economia do Lar e Puericultura. Entendemos que elas se apresentavam como uma extensão da disciplina de Trabalhos Manuais proposta no currículo do *Ginásio Estadual Picoense* e reafirmava os discursos normativos que consideravam a mulher como esposa e mãe. A escola enquanto instituição disciplinadora motivava a educação feminina para que, instruídas, as mulheres não corressem o risco de manchar sua honra. Deveriam adquirir consciência de submissão e veneração ao homem, para delinear o seu lugar na sociedade.

O destino educacional para as moças, quando concedido pelos pais, era a *Escola Normal*, pois, apesar de possibilitar uma saída do aprisionamento do lar, preparava-as para a profissionalização, mais permitida e impregnada na condição feminina, a de ser professora. Esta se configurava em um jogo de relações; o ser professora aproximava as moças do ser mãe, por meio do cuidado que estas deveriam ter com seus alunos.

Encontramos, nos arquivos da *Escola Normal*, cartões de vacinação correspondentes a cada série, nos processos de todas as alunas da primeira turma 1967-1969, das quais fizeram parte Doralice Moura, Olívia Borges e Raimunda Moura. É importante salientar que Conceição Albano e Maria Nunes também cursaram o Ensino Normal, mas em outras cidades, respectivamente Fortaleza e Teresina; Jesus Carvalho e Conceição Albano ainda cursaram o Ensino Superior em Fortaleza em fins de 1950 e início de 1960.

Figura 6 – Cartão de vacinação de Doralice Gonçalves de Moura

Secretaria de Saúde do Piauí
SERVIÇO DE VACINAÇÃO

UNIDADE
N.º 1061

ATESTADO DE VACINAÇÃO
Atesto que Doralice Gonçalves de Moura
de 23 anos de idade de cor parda
natural de Picos P. residente P. Coelho
Rodrigues n.º 160 foi vacinado contra
variola no dia 12 de março de 1969
Picos, 12 de março de 1969

[Signature]
Autoridade Sanitária

Fonte: Acervo Escola Normal Oficial de Picos.

O atestado de vacinação era um documento obrigatório, exigido na confirmação da matrícula das alunas em todas as séries, e renovado todos os anos. Provavelmente, a exigência da comprovação de vacinação se explica pelo fato de as normalistas estarem em formação; ou seja, para permanecer em contato com crianças, uma boa saúde se fazia necessária para o trato com os alunos.

A rigidez e a vigilância desse modelo de ensino eram uma constante, haja vista que as memórias das entrevistadas sempre se reportavam a Dona Zizi,²⁶ diretora durante vinte anos daquela instituição. Dona Zizi era a diretora da Escola Normal e fiscalizava diariamente as normalistas na tentativa de disciplinarização dos corpos das jovens, que utilizavam de táticas para fugir ao controle, costurando a barra da saia. O controle do fardamento não acontecia apenas nas escolas religiosas, como discorre a ex-normalista Nancy Ferreira, em entrevista a Cristiane Pinheiro:

[...] Algumas queriam andar de minissaia, né. [...] a dona Zizi, a diretora, na época, ela fazia vistoria na fila, né. Então, tinha aquelas que faziam o embanhado bem curtinho da saia, né. Então, ela ía lá com o dedinho dela e zapim. Rodava e deixava a saia lá embaixo. No outro dia era do mesmo jeito. Então, ela reclamava até três vezes. Na quarta vez, já era punição, porque ela sempre falava que uma instituição tem que ter respeito. Então, o fardamento é o respeito da empresa. Que empresa é essa que anda com seus funcionários seminus? (PINHEIRO, 2007, p. 176).

Por não obterem sucesso em algumas das tentativas, as moças reinventavam suas práticas e produziam um novo “jeito de fazer”, dobrando o cós da saia apenas quando

²⁶ Luzia Moura Barros nasceu na cidade de Picos e dirigiu a Escola Normal de 1967 a 1987. Estudou no Colégio Sagrado Coração de Jesus, de educação religiosa, na qual internalizou os preceitos de honra e recato impostos às alunas da Normal. Também possuía o diploma da Escola Normal, tendo se formado na cidade de Teresina.

passavam da fiscalização de entrada no portão da escola. O afrontamento das normas também se apresentava no não cumprimento dos horários.

Em entrevista publicada pela revista *Projeto História*, Certeau fala sobre a constituição dos corpos e reflete:

[...] cada sociedade tem “seu” corpo, assim como tem sua língua, constituída por um sistema mais ou menos refinado de escolhas entre inúmeras possibilidades fonéticas, léxicas e sintáticas. Tal como a língua, este corpo está submetido a uma gestão social. Obedece a regras, rituais de interação, representações cotidianas. Tem igualmente seus excessos relativos a essas regras. Como a língua, ele é representado tanto por conformistas como por poetas. Comporta assim mil variações e improvisações no interior do quadro particular que comparei a um teatro de operações. [...] (CERTEAU, 2002, p. 408).

Com isso, Certeau nos ensina que os corpos são o lugar de materialização dos produtos sociais, e neles são gravadas as normas e regras. São espaços de invenções múltiplas do tecido social. Observe-se uma das impressões sobre corpos.

Nem na Escola Normal, nem no Colégio das Irmãs não podia ir de unhas pintadas. [...] Não! Quando tinha aula no sábado, a gente só fazia no sábado a tarde, quando não tinha, a gente aproveitava e fazia na sexta. Ai passava o sábado e o domingo, mas na segunda de manhã já tinha que tirar o esmalte. E até no Colégio Estadual tinha que tirar o esmalte. Era rígido. [...] Tinha um bedel pra fiscalizar, oh meu Deus! Não podia ir com nada no rosto, só um pozinho mesmo e um batonzinho claro. Mas no olho, aquelas sombras num podia botar não (Doralice Moura).

A narrativa exposta nos permite duas reflexões: a internalização da norma referente ao uso de esmalte e maquiagem, quando a depoente afirma que tira o esmalte para ir à escola, sem a necessidade de ser mandada por alguém; e, em contrapartida, o uso do esmalte, mesmo sem ter a aprovação na sociedade. A reinvenção do cotidiano em constante movimento e a produção dos corpos operando na sua multiplicidade.

Exibir o corpo, as pernas e andar pintada/maquiada e de roupas curtas eram práticas associadas às meretrizes: “a conveniência ordena às mulheres da boa sociedade que sejam discretas, que dissimulem suas formas com códigos, aliás variáveis segundo o lugar e o tempo. O peito, as pernas, os tornozelos, a cintura são, cada qual por sua vez, objeto de censuras que traduzem as obsessões eróticas de uma época e se inscrevem nas imposições da moda” (PERROT, 2003, p. 15). Esperava-se que tivessem comedimento nos gestos, simplicidade e contenção no modo de vestir e arrumar-se. Com isso, o objetivo das instituições escolares era tornar o corpo feminino um corpo dócil e útil em que o autocontrole se afirmasse.

Aqui, temos o propósito de abordar, a partir do conceito de *representação*, as imagens construídas pela sociedade picoense, nos anos 1960, sobre as normalistas enquanto mulheres que permaneceram solteiras, ao escolherem dar continuidade aos estudos, para além da formação básica. A noção de *representação* será pautada no entendimento do historiador francês Roger Chartier, que pontua: “as lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe ou tenta impor sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio (CHARTIER, 1988, p. 17)”. A representação é entendida aqui, como um “tornar visível” e, ao mesmo tempo, um “dar condição” para a construção de novas experiências, pois:

Sujeitos são constituídos discursivamente, a experiência é um evento linguístico (não acontece fora de significados estabelecidos), mas não está confinada a uma ordem fixa de significados. Já que o discurso é compartilhado, a experiência é coletiva assim como individual. Experiência é uma história do sujeito. A linguagem é o local onde a história é encenada. A explicação histórica não pode, portanto, separar as duas (SCOTT, p. 1999, p. 42).

O apelido pejorativo de *coroa*, associado à *Escola Normal Oficial de Picos*, durante muitas décadas, permeou o imaginário social picoense, como um empecilho ao projeto de casar-se e ser mãe, mas ele teve dois sentidos. No seu sentido primeiro, o termo *coroa* estava ligado à idade das normalistas da primeira turma, pois, como não havia ensino de segundo grau na cidade antes da fundação da Escola Normal, muitas delas passaram vários anos sem estudar. Ao voltar à vida de estudante, algumas das normalistas já estavam entre os trinta anos de idade, casadas e com filhos, conforme explica Olívia Borges: “pari os meus filhos, entrei na *Escola Normal* em 1967, terminamos em 1969, eu já com meus filhos. Quase metade das mulheres era casada e todo mundo ganhou o nome de *coroa* por causa da gente”.

Com base nos relatos, poderíamos dizer que esta representação plasmou no imaginário social, ou seja, as mulheres ainda solteiras, ao estudar nessa instituição, não mais se casariam. A representação criada pelos cidadãos pode ser comparada com o perfil de nossas entrevistadas. Há o registro de que, das sete entrevistadas, cinco delas – Maria Maia, Olívia Borges, Raimunda Moura, Oneide Rocha e Doralice Moura – cursaram Ensino Normal nas cidades de Picos ou Teresina, e apenas uma delas casou-se.

As *coroinhas* eram vistas como mulheres exigentes e contestadoras, de valores sociais tradicionais, que alimentavam a vontade de sobressair-se aos valores patriarcais e considerar-se agente de suas próprias ações. Percorriam assim caminhos que emergiam como

possibilidades de crescimento da mulher dentro da sociedade em que viviam. Todavia, nem todas as mulheres se subjetivavam da mesma forma.

Há de se considerar que o ingresso no Ensino Normal trouxe avanços significativos para a emancipação da mulher picoense; e o número de estudantes normalistas foi crescendo consideravelmente, passando de oitenta, no primeiro ano de funcionamento, para 143 alunas em 1968 e 196, em 1969 (PINHEIRO, 2007), devidamente matriculadas.

Pelo fato de não haver na cidade uma escola de ensino superior, a grande maioria das famílias dava por encerrado o estudo de suas filhas no Ensino Secundário. Apenas as famílias mais ricas é que poderiam enviar seus filhos para estudarem fora da cidade. Acrescente-se a isso o fato de que muitos pais não permitiam suas filhas mulheres morassem longe da tutela e da vigilância familiar, por acreditarem que constituía uma ameaça à honra das filhas. Fazendo um paralelo com a cidade de Teresina, que possuía escolas superiores, percebemos, a partir das reflexões de Cardoso (2012, p. 131), que algumas das mulheres teresinenses que ingressaram no Ensino Superior, principalmente na Faculdade Católica de Filosofia (FAFI), faziam por falta de escolha, por não poderem sair do Estado, e acabavam por constituir, na década de 1960, a maior parte dos alunos dessa instituição. Doralice Moura, nossa entrevistada, menciona que seus irmãos tinham permissão para estudar em outras cidades, se quisessem, mas tal consentimento não se estendia a ela, única filha mulher. Ela, portanto, foi uma das picoenses que encerrou sua escolaridade no Ensino Secundário, tendo em vista que em Picos não havia ainda Ensino Superior.

“O Estado do Piauí, e, Teresina, como centro disseminador da educação, só oferecia, até meados da década de 1950, o curso superior de Direito (SOARES, 2004)”, profissão essencialmente masculina à época. Por isso, as moças que tinham permissão dos pais para ingressar no Ensino Superior se deslocavam para outros Estados. No caso de Jesus Carvalho e Conceição Albano, estas foram para Fortaleza. A primeira graduou-se em Farmácia; e a segunda em Pedagogia, ambas no ano de 1961. Conceição ressalta que, à época, cursava primeiro o bacharelado, em três anos, e, subsequente a isso, um ano e meio de habilitação em Licenciatura.

As estudantes universitárias picoenses geralmente residiam em pensionatos, sob a tutela de um adulto de confiança, ou dividiam apartamento com algumas colegas e faziam suas refeições no restaurante da própria universidade.

A vivência fora da casa dos pais e inseridas na universidade trouxe um aprendizado imensurável para a vida destas mulheres. Em contato com movimentos políticos, econômicos

e sociais que circulavam pela maioria das capitais do Brasil, as universitárias sentiam na pele as transformações por que passavam as mulheres e também o País, em meados do século XX.

Foi muito bom, em 60 teve a renúncia de Jânio Quadros que eu me lembro que foi uma coisa muito forte, ele renunciou e o vice-presidente não podia assumir porque era “comunista” e teve um movimento na universidade, no restaurante, a polícia e o exército cercou o restaurante, ai os alunos sentaram no meio jogando baralho, era uma coisa pacífica, os estudantes subiam nas mesas dos restaurantes, diziam o que pensavam, era um movimento muito aberto. Eu me lembro que nesse dia Ozildo dizia assim: “vou te deixar mais cedo pra tu pegar o ônibus, porque aqui vai amanhecer o dia” e quando eu passei as metralhadoras tudo ali, teve esses movimentos, teve a reforma agrária, esses outros temas que ainda hoje badalam por ai, a questão da mulher, o homem que foi a lua, essa história toda. Muito bom a universidade, ave Maria, colegas daquele tempo, e a gente também participava do movimento Juventude Universitária Cristã – JUC, então naquele tempo tinha muitas coisas, esses temas ai que eram debatidos né?! Não era tema só de igreja não, eram temas da atualidade que eram discutidos em grupo, a gente ia pros encontros nas praias, ia aquele ônibus cheio de estudante cantando, chegava lá iam discutir, era muito rico. Minha filha diz: “Mãe a senhora foi muito feliz, participou de uma época muito boa”, participei de uma época muito rica, graças a Deus (Conceição Albano).

Pela forte criação católica no seio familiar, algumas das jovens não se afastavam da vida religiosa, mesmo longe dos pais. A narrativa que acabamos de ver faz menção da participação no movimento Juventude Universitária Católica (JUC). Esse movimento originou-se na década de 1930, decorrente da Ação Católica, que buscava maior participação dos leigos na Igreja, e, conseqüentemente, exercer uma influência maior na sociedade. Na década de 1950, a Igreja Católica passou a interferir mais efetivamente na realidade através da discussão de temas importantes que circulavam naqueles anos, como a questão da reforma agrária (TEIXEIRA, 2009).

Sob a proteção do irmão mais velho, Conceição era cercada de cuidados com a sua integridade física e moral, com uma liberdade controlada por Ozildo. A diferença das experiências de Jesus Carvalho revelava-se por morar sem a tutela de familiares ou um adulto de confiança dos pais.

Mas lá em Teresina eu gostava, mas na faculdade eu gostei muito mais, eu fazia refeição lá no CEU, no restaurante da universidade, e lá eu morei em vários lugares até me aquetar numa casa que eu gostei mesmo, morava com 3 meninas, uma de Pio IX que hoje é médica, ela já morava comigo em Teresina, ela foi primeiro que eu, tinha uma do Maranhão e tinha outras, éramos 4 amigas de Teresina, elas foram primeiro e depois eu fui. [...] Eu me lembro uma vez que tava tendo tertúlia, lá no CEU, que lá tinha um lugar pra dançar. Ai tinha uma menina lá sentada, nós tudim numa roda sentada, pouco homem, muita mulher, ai um chegou e ela: “Espera aí moço, que eu vou calçar meu sapato que eu pensei que não ia mais dançar hoje”, mas ô coisa boa! (Jesus Carvalho).

As estudantes frequentavam encontros e festas junto com as amigas e dançavam a noite inteira sem os olhares inquisitoriais dos familiares, como quando participavam dos bailes em Picos.

Alcançar um ensino superior nesse momento em uma cidade do interior do Piauí significava transpor barreiras em meio ao atraso social e nas relações entre os gêneros, visto que a primeira instituição de Ensino Superior no Brasil foi instalada após a chegada da família real portuguesa no País, em 1808; mas somente em 1887 foi que a primeira mulher se formou nessa instituição, que era a Faculdade de Medicina da Bahia (ROSEMBERG, 2012, p. 337). Em Picos, a instalação da Universidade se deu apenas na década de 1970.

Em relação ao Ensino Superior, só citamos Jesus Carvalho e Conceição Albano porque somente elas gozaram a vida universitária dentro da temporalidade proposta para a pesquisa. Raimunda Moura, Oneide Rocha e Olívia Borges também frequentaram a Universidade, entretanto, dos anos de 1970 em diante.

2.2 Dedicção e esmero: as professoras e o trabalho feminino

A nova concepção de criança e os discursos de interdição em atividades que lhes expusessem a riscos resultaram, a partir do século XIX, em sua retirada do mercado produtivo e impuseram exigências contraditórias às mulheres: ficar em casa, atentas à educação dos filhos; ou trabalhar para suprir a falta da mão de obra infantil nas fábricas. Todavia, ao estudar o discurso dos operários franceses no século XIX, Perrot enfatiza a inferiorização dada ao trabalho feminino. Os discursos apontam que a mulher não deveria trabalhar na fábrica, pois ela enfraquece, tira a vivacidade feminina, comprometendo o nascimento dos futuros filhos. O trabalho elogiado era o trabalho em domicílio, condizente com a “delicadeza do sexo”: “a costura reúne, uma vez mais, todos os sufrágios. A agulha não seria o ‘instrumento feminino por excelência?’ (Jules Simon) e o tecido, por sua flexibilidade, a própria matéria do sexo frágil? Ainda mais porque a costura pode ser exercida *em domicílio* (PERROT, 2005, p. 182).

Michelle Perrot pondera que a condição econômica interfere na criação das jovens, diferindo de acordo com a classe social, explicando que a jovem solteira burguesa é:

[...] educada por sua mãe, iniciada às atividades domésticas e às artes de entretenimento (o indefectível piano), refinada por alguns anos de estudo ou de colégio interno e submetida aos rituais de ingresso no mundo social, que

visam ao casamento. A filha das classes populares é posta para trabalhar muito cedo, geralmente em serviços domésticos. Serviçal de propriedade rural [...], ela é quase sempre exposta a trabalhos pesados e constrangida à promiscuidade; criada doméstica “para todo serviço” na cidade, é exposta aos riscos da sedução. Outras são admitidas como aprendizes em oficinas de costura ou numa fábrica (PERROT, 2007, p. 45-46).

Maria Izilda Matos e Andrea Borelli (2012, p. 129) apontam que o processo de urbanização no Brasil e a necessidade de mão de obra masculina geraram oportunidades para as mulheres em atividades comerciais, como quitandas, armazéns, açougues e bares.

Associando esse panorama ao contexto picoense, as fontes nos indicam a existência de mulheres proprietárias de comércio nos anos 1950. Entre as matérias do Jornal *Flâmula*, uma propaganda nos chama a atenção:

ESQUINA IDEAL

A Proprietária deste estabelecimento (sorveteria, salão de snooker, cinema, tabacaria, serviços de alto-falantes) faz ciente ao povo em geral que brevemente a Esquina Ideal passará por uma definitiva reorganização como seja: salão da sorveteria, higienicamente instalado; seção de doces, quentes e frios, restaurante, possante serviço de alto-falantes, ventiladores no salão do cinema. Tendo o máximo conforto, higiene e respeito.

Após esta grande reorganização, este estabelecimento espera contar com a cooperação das famílias picoenses.

Tudo dentro de 150 dias.

A Proprietária (FLÂMULA, Picos, ano I, n. 3, p. 4, 12 abr. 1952).

Percebemos que a proprietária da Esquina Ideal é de elevada condição social, pois se trata de uma rede de estabelecimentos interligados e complementares entre si: é a sorveteria integrada ao cinema e ao restaurante, espaço de convivência das famílias; o salão de sinuca associado à tabacaria. Renato Duarte (1995, p. 75) expõe em seu livro que frequentou o *Cine Ideal* e Olívia Borges relembra: “Esquina Ideal, juntava lá sorveteria, cinema e uma novidade na época: jogo de *ping-pong*, como era uma novidade na época, toda hora que você fosse tinha a fila pra jogar”.

A profissão de ambulante para as mulheres de baixa renda também foi um imperativo: verdureiras, leiteiras, vendedoras de doces. As jovens de famílias pobres tinham que percorrer os espaços públicos vendendo doces ou flores, como forma de garantia a sobrevivência, para contribuir na renda da família; assim estavam, constantemente, expostas às investidas dos galantes nas ruas. A variação entre as moças de melhores condições se apresentava no momento em que, enquanto jovens pobres saíam pelos espaços públicos, as meninas de classe

média e alta ficavam em casa fazendo leituras de livros que ensinavam a ser uma moça casadoura e esposa ideal.

A cobrança em relação à moralidade das classes menos favorecidas não era um fator de grande preocupação da sociedade picoense. A matéria do Jornal *Flâmula* no qual o cronista retrata a importância do trabalho na vida de Marta e Martinha é indicativo dessa abertura possível às mulheres pobres.

MARTA E MARTINA

(Raimundo Lima de Araújo)

Observo sempre todos os dias a passagem para o trabalho destas duas criaturas que apesar (sic) da rudeza do seu trabalho, têm sempre um sorriso meigo a lhes florir nos lábios.

Marta e Martinha, talvez os seus verdadeiros nomes não venham a ser estes, mas é assim que as conheço. Quando as vi pela primeira vez julguei que fossem irmãs, e somente depois vim a saber que nenhum laço de parentesco as prendia. Contudo, podemos crer que se elas não são parentas quanto ao sangue, são em se tratando do espírito.

Trabalham todos os dias e trabalham o dia todo com alegria, pois têm uma alta concepção do que venha a ser trabalhar, mostrando que é trabalhando que se vive honestamente. O mais importante é saber que se trata de pessoas de pouca cultura.

O exemplo de Marta e Martina é digno de ser imitado, não só por aqueles que levam uma vida melancólica e cheia de dissabores, como também os espíritos fracos e sem iniciativa, e ainda por quem apesar (sic) de não fugir ao trabalho o faz sem disposição e como se o trabalho constituísse um castigo, um anátema ou algo degradante e sem finalidade.

Assim como Marta e Martina, devemos ter em mente que o trabalho honesto, além de dignificar a criatura humana, é necessário à vida não só porque nos assegura o sustento, mas também por nos trazer saúde e tranquilidade (FLÂMULA, Picos, ano I, n. 3, p. 4, 12 abr. 1952).

Percebemos nesta passagem que Raimundo Araújo exalta o trabalho das duas mulheres, como digno para a alma humana. Estar feliz ao realizar o trabalho todos os dias é, para ele, sinônimo de que trabalho deve ser uma atividade prazerosa tanto para homens quanto para mulheres. O cronista não expõe qual o tipo de trabalho, mas ao adjetivá-lo de rude e destacar “o mais importante é saber que se trata de pessoas de pouca cultura”, entendemos que ele estava reafirmando os padrões conservadores que apontavam que transitar nos espaços públicos exercendo funções de trabalho pesado e fora do espaço da casa era socialmente aceitável, primordialmente para as mulheres de classe baixa; e como reforça Carla Bassanezi Pinsky, “para elas, era impossível cumprir todos os preceitos da nova moralidade já que, ao tentar obter algum ganho, eram obrigadas a se deslocar pela cidade,

conversar nas ruas, aproximar-se dos homens, conviver com todo o tipo de gente” (PINSKY, 2012, p. 474).

O trabalho das mulheres pobres picoenses também estava ligado a atividades de costura, bordado, tricô. As mulheres de famílias ricas aprendiam estas atividades, mas para utilizar apenas nos cuidados com a sua própria casa. Costurar? Apenas as roupas dos filhos e do marido, considerando-se que a expressão “costurar pra fora”, utilizada à época, configurava uma afronta à moral da mulher, e, principalmente, do marido, pois soava como acusação de traição por parte da mulher casada.

Serviços considerados femininos, como lavar e passar roupa também consistiam em possibilidade de renda para as mulheres pobres, que utilizavam o leito do *rio Guaribas* para exercer a função de lavadeiras. Dirigiam-se com as “trouxas” de roupa na cabeça e muita disposição nos braços (Figura 7).

Figura 7 - Lavadeiras no *Rio Guaribas*, década de 1950



Fonte: Museu Ozildo Albano.

Mencionado o trabalho das mulheres em situação de pobreza, vamos nos atentar a partir de agora ao trabalho das mulheres ricas ou de condição mediana, sujeitos da nossa pesquisa.

A emergência de um ensino profissionalizante voltado para as mulheres era iminente, pois a demanda por professoras primárias para atuarem nas escolas de Picos era crescente, sendo necessário o governo buscar profissionais formadas em outras cidades e Estados. Sobre esse fato, ressaltamos o depoimento concedido à pesquisadora Jane Sousa, sobre a chegada de professoras normalistas vindas da capital Teresina para atuarem no *Grupo Escolar Coelho Rodrigues*, no fim da década de 1920:

Esperavam como professoras três senhoras idosas, de saias compridas e cabelos enrolados e receberam três jovens moças, quase meninas, com vestidos nos joelhos, cabelos curtos, decotes audaciosos, mangas bem cavadinhas, rouge, batom, alegres, saudáveis, felizes e um sotaque diferente. Foi um escândalo. As mangas cavadas e as axilas raspadas fizeram o maior comentário nas cidades circunvizinhas. Quando saímos à rua, alguns saíram para fora de casa e outros ficavam nas portas e janelas para conhecerem as novas professoras, as moças diferentes como chamavam (SOUSA, 2005, p. 30).

As normalistas que vieram de fora para ministrar aula no grupo, em 1930, influenciaram grande parte das meninas picoenses, que se encantavam com a pele, os lábios rosados, e o cabelo curto das professoras novatas.

Norma Soares menciona, em seu trabalho, sobre as normalistas; estas professoras, no período áureo do magistério feminino, oriundas da *Escola Normal de Teresina*, desfrutavam de imenso prestígio social e referência cultural. A expressão “marido da professora” era empregada comumente entre os cidadãos (SOARES, 2004, p. 119). Reconhecemos que essa valorização é demonstrada em contraposição à “Fulana de Beltrano”, geralmente utilizada para fazer referência às mulheres, sempre citando o nome do pai ou do marido como sinal de submissão.

Em Picos, as opiniões inicialmente divergiam entre os que viram essa nova forma de subjetivação feminina como indecência e os que apoiaram e enviaram suas filhas à Capital para se formar normalista. Citamos, como exemplo, Luiza Maria da Silva Campos, picoense enviada a Teresina para cursar a *Escola Normal* e que atuou no *Grupo Coelho Rodrigues*, na década de 1940.

A ligação entre a professora normalista e sua atuação nos grupos escolares era inerente às práticas pedagógicas modernizantes que começavam a ser empregadas. Sobre elas, Antônio de Pádua Lopes discorre:

Não é possível falar de grupo escolar sem referência à professora normalista. O grupo escolar foi o locus tomado como natural para a ação dessa docente, que já detinha o direito exclusivo à efetividade no cargo. Escola modernizada e modernizante tornou-se o espaço específico dessas professoras, postas pelo próprio sistema escolar como qualificadas para o exercício da modernidade e a renovação das práticas educativas no Estado. Foram elas responsabilizadas por uma dupla redenção: do próprio professorado, pela elevação do nível técnico e cultural do mesmo, e do povo piauiense, que finalmente contava com um auxílio competente para deixar de ser inculto (LOPES, 2013a).

As novas práticas educacionais dispunham de metodologias inovadoras de ensino, fato que aproximava o alunado das professoras e proporcionava a criação de laços de afetividade entre eles.

O desejo de muitas picoenses de se tornarem professoras e o amor que alimentavam pela profissão são percebidos na lembrança compartilhada por Doralice:

Foi maravilhoso a turma, e sinceramente, Graças a Deus eu tenho a consciência tranquila, porque eu acho que dei tudo que eu podia dar de mim para meus alunos. Me esforçava o possível e *fazia com gosto*. Muitos deles, alguns filhos dessas mulheres iam no fim de semana lá pra casa, o povo dizia que eu num ganhava pra isso... Mas quando eu precisava ir numa excursão ou alguma coisa meu pai me dava dinheiro. [...] A gente arrumava um caderno, um lápis, pedindo papel, a gente pedia e ajudava a comprar com o dinheiro da gente, porque tinha que levar os caderninhos de dever de casa e tinha o outro pra fazer as atividades na sala e eles não podiam comprar, aí a gente arrumava (Doralice Moura, grifo nosso).

Mediante essa memória, percebemos que a motivação que fixava essas mulheres na sala de aula era, primordialmente, o gosto por ensinar. A profissionalização no magistério, para mulheres de classes sociais mais abastadas, servia como capacidade de transitar pelos espaços da cidade, de criar novos laços de amizade e de ascensão social, pois a esperança depositada nas novas professorandas que percorriam esse espaço de saber é destacada por Cristiane Pinheiro, na fala de Olívia Borges: “Era *Escola Normal*. Era o orgulho da cidade. E a cidade inteira gostava e apoiava e tinha esperanças de melhoras. Naquela época faltavam professores. Especialmente professores qualificados” (PINHEIRO, 2007, p. 110). Apesar de a remuneração ser considerada baixa, a importância e o reconhecimento enalteciam a figura da professora normalista (Figura 8).

Figura 8 – Raimunda Moura com os alunos da 1ª Série Primária no Colégio das Irmãs (1970)



Fonte: Acervo pessoal de Raimunda Moura.

Da primeira turma da *Escola Normal*, a maior parte das alunas eram mulheres, contando apenas com a participação de cinco homens que não concluíram o curso, por serem influenciados a desistir de um estudo que formava para uma profissão de mulheres, dando lugar à feminização do magistério em Picos. A partir daí, apenas mulheres eram aceitas no curso, por decisão da direção da ENOP (PINHEIRO, 2007).

O preconceito também recaía sobre os professores, que, do quadro profissional formado principalmente por mulheres, compunham apenas 22,22% dos professores homens. A figura do professor despertava o imaginário das alunas, considerado um perigo para a honra feminina. Uma canção de Nilton César, galã dos anos 1960, explicita bem o encantamento proporcionado por esse profissional. *Professor apaixonado*²⁷ embalou os corações e provocou suspiros das moças picoenses durante muitos anos.

Professor Apaixonado
Minhas alunas,
Hoje eu vim aqui
Para me despedir de vocês...

Não professor!!!

A minha profissão
Vou ter que abandonar
Porque meu coração
Não pode suportar, ai ai

²⁷ Professor Apaixonado, música composta por Jair Gonçalves e lançada por Nilton César no compacto de abril de 1965. Continental, CS-33.323.

Contei ao diretor
 O que me aconteceu
 Disse ele: "Bravo, professor
 Até que enfim o amor o convenceu!"

Desta maneira eu não posso lecionar
 Há uma aluna que eu estou a namorar
 Seu Diretor, não queira estar no meu lugar
 Nem a História do Brasil eu sei contar
 Esta garota não me deixa respirar
 9x9 já não sei multiplicar
 As minhas pernas começaram a tremular

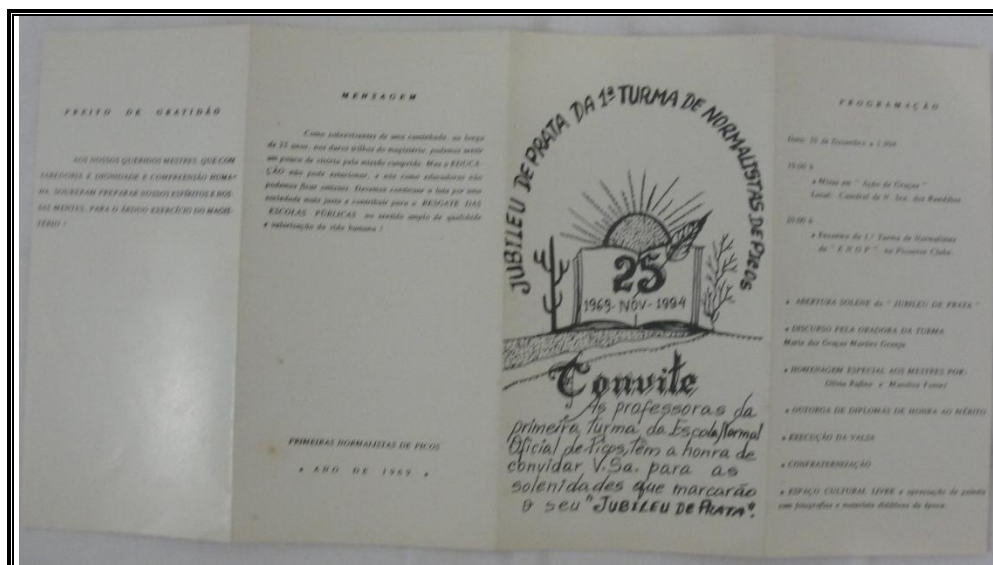
Eu vou parar
 (Ah, professor...)
 Eu vou parar
 Eu vou parar de lecionar
 Eu vou parar
 Eu vou parar
 Eu vou parar de lecionar

A minha profissão...

Certamente, a canção incitou ainda mais as representações de galanteador que as alunas criavam em relação aos professores, confiando ser possível o envolvimento para além das funções acadêmicas. As memórias pesquisadas nos dão conta de um envolvimento amoroso entre um professor e uma aluna durante o percurso inicial da *Escola Normal*. É mister pensarmos também que a ausência de estudantes do gênero masculino voltou as atenções das alunas em fase de enamorar-se para a figura dos únicos homens presentes na escola. Segundo informações contidas no livro de registro encontrado nos arquivos da ENOP, consta que, apenas em 1970, outro profissional masculino fez parte do quadro de funcionários da escola, na figura do vigia.

Em Picos, nos anos de 1960, já se percebe uma mudança considerável na valorização do magistério feminino, que, junto com a escolarização, formaram um percurso considerável no processo de singularização das mulheres nos séculos XX e XXI (CARDOSO, 2012). É indispensável observar o alto índice de concludentes informado no convite de Comemoração dos 25 anos de conclusão da primeira turma de normalistas de Picos (Figura 9).

Figura 9 - Convite Jubileu de Prata da Primeira Turma da ENOP



Fonte: Acervo pessoal de Raimunda Moura.

A primeira turma de normalistas compunha-se de oitenta e cinco formandas. A capital Teresina recebeu a maioria, que iria prestar concurso público para exercer a profissão nas escolas públicas de Picos. Segue uma das experiências narradas por sua protagonista:

Não, em 66 eu entrei na Escola Normal, e lá também não admitia alunos homens. Fizemos o primeiro ano onde é o Marcos Parente hoje e depois mudamos pra onde era o antigo fórum. Ai terminei em 1969, foi um ano muito bom porque Picos precisava, era muito carente, não tinha pessoas concursadas, naquele tempo era por contrato... Nossos professores queriam entrar de licença prêmio e não podiam porque não tinham quem os substituíssem, então nessa época teve o concurso de efetivação e quase todo mundo passou e nós fomos chamadas para trabalhar. O meu primeiro trabalho [como professora] foi no Coronel Francisco Santos, na bomba. Nossa turma quase toda ficou lotada lá, ai eu trabalhei dois anos lá, e depois fui substituir um professor no ginásio, depois outro e isso foi a porta aberta pra ingressar na universidade, porque teve um concurso que dava bolsas de estudos pra quem já tinha experiência. Era chamado Exame de Suficiência, passei e fiquei dando aula no Ginásio. Ai depois teve bolsa de estudos que era tipo um vestibular pra Recife, ai eu ganhei e fui fazer lá. Ai como eu gostava muito de Educação Artística e tinha como levar dois cursos juntos, aí passei e fiz esse curso também (Olívia Borges).

Quando começou a trabalhar como professora, Olívia Borges já era mãe de seis filhos e mais de 30 anos de idade. De igual modo, Conceição Albano também casou-se alguns anos depois de formada, e teve que lidar com a dupla jornada que se iniciava na vida de algumas mulheres picoenses: cuidar do lar e dos filhos, e exercer uma profissão.

Algumas dessas mulheres, por apresentarem melhores condições econômicas, deixavam seus filhos principalmente sob os cuidados de babás. A saber:

Eu tinha uma pessoa comigo, sempre tinha uma pessoa que ficava comigo. E minha mãe sempre vinha, meu marido que também foi muito cuidadoso com essas coisas, a gente tinha uma propriedade aqui do outro lado, mas ele ia lá e voltava pra ver como tava, ficar acompanhando as coisas, e eu acho isso muito positivo viu, ele tinha aquele carinho de estar acompanhando, de ver como é que tá, quando eu saía deixava feito o leite, as mamadeiras, ensinava como fazer, aquelas primeiras coisas a menina fazia pra ele olhar, ajudou muito (Conceição Albano).

Apesar de viverem em boas condições financeiras, o trabalho para essas mulheres também configurava uma forma de engrandecimento pessoal, de se sentir útil, não somente dentro de casa, para os filhos e o marido, mas para a sociedade, visto que as profissões que elas desempenhavam eram, prioritariamente, as de professora ou de enfermeiras; ou seja, profissões de cuidado, vistas como preferencialmente femininas. Nessa passagem, ainda pode ser percebida a questão das novas representações masculinas que, conforme Pedro Vilarinho Castelo Branco (2008, p. 94), despontaram no Piauí, em fins do século XIX e início do XX, de homem trabalhador, provedor, mas também afetivo e companheiro, que partilhava com a esposa o cuidado e a educação dos filhos de perto, desempenhando funções como, por exemplo, alimentar os filhos e orientar as atividades das babás. Esses novos modelos de homens não se experienciavam como a figura autoritária de outrora, que dispensava toda a criação dos filhos para as mães, preocupando-se apenas em dar ordens e culpar a esposa por algum desvio ou deslize dos filhos.

A redefinição dos lugares sociais de algumas mulheres era influenciada por sua condição social, pois as que tinham filhos e trabalhavam contratavam empregadas e babás. A escolarização e a profissionalização redefiniram também nas famílias a quantidade de filhos, pois a mulher não mais se subjetivava apenas como mãe e dona do lar, diminuindo sua vivência no espaço doméstico.

A saída do espaço doméstico e a relativa diminuição da participação nos afazeres da casa, a criação dos filhos e o cuidado com o marido tiveram seu lado negativo. A relação marido/mulher, em alguns casos, ia se fragilizando, o que possibilitava a procura do marido por atenção fora de casa, como afirma Olívia Borges: “foi aí que ele começou olhar pro outro lado, tudo se paga, a gente perde aqui, nada vem pra gente só ganhar. Então quando ele largou do meu pé, começou olhar pro outro lado, começou a aparecer as mulheres, aí não foi bom pra mim. [...] Teve um caso que eu fiquei sabendo, aguentei muito”.

Havia ainda aquelas mulheres que entravam no mercado de trabalho, mas que se subjetivavam para além da profissão de professora, buscavam novos espaços, novas profissionalizações.

Instinto maternal, pureza, resignação, estado virginal continuavam caracterizando a feminilidade e constituindo requisitos de moças casadouras e de aspirantes a profissionais, o que não significa dizer que todas as moças dessa geração vivenciassem o ser mulher a partir desses parâmetros. Nesse sentido, parece-nos que o lugar típico das mulheres dos segmentos alto e médio nos anos 1960 ia sendo delineado como *entre-lugares*, por estar entre os âmbitos público e privado, entre os atributos do feminino e do masculino, uma vez que parte dessas jovens estava investindo em ambos os caminhos (CARDOSO, 2002, p. 12).

Jesus Carvalho ingressou no Curso de Farmácia, no Ceará, salienta “eu nunca quis ser professora”, mas buscou outra profissionalização, exercendo por trinta e sete anos a função de bioquímica no *Hospital Regional Justino Luz*.

Convém enfatizar que antes das normalistas, os principais alfabetizadores das crianças do sertão eram os mestres-escolas e a metodologia utilizada por esses professores era bem peculiar. A palmatória consistia no objeto que induzia os estudantes a aprender mais rapidamente o “bê-á-bá”. Valendo-se dos castigos, os mestres faziam com que os alunos levassem mais a sério os estudos, pelo medo não só da palmatória, como de ser posto para “ajoelhar nos caroços de milho”.

O ingresso no magistério não configurou uma competição no mercado de trabalho com os homens, porque passou a ser visto mais como vocação do que como profissão, causando uma desvalorização e menor remuneração desse tipo de emprego (CARDOSO, 2012, p. 16). Contudo, para as mulheres casadas, o salário significava uma ajuda nas despesas da casa. Quando iniciou sua vida de professora, as prioridades com o gasto do salário já não eram primordialmente com os cuidados da beleza e os interesses pessoais, segundo relata Olívia Borges: “ia todinho pra minha casa e meus filhos”.

3 AS JOVENS, O LAZER E AS SOCIABILIDADES

O gênero na cidade. É esta a abordagem que o capítulo problematiza. As relações das mulheres com os espaços da cidade, cidade que é lugar de perigo e ameaça para elas, na visão que se tem desde o século XIX na Europa, segundo aborda Michelle Perrot (2005, p. 343).

Um estudo sobre a cidade de Picos e as transformações sociais que ocorrerem nas décadas de 1940, 1950 e 1960 apresenta-se como necessário para se entender a cidade e seus contornos, a influência das inovações tecnológicas na vida dos cidadãos e o impacto que estas causaram, principalmente no comportamento juvenil.

Nesse sentido, a cidade da memória das entrevistadas é uma cidade pacata, ainda muito ligada ao meio rural, é também uma cidade que provoca saudades. A Picos dos anos em estudo não mais existe como espaço construído, mas como memória. Logo, como cidade representada, alicerçada nas lembranças dos cidadãos. Como afirma Ítalo Calvino, “a cidade se embebe como esponja dessa onda que reflui das recordações e se dilata” (CALVINO, 1990, p. 7).

Traduzir a cidade em discursos leva em consideração vários aspectos, entre eles, os interesses dos grupos. Essa afirmação explica o fato de as entrevistadas ressignificarem a cidade de Picos como a cidade do “já teve”, pois alguns dos espaços urbanos consumidos por esses atores sociais, conforme dito, não mais existem, a não ser como sentimento. A memória coletiva desse grupo nos leva aos espaços de lazer da juventude de meados do século, que tem como palco principal a Praça Félix Pacheco, no centro da cidade, que se configurou como o principal espaço de sociabilidade à época. A praça enquanto espaço físico permanece no mesmo lugar; entretanto, as sociabilidades e o lazer, possíveis de outrora, se diluíram em meio a transeuntes apressados e vendedores ambulantes; configuram-se em novas experiências de cada sujeito histórico, pois a cidade é plural, múltipla em suas imagens.

Os contornos urbanos da cidade ainda eram restritos, principalmente, aos arredores da Praça Félix Pacheco, que constituía a zona de lazer da cidade. No seu entorno, encontravam-se bares, sorveterias e o cinema. Descendo pela Rua dos Italianos, hoje Travessa Coronel Luís Santos, se chegava às residências até a Rua Oswaldo Cruz, depois disso, só havia um campo de futebol, onde os rapazes se reuniam para descontraírem com o jogo de bola.

Chegava ali nos Correios, pra lá não tinha mais casas na década de 1960. Os circos eram armados onde hoje é o Posto Total. Onde hoje é a 9ª Gerência de Educação, em 1960 foi inaugurado ali o Marcos Parente, a Unidade Escolar Marcos Parente, porque ele funcionava naquelas casas que ficam em frente ao Picoense Clube [...] Mas quando você chegava nos Correios, só tinha uma casa ali na rua que hoje é a rua Monsenhor Hipólito [...] tinha uma casa, mas a gente não a via porque ela era coberta de mato, sabe. E o mais, o Canto da Várzea não existia, existia a casa de Dr. Waldim lá na Severo Eulálio, quando você entra na Severo Eulálio, naquela rotatória, tem uma casa que é chamada a Ingazeira e lá a gente ia passear, fazer os piqueniques (Oneide Rocha).

Neste relato de Oneide Rocha, percebemos que a cidade ainda era muito limitada, e que bairros importantes, nos dias atuais, como o Canto da Várzea, eram pouco habitados. É interessante frisar as brincadeiras de piqueniques, no cotidiano dos jovens, que escolhiam uma área rural – nesse caso a Ingazeira – para se deliciarem com as guloseimas levadas para a

brincadeira, e confraternizarem-se com seus colegas. Os circos, quando passavam suas temporadas na cidade, constituíam um lazer temporário para a população, apresentavam-se como uma forma de diversão, pois todos queriam assistir a seus espetáculos. A cidade que nos habita é a que emerge em cada zona de interesse e pertencimento (SOUSA, et. al., 2013).

Por isso a Picos que delineamos neste item é a cidade dos desejos, uma cartografia sentimental, na concepção de Suely Rolnik (2006), possibilitada por meio da memória. “Toda memória coletiva tem como suporte um grupo limitado no tempo e no lugar” (HALBWACHS, 2006, p. 106). A cidade do afeto torna-se, muitas vezes, mais real do que a cidade física, sendo materializada no apego, nos anseios e nas representações.

Nessa perspectiva da cidade da memória e do afeto, as entrevistadas recordam-se da simplicidade e do caráter provinciano de Picos de meados do século XX, uma cidade em que a luz elétrica era possível por meio de um gerador, desligado pontualmente às nove horas da noite, mas que, mesmo no escuro, não existia o medo de se passear pelas ruas da cidade.

Minha juventude, eu tenho muita saudade daquela Picos provinciana, porque o progresso foi chegando e foi chegando também muitas coisas que trouxeram benefício para a cidade e ao mesmo tempo muitas mudanças que alteraram muito o comportamento das pessoas. [...] A juventude daquela época era habituada a ir para a praça, no passeio da praça, nove horas quando o sino batia, o relógio da igreja começava as badaladas das nove horas, corria todo mundo para casa, porque nove horas, todo rapazinho adolescente e toda mocinha tinham que estar na sua casa com seus pais, para dormir cedo (Raimunda Moura).

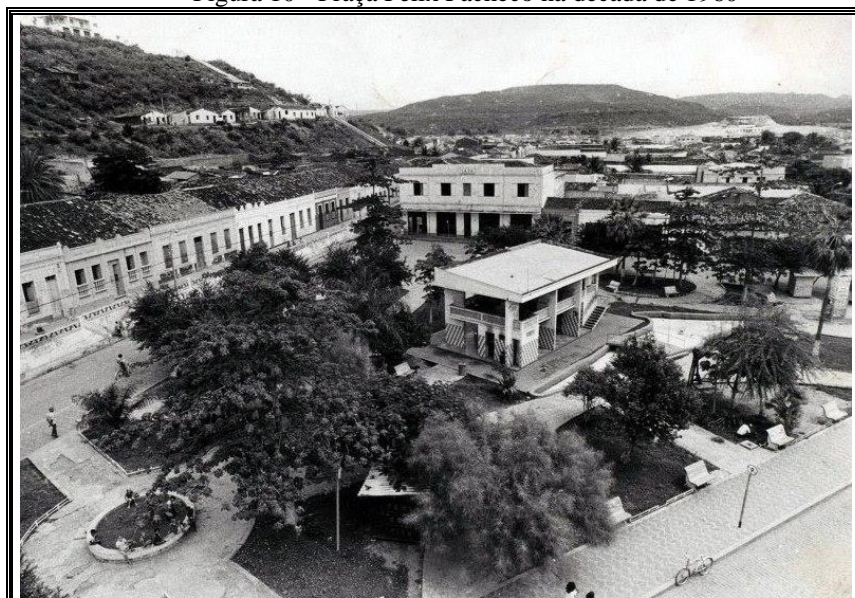
Os padrões de moralidade eram ainda muito rígidos nessa sociedade, a mulher era enclausurada dentro de modelos normativos de pureza e castidade, alvo de cuidado e vigilância dos pais, mas sobretudo dos olhares inquisitoriais da sociedade. Aos homens eram permitidos os prazeres da noite, entretanto, no novo modelo de sociedade burguesa, eram-lhe cobradas disciplina, honra e moralidade (OLIVEIRA, 2004).

Em mais uma década que separa as nossas entrevistadas mais novas das mais velhas, percebemos que não se apresentavam grandes diferenças em relação aos passeios na praça. Ambas tinham que respeitar os horários de divertimento noturno. Mesmo em Teresina, onde Maria Nunes residiu na década de 1950, os passeios deveriam se encerrar às nove horas da noite. Castelo Branco (2005a, p. 55), ao tratar das mulheres teresinenses do início do século XX, aponta o início desses passeios após a chegada da luz elétrica em 1914; quarenta anos se passaram e o *footing* teresinense na Praça Rio Branco também não deixou de existir, haja vista que, nesses anos, Maria Maia passeava por lá.

3.1 O pé de limão: a praça e a possibilidade de fuga aos olhares vigilantes

Raquel Rolnik define a cidade como “um ímã, um campo magnético que atrai, reúne e concentra os homens” (ROLNIK, 2004). A Praça Félix Pacheco, nesse sentido, era um campo de atração dos jovens no espaço da cidade. Era ali onde se experienciava grande parte das práticas juvenis, desde o encontro com os amigos aos namoros nos bancos da praça. A cidade, até os anos 1960, tinha a praça como o seu ponto principal de sociabilidades. Uma praça de formato triangular, com um enorme jardim, que apresentava desde floridas roseiras e plantas rasteiras a árvores de grande porte como carnaubais, que se balançavam no encontro com o vento. Os bancos ficavam ao lado dessa vegetação, proporcionando a seus frequentadores uma sensação de ar puro e maior contato com a natureza. A imagem a seguir representa a praça nos anos de 1960 (Figura 10).

Figura 10 - Praça Félix Pacheco na década de 1960



Fonte: Museu Ozildo Albano.

Inaugurada no dia 10 de janeiro de 1942 (ALBANO; SILVA, 2011), não era somente na praça que existia arborização, conforme vemos na imagem, a parte afastada do centro da cidade também era composta por grande vegetação. Entretanto, a praça era o local que mais atraía a juventude naqueles anos.

A praça era o *point*, era o lugar de lazer e de encontro. Toda noite, quer dizer, principalmente nos domingos, sábados, você ia, pela manhã, ia à missa de nove, depois tinha um passeio na praça. Porque ali na frente onde é o Banco do Brasil, aquela frente todinha ali era sorveteria, era bar, barzinho. Era um lugar onde a juventude se encontrava. [...] A praça era bem maior, era bem mais larga, ela era tipo triangular. Ela avançava ali para a Avenida Getúlio Vargas, para a parte da Coelho Rodrigues e descendo na rua ali Luís Santos (Oneide Rocha).

O entorno da praça tornava-se um local muito frequentado, pois os jovens saíam das missas nas manhãs de domingo e iam, na companhia de seus familiares, tomar refrigerante nos bares ao redor daquele espaço de vivências coletivas. O interior da praça nos anos 1950 contava com a instalação, bem ao centro, do coreto, anos mais tarde retirado para, no lugar, construir um barzinho, conhecido pelo nome de *Abrigo*.

O *Abrigo* era formado pelo térreo, onde funcionava um bar, aberto durante o dia e à noite; e, no andar de cima, era o local reservado para festas que aconteciam nas noites de finais de semana, onde rapazes e moças se divertiam, dançavam e namoravam ao som da sanfona, do triângulo, e da zabumba que animavam as serestas. Havia ainda os dias em que a apresentação era somente ao som dos violeiros. A juventude gostava de frequentar o *Abrigo* e tinha o hábito de subir para o salão e ficar observando o movimento na praça, mesmo nos dias em que não havia festa, pois a praça era um espaço permanentemente agitado.

Os rapazes e moças marcavam de se encontrar na praça para irem juntos à Sorveteria *Apollo 11*, que ficava do outro lado da rua. Os rapazes de camada social mais baixa, que não possuíam dinheiro, iam para a praça apenas observar a movimentação e as mulheres da alta sociedade, que, geralmente, passavam bem vestidas. A praça era um espaço em que a distinção social era bem definida, de acordo com a narrativa de Ozildo Barros, utilizada no nosso trabalho de conclusão de curso mencionado neste texto.

As pessoas, chamadas “da sociedade”, as moças mais elegantes, que se vestiam melhor, desfilavam naquele passeio do lado do Banco do Brasil. As pessoas que não podiam comprar roupas melhores, como eu e meus amigos, a gente ficava recolhido naquela parte interna onde existia um abrigo, inclusive, né, com um barzinho e tudo. A gente ficava por ali, às vezes se aproximava um pouco só para ver as mulheres bonitas desfilando com seus trajes. Alguns casais, eles namoravam, existia um exibicionismo dos namorados, desfilavam namorando, era bem iluminada a praça, eles desfilavam ali. A raia miúda ficava na parte interna da praça, inclusive ali era onde a gente conhecia as moças da nossa geração, paquerava, namorava por lá mesmo (OLIVEIRA, 2011, p. 34).

Mesmo sendo um espaço público, frequentado indistintamente pelos jovens, a praça tinha seus ambientes demarcados, ficando do lado de dentro os indivíduos de posição social mais baixa, e, do lado de fora, os filhos de políticos, comerciantes, os que possuíam *status* mais elevado.

A narrativa de Ozildo Barros, sobre a praça como um local para namoros, é reforçada pela memória coletiva de muitas das nossas entrevistadas, e, assim, mencionada: “Namorei. Foi na praça meus primeiros encontros de namoro mesmo. Era muito legal a Praça Félix

Pacheco [...] aquela era a época do romantismo, você ficava olhando, depois a pessoa te acompanhava, se bem que eu só tive um e ele ainda era vizinho meu” (Conceição Albano).

Os casais se encontravam por meio de um ritual, em que os rapazes ficavam nos dois lados da entrada da praça e as moças, de braços dados às suas amigas, passeavam pelo meio da praça para serem vistas. Ao perceber a chegada de sua namorada, o rapaz encostava próximo à moça e conduzia-a de mãos dadas, em direção à parte central para ficarem mais reservados, enamorando-se. Os namoros eram embalados pelos sons dos alto-falantes presentes na praça. Nos estudos sobre as amplificadoras em Teresina, o pesquisador Daniel Solon trata dos momentos de descontração e romantismo proporcionados por esse veículo: “À noite, as amplificadoras – que imitavam o funcionamento de emissoras de rádio – também animavam os passeios dos jovens na Praça Pedro II, onde era possível oferecer músicas de ‘fulano para beltrano’” (SOLON, 2011). Como podemos observar neste trecho, a paquera também era influenciada pelos sons ecoados dos alto-falantes, tanto na cidade de Teresina quanto em Picos.

Os parâmetros sociais conduziam as moças a se relacionarem com rapazes da mesma camada social, porque as famílias se conheciam, sabiam referências desses jovens e ainda conservavam o padrão econômico.

Os passeios pela praça eram vigiados pelos olhares dos pais e da sociedade, que estavam sempre alerta às companhias e ao comportamento das filhas. De acordo com Jesus Carvalho, o seu pai, além de vigiar as filhas, ainda vigiava as amigas delas. No entanto, a vigilância não impedia as jovens de encontrarem seus pretendentes e com eles se deliciarem com os namoros às escondidas. O fragmento de memória, a seguir, é esclarecedor com relação a isso:

Tinha um pé de limão que a gente ficava namorando, mas era de olho porque às vezes os pais ficavam arrodando. [...] Era quase no meio da praça. Tinha um pé de carnaúba e um de limão. Mamãe ia pra igreja e eu fugia, ia pra praça, eu dizia a ela: não, num quero ir não. Porque eu queria ir encontrar as meninas, ou os paquerinhas, nessa época eu já tinha 18 anos, mas não era como hoje que com 15 anos você já encontra tudo ali não. E se fosse era escondido. Quando o pessoal já tava dizendo: “olha as velhinhas descendo da igreja”, eu desabava. Mas um dia, eu de costas e parece que mamãe saiu das primeiras, acho que ela tava desconfiada... mas foi briga. Mulher, ela chegou: “Olha o que é que você tá pensando?”, o rapazinho ficou todo desconcertado (risos). Mas era bom. Foi época boa, eita época boa (Doralice Moura).

As sombras das árvores não representavam as únicas possibilidades de fuga dos olhares vigilantes, a escada do morro também era reinventada: “[...] mas só durante o dia. À

noite não podíamos ir. Depois mudaram a instalação, veio a CEPISA e melhorou a iluminação” (Raimunda Moura). Localizada em frente à praça, a escadaria para subir ao morro também era espaço recorrente de quem desejava esconder-se, de pouca iluminação, permitia despontar os desejos entre os jovens picoenses.

Para que seja exemplificado o que as entrevistadas nos contam, pensamos ser interessante mostrar duas fotografias associadas para melhor entendimento de como eram esses lugares de encontros secretos (Figuras 11 e 12).

Figura 11- Praça Félix Pacheco, 1960



Fonte: Museu Ozildo Albano.

Figura 12 - Escadaria do Morro, 1967



Fonte: Museu Ozildo Albano.

A fotografia 11 representa toda a Praça Félix Pacheco. No seu interior é possível identificar-se a presença de inúmeras árvores, as quais as entrevistadas se reportaram; no centro há também o *Abrigo*, local onde ocorriam as festas. Na segunda foto, vemos a ruela que leva às escadarias do morro, ao fundo. Esta rua se encontrava ao lado do prédio do *Cine Spark*, o cinema da cidade, que se localizava em frente à Praça Félix Pacheco.

Na cidade de Picos, a maioria das moças seguia os padrões estabelecidos pela sociedade, encaixando-se nos perfis de filha dedicada, virgem, recatada e seguidora dos preceitos da Igreja Católica. Entretanto, existiam algumas jovens que resistiam ao discurso disciplinar, reinterpretando as normas instituídas e reinventando o cotidiano por meio de práticas astuciosas.

As maneiras de criar, que Certeau chama de “artes de fazer” do cotidiano, não se amarram à vigilância, buscam modos de alterá-la ou escapar dela. São as *táticas*, e ele nos explica:

[...] chamo de *tática* a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A *tática* não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha.[...] ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as “ocasiões” e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. O que ela ganha não se conserva. Este não lugar lhe permite sem dúvida mobilidade, mas numa docilidade aos azares do tempo, para captar no voo as possibilidades oferecidas por um instante. Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia. Em suma, a *tática* é a arte do fraco (CERTEAU, 1994, p. 100-101).

As burlas apontadas por Michel de Certeau podem ser vistas nas atitudes de jovens picoenses que resistiam ao comportamento imposto pela sociedade, saindo às escondidas dos pais para flertar com os rapazes na praça. O limoeiro, bem como a carnaubeira constituíam os espaços escondidos da praça, pois, por serem mais escuros, permitiam um namoro mais ousado, longe do julgamento da população. Percebemos também que as atitudes de resistência tinham apoio de outros indivíduos; possivelmente, as amigas ficavam observando para que os pais não descobrissem as atitudes das filhas. Elas se acobertavam, pois uma poderia precisar futuramente da proteção da outra.

Conforme percebemos, também nas lembranças compartilhadas, as práticas de sedução masculinas e femininas estavam bem definidas, aos homens cabia a função de observar, parados, as moças solteiras a passear, balançando seus vestidos de seda. Às mulheres, ficava o papel de sedutoras, jogando seu charme a fim de encantar os possíveis pretendentes.

O flerte era o esporte da época, momento em que se dava a iniciação do sentimento amoroso (CARDOSO, 2010); e a praça era um espaço no qual a juventude o praticava mais abertamente, longe dos olhares das famílias; contudo, os passeios à noite, na praça, aconteciam somente até as vinte e uma horas, horário em que o sino da igreja tocava e os jovens deveriam se dirigir a suas casas. A cidade ficava no escuro, àquela hora, todos os dias, era desligado o gerador que garantia a iluminação elétrica da cidade. O sino da igreja batia as nove badaladas, e todas as mulheres deveriam se dirigir a suas residências. Na Teresina dos anos 1950 também havia essa preocupação por parte de algumas jovens:

Quanto aos rapazes, depois que deixavam suas namoradas em casa, desciam à zona do meretrício da cidade, situada na Rua Paissandu. As moças que resolvessem ficar na praça, depois de soado o apito do quartel, passavam a ser mal faladas, no entanto, as mais atrevidas, ficavam até as dez, na sorveteria, afrontando as orientações paternas (OLIVEIRA, 2009, p. 71-72).

Pelas semelhanças presentes no *modus vivendi* da juventude teresinense e picoense, certamente havia as jovens que não se deslocavam de imediato para as suas casas em Picos, permanecendo pela praça. No entanto, tal não foi mencionado em nenhuma das conversas ocorridas, talvez não por ausência desse fato ou esquecimento, mas por ser o passado irreconhecível na sua integridade, por estar sempre condicionado à visão e aos interesses do presente (DELGADO, 2006, p. 56). Entendemos, bem como Lucília Delgado, que as entrevistadas têm o poder de produzir imagens ao narrar suas memórias, e, nesse caso, a imagem construída de moça recatada e obediente era a identidade que mais importava para senhoras que atualmente possuem grande destaque na cidade, outras exercem sua religiosidade muito fortemente, outras possuem filhos e netos para quem devem servir de exemplo.

A Praça Félix Pacheco, até os anos 1960, foi um dos mais importantes espaços de lazer da cidade de Picos, lembrado pelas narrativas dos sujeitos que viveram naquele período como o *point* da cidade. Todavia, mais do que um lugar de lazer, a praça era um espaço que propiciava o surgimento de amizades, casamentos e, sobretudo, um lugar em que as sociabilidades juvenis se fortaleciam.

3.2 O rio Guaribas: fertilizador de corpos

“Guariba é o nome comum de várias espécies de macacos do gênero *Alouata*” (LEAL, 2008, p. 34). E ao principal rio da cidade de Picos foi atribuído esse nome por causa dos bandos dessa espécie que viviam por lá, durante o desbravamento dessas terras, como nos conta o cronista Firmino Leal em *Vozes da Ribeira*, livro em que relata fatos que marcaram sua infância entre as cidades de Bocaina e Picos, no Piauí dos anos 1970.

O rio *Guaribas* era o grande fertilizador dos solos picoenses, às suas margens eram cultivadas as vazantes de alho, arroz e outros produtos agrícolas, e suas águas serviam de bebedouro e irrigavam as pastagens dos gados da pecuária fortemente desenvolvida na região.

Exercia ainda grande influência no cotidiano picoense, consumido de várias formas e por grupos diferentes; consistia em fonte de água potável para o consumo dos habitantes e o exercício de atividades, como lavar carros e roupas, configurando ainda como um espaço de sociabilidade dos cidadãos. O rio Guaribas servia tanto como local de trabalho das lavadeiras quanto local de sociabilidade; enquanto esfregavam e batiam as roupas nas pedras, tagarelavam sobre suas vidas e as vidas alheias.

Diariamente crianças e jovens saíam de suas casas para tomar banho, nadar e pescar no rio Guaribas durante o dia. Havia uma segregação entre os gêneros nesses banhos públicos. Renato Duarte (1995, p. 22) assinala que os poços eram divididos entre poço das mulheres e poço dos homens. Os poços eram locais do rio onde a água era mais profunda, apropriada para mergulhar e nadar; e, segundo o autor, eram locais cujos limites e privacidade entre o masculino e o feminino eram rigorosamente respeitados, tanto que algumas mulheres banhavam-se nuas em seus poços, que eram em trechos de propriedades particulares.

Além de fertilizador do solo, o rio Guaribas era ainda fertilizador de corpos; mesmo Duarte afirmando que os espaços dos banhos eram rigorosamente separados entre homens e mulheres, acreditamos que essas fronteiras não eram tão respeitadas. Alguns elementos nos permitem fazer essa reflexão: um deles é ser o final do poço mais frequentado pelas mulheres, limite com o poço dos homens; outro, é que os jovens iam para o rio com seus amigos e amigas, longe da presença dos pais, conseqüentemente de seus cuidados. Em uma cidade na qual os padrões morais ainda são muito rígidos, a proximidade dos poços e as circunstâncias de vigilância provavelmente geravam curiosidade entre rapazes e moças na idade em que o corpo do outro ainda era um mistério a ser descoberto.

Ao anoitecer, o rio também proporcionava um bom esconderijo para o escoamento dos desejos: “[...] as margens e os bancos de areia formados no leito do rio Guaribas eram usados como locais para encontros íntimos à noite. Na falta de infraestrutura para encontros desse tipo, a quietude e o bucolismo do local eram uma atração para os casais mais liberados daquela época” (DUARTE, 1995, p. 22), que tinham apenas a lua como cúmplice dos seus namoros secretos.

3.3 Missão (des) cumprida: a Igreja e o erotismo dos corpos

“Quermesses, procissão faziam parte de grupos, acho que tudo quanto foi grupo de jovens eu participei. Eu acho que só pelo pretexto de sair de casa. [...]” (Raimunda Moura). Esta narrativa revela a experiência de uma de nossas entrevistadas e nos permite fazer uma

leitura sobre o comportamento antidisciplinar das jovens moças, no que diz respeito à conduta feminina determinada pela sociedade. Além de boa filha, a jovem também deveria ser religiosa, ensinada pela mãe a seguir os preceitos da Igreja Católica e a frequentar assiduamente as missas e as atividades propostas pelos sacerdotes.

O início do século XX, em Teresina, marca a ampla participação das mulheres nas atividades cristãs, assunto discutido por Pedro Vilarinho, no livro *Mulheres Plurais*, no qual pondera: “em uma cidade sem atrativos, onde o povo vivia à espera de algum acontecimento que quebrasse a rotina cotidiana, a devoção e a busca de lazer acabavam por se confundir (CASTELO BRANCO, 2005a, p. 22)”. O autor considera que as mulheres ocupavam parte de seu tempo se dedicando à ornamentação das igrejas, às organizações de quermesses, ao canto das liturgias, além da participação diária nas missas e procissões.

Considerando a trajetória de vida das entrevistadas, é possível assinalar semelhanças nas práticas que o autor aponta para Teresina, nos anos de 1950 e 1960 em Picos. O depoimento seguinte é esclarecedor quanto a isso:

[...] na época a vida religiosa era muito intensa, porque a vida da cidade girava em torno da escola, da igreja, e a igreja tinha sempre uma relação, você ia pra igreja e depois ia pra praça. E eu fiz minha primeira comunhão, participei da *Cruzadinha*, que era um grupo de crianças de iniciação que estudavam no Colégio das Irmãs, sempre ia à missa, também fui catequista. Sim, como eu tava dizendo, girava em torno da escola, da igreja e depois do cinema e do clube, a praça era o ponto principal, tinham procissões, depois tinha as festas religiosas que eram festas enormes, faziam leilões e as joias iam todas lá pra casa e mamãe colocava os meninos tudim pra levar as joias pra igreja, e a gente fazia isso com o maior prazer (Oneide Rocha).

Observe-se a fotografia dos anos 1950, em que aparecem várias crianças, entre meninos e meninas, na realização da Primeira Eucaristia, também chamada de Primeira Comunhão.

Figura 13 - Crianças participando da Primeira Comunhão



Fonte: Foto Varão.

A exemplo de Raimunda e Oneide, muitas das moças picoenses eram criadas, desde o nascimento, dentro dos ditames da Igreja Católica, passando pelo sacramento do batismo, comunhão, penitência ou reconciliação até chegar ao matrimônio. Frequentavam a Igreja, cantavam nos corais, participavam das procissões, de grupos de jovens, e quermesses da festa de Nossa Senhora dos Remédios e de São Francisco. Contudo, e aqui reside a justificativa dessa sessão, a Igreja foi sendo ressignificada por uma parcela das mulheres que vivenciava o período em estudo na cidade de Picos.

Um espaço social principalmente feminino, no qual a mulher tinha grande importância na realização de eventos, como, por exemplo, festejos dos santos padroeiros e leilões. A Igreja tornou-se um recinto que configurava possibilidade de saída do espaço da casa, onde, muitas moças se consideravam prisioneiras dos cuidados dos pais. Os eventos religiosos representavam um acontecimento social para a vida das jovens, onde se encontravam com as amigas e se apresentavam aos futuros pretendentes.

A Igreja também fazia parte das sociabilidades masculinas. Os rapazes participavam das missas e era esse o momento em que iniciavam os flertes, pretensos olhares erotizados, em meio à contenção velada dos corpos, nesse espaço religioso. Ver o pretendente na Igreja despertava a ansiedade de encontrá-lo em seguida, na praça, pois sua presença nas missas muitas vezes era um pretexto para se dirigir à praça, sobretudo porque, depois da celebração, moças e rapazes se encontravam ali, no principal ponto de encontro da juventude no período em estudo.

A Igreja incitava o erotismo dos corpos, e, conforme Bataille (2013, p.114), aproximava o ato de amor ao sacrifício religioso, mostrando que o que se quer dos dois é a carne. Opera com a dualidade entre sagrado *versus* profano, em um discurso de contenção da transgressão que se ampara no profano para legitimar o sagrado. Neste contexto, a figura de Eva ganha destaque, a mulher que não conteve seus instintos e transgrediu a regra de não comer do fruto proibido. Essa representação de Eva dá sentido as duas esferas discutidas por Georges Bataille como criação do cristianismo, o puro e o impuro. Eles se contrapõem, mas se complementam, um é legitimado pelo outro, por meio de discursos de culpabilidade que provocavam medo, em confronto com a produção de discursos de fidelidade e devoção ao puro, ao sagrado e a consequente imposição para as mulheres; ou seja, a imitação da vida de Maria, virgem imaculada, livre do pecado original.

A mulher deveria ser recatada, “uma mulher conveniente não se queixa, não faz confidências, exceto, para as católicas, a seu confessor, não se entrega. O pudor é sua virtude, o silêncio, sua honra, a ponto de se tornar uma segunda natureza” (PERROT, 2005, p. 10). O silêncio da mulher só deveria cessar no momento da confissão, quando seus segredos mais profundos eram revelados ao sacerdote. As confissões e penitências em parte produziam disciplina, por meio de castigos aplicados pelos padres às moças quando reveladas as falhas e pecados cometidos que afetavam a doutrina da Igreja. Por outro lado, ajoelhar-se, estar aos pés de um homem, especialmente um “homem santo”, denotava veneração e submissão; e provocava os instintos fervorosos de moças e senhoras que se encontravam a sós, com um padre, abrindo o seu coração.

O erotismo se revelava até mesmo nas festas vinculadas às tradições religiosas, afirma Elizangela Cardoso (2010), ao comentar sobre as festas juninas ocorridas em Teresina, nos anos 1930, e a associação dos festejos a Santo Antônio, São João e São Pedro, com as quermesses para angariar fundos em benefício da Igreja (CARDOSO, 2010). Por sua vez, Castelo Branco nos faz refletir que essas festas ligadas aos santos católicos, com brincadeiras de pular fogueira, de olhar a imagem do futuro marido no fundo de uma bacia tinham um caráter muito mais profano que religioso (CASTELO BRANCO, 2005a, p. 43). Essas simbologias manifestadas nas simpatias para saber se o casamento estava próximo, para descobrir as letras iniciais do nome do marido e também a profissão deste, eram vivenciadas em Picos nos anos analisados e ainda nos dias atuais, principalmente na zona rural (Figura 14).

Figura 14 - Festa Junina, 1965



Fonte: Acervo pessoal de Raimunda. Moura.

Para prender a atenção da juventude na fé cristã, os sacerdotes promoviam reuniões de grupos de jovens, encontros e passeios que configuravam momentos de lazer. Essas reuniões figuravam também como orientações sobre preceitos morais – como a importância de preservar a honra e a dignidade – todos pautados em ideais cristãos – amar, respeitar e ajudar o próximo – A saber:

Eu acho que a juventude daquela época deve muito dessa formação moral, cristã, ética aos grupos culturais que foram criados pelo Padre Alfredo [...] eles tinham uma convivência muito com os jovens, de orientar os jovens. Então nós tínhamos esses grupos e a gente se encontrava... Tinha os encontros, os retiros, lá no CTD (Raimunda Moura).

O padre a quem a entrevistada se refere era Alfredo Schäffler, nascido na Àustria, em 1941, ordenado padre em fins de 1968, e enviado para exercer o sacerdócio em Picos, em 1970. Assim como o padre Alfredo, outros estrangeiros trabalharam na paróquia de Picos, conforme descrito: “a Igreja Católica, comandada pelo padre chamado Paulo, que devia ser de algum lugar da Europa que não me recordo” (Olívia Borges). Com culturas e idiomas diferentes dos da cidade de Picos, possivelmente esses padres causavam encantamento nas jovens, principalmente se considerarmos que alguns eram igualmente jovens, como o padre Alfredo, que estava no auge de seus 29 anos de idade quando chegou na cidade.

Na tentativa de tornar a vivência cristã mais atrativa para os jovens, os piqueniques formados pelo grupo de jovens da Igreja Católica passeavam até mesmo por outras cidades, a exemplo de Itainópolis, lugar onde a fotografia, a seguir, foi tirada. Nesses encontros, havia o momento de descontração, mas também o de conversa e de oração, onde estreitavam seus laços com a fé católica e, por ventura, com os padres.

Figura 15 - Passeio em Itainópolis, 1966



Fonte: Acervo de Raimunda Moura.

Bataille aponta a possibilidade do ser humano de ir do sagrado ao profano, onde seus pontos se convergem (BATAILLE, 2013, p. 29) e a forte ligação com os padres provocava os instintos sexuais e o ciúme entre as outras mulheres. Elizangela Cardoso (2010, p. 330) ilumina essa questão em sua pesquisa, ao mostrar que a aproximação das mulheres com os padres, para assuntos religiosos, os conduzia, algumas vezes, à vivência do amor romântico, comprometendo o exercício religioso do padre nas ordens da Igreja. Ancorada na memória de seus sujeitos históricos, a autora relata, inclusive, que alguns deixaram a batina para viver o amor. No entanto, as nossas pesquisas não apontaram para esse comportamento dos padres no período em estudo, apenas em décadas posteriores.

A formação religiosa se estendia por todas as etapas da vida feminina, se difundindo as atividades da Catequese, nas quais algumas das entrevistadas mencionaram ter feito parte como catequista, instruindo crianças dentro dos princípios e da moral cristã. Da geração mais velha, Conceição Albano foi uma delas; e, da mais nova, Oneide Rocha e Raimunda Moura. Segue uma das experiências narradas por uma das protagonistas:

A gente ia entrar no bar pra mostrar boas maneiras, a religiosidade, eu trabalhei muito com a alfabetização de adultos, nos bares com a questão de catequese, trabalhei muito a catequese na Passagem das Pedras, era uma aventura, quando o rio tava cheio a gente ia de canoa, era aventura pra gente na época. Muito boa essa vivência de grupo de jovens, e hoje ainda tem essa grande amizade, a gente se encontra só pra lembrar (Raimunda Moura).

Não obstante as adversidades, as catequistas não titubeavam em exercer suas atividades em locais de difícil acesso, como no caso do Bairro Passagem das Pedras; para elas, era uma forma de divertimento atravessar de canoa o rio Guaribas no período das cheias.

Os preceitos cristãos eram ainda ensinados por meio das visitas que os padres e o grupo de jovens faziam às famílias mais necessitadas e aos prostíbulos, tema que trataremos no capítulo seguinte.

A participação nos grupos, corais e o auxílio aos padres no momento das celebrações deram escoamento às conversas animadas sobre os filmes assistidos no *Cine Spark* e os flertes na Praça Félix Pacheco. Ao tratar sobre as tensões entre a Igreja e os novos espaços de lazer teresinenses, no mesmo período do nosso estudo, Luciana Pereira (2011) discorre que era no mundo moderno que a educação cristã era posta em perigo. Por conseguinte, a Igreja criou mecanismos para disciplinar os jovens, tanto nas escolas quanto em casa e na própria Igreja, como forma de controlar seus instintos mundanos. O jornal católico *O Dominical* servia como produtor de discursos para regular e moralizar a sociedade teresinense, principalmente feminina. Em Picos:

A Igreja tinha um jornal muito piegas com negócio de igreja mesmo, eu até tinha umas aqui... Mas sempre lutei muito pelas mulheres, mas nunca fui muito bem entendida desse assunto não, porque eu nunca aprovei essas reuniões onde os homens ficam de um lado e as mulheres do outro falando de criança, marido, empregada, cozinha... Nunca fiz crochê, nunca limpei bundinha de neto, adoro e eles também gostam de mim, mas quem cuida é os pais (Olívia Borges).

A fala de Olívia é elucidativa das territorialidades distintas entre homens e mulheres, que se deslocavam para espaços diferentes em reuniões e festas, reforçando os papéis do feminino e masculino na sociedade conservadora. Contudo, identificamos os diversos comportamentos femininos, que ora eram comunicados pela conduta moral ditada pela igreja, ora pela liberdade de algumas mulheres que rompiam com os ditames sociais, inclusive com os ensinamentos dogmáticos da Igreja Católica.

3.4 Lanterninhas para quê? O cinema e o controle dos corpos

O cinema era visto como influência ruim para a moral e os bons costumes (QUEIROZ, 1998), pois proporcionou alterações de comportamento nas sociedades, inclusive em Picos. “O lazer público era considerado pela Igreja Católica como perigo para o recato e a honra feminina, entre eles o cinema, passeios, compras” (RODRIGUES, 2010, p. 82).

As exibições afetavam ainda os comportamentos morais da sociedade, no sentido de apresentarem filmes que incitavam um namoro mais apimentado. Até mesmo o próprio escuro do cinema oferecia condições de extrapolar os padrões de comportamentos aceitáveis, encorajando os rapazes a beijar as moças e a “avançar o sinal”.

Nesse sentido, abordaremos aqui o papel dos lanterninhas dentro do cinema *Cine Spark*²⁸ e as *táticas* utilizadas por seus frequentadores, para burlar a ordem estabelecida. Os lanterninhas eram guardas que ficavam no escuro do cinema, iluminando alguns pontos com uma lanterna, na tentativa de impedir os namoros durante as exibições. Contudo, a figura dos lanterninhas nem sempre intimidava os rapazes e as moças que sempre encontravam um jeito de despistá-los nos intervalos das transmissões e deliciar-se com um beijo.

A sociedade a todo instante impõe regras aos indivíduos, e o homem ordinário, apontado por Certeau, elabora táticas de resistência para escapar ao aprisionamento social, reinventando o cotidiano de várias formas, ressignificando códigos, para utilizá-los à sua maneira, fugindo à previsibilidade e ao lugar-comum. Para Michel de Certeau o que interessa aos historiadores do cotidiano é o invisível. Mas o que é o invisível? Trata-se das pequenas ações praticadas ao longo dos dias pelo homem ordinário, práticas estas que nos dizem mais sobre a vida humana do que as questões políticas e os grandes acontecimentos antes evidenciados pela historiografia positivista.

O cinema também se constituiu como um dos espaços de lazer na cidade de Picos. Localizado em frente à Praça Félix Pacheco, o *Cine Spark* foi inaugurado no ano de 1964. Seu espaço era formado por uma tela panorâmica e cadeiras confortáveis, em um ambiente ventilado. As exibições eram feitas todos os dias, à noite; e nos finais de semana eram duas sessões diárias, nos dois turnos. De acordo com Oneide Rocha, existiam filmes em que as filas de entrada para o cinema chegavam até a Praça Félix Pacheco, do outro lado da rua. Todas as tardes, o carro de propaganda anunciava pelas ruas da cidade o filme que seria

²⁸ Cinema criado na década de 1960, do proprietário Chico de Júlio. Atualmente o prédio do cinema ainda existe, mas funciona uma Igreja Evangélica no seu local. As cadeiras que faziam parte do *Cine Spark* encontram-se no auditório do Instituto Monsenhor Hipólito e alguns de seus maquinários estão expostos no Museu Ozildo Albano.

exibido à noite. Eram exibidos filmes das mais variadas categorias, como os românticos, os de suspense, de *bang-bang* e principalmente filmes cristãos (Figura 16).

Figura 16: *Cine Spark* na década de 1960



Fonte: Museu Ozildo Albano.

Em suas sessões, eram apresentados filmes brasileiros, americanos, italianos, de vários países do mundo. Uma pequena caderneta de Albano Silva (picoense, atual diretor do Museu Ozildo Albano), encontrada no Museu Ozildo Albano, em que ele anotava o nome dos filmes assistidos e a data de exibição no *Cine Spark*, aponta uma amostra das exibições cinematográficas nos anos de 1964 e 1965 (Quadro 2).

Quadro 2 – Exibições cinematográficas no *Cine Spark*: 1964 – 1965

FILME	DATA DE EXIBIÇÃO
A Árvore da Vida	19/09/1964
Moral em Concordata	20/09/1964
Cinco Mulheres Marcadas	31/10/1964
Ben Hur	01/11/1964
Golias Contra os Bárbaros	08/12/1964
Os Brutos também Amam	01/01/1965
Entrevista com a Morte	03/01/1965
A Casa dos Sete Gaviões	07/01/1965
A Lágrima que Faltou	24/01/1965
A Alegria de Viver	25/01/1965
Sangue sobre a Índia	20/02/1965
Mandacaru Vermelho	21/02/1965
As Aventuras de Ferdinando	23/02/1965

Fonte: Anotações pessoais da caderneta de Albano Silva.

Com relação ao Quadro 2, faz-se necessário destacar a frequência com que Albano Silva assistia aos filmes. Isto nos permite perceber o quanto o cinema fazia parte do lazer dos jovens nos anos 1960. Oneide Rocha, que morava ao lado do cinema, também era frequentadora assídua dessa diversão pública moderna.

O *Cine Spark* era um espaço em que os jovens assistiam aos filmes que, naquele momento, faziam sucesso no cenário mundial. Entretanto, as exhibições não eram concomitantes às exhibições feitas no restante do País e do Mundo, tendo em vista que Picos é uma cidade interiorana; logo, recebia essas informações com um considerável atraso.

Nem todos os indivíduos que moravam na cidade de Picos, naquele momento, poderiam assistir aos filmes, uma vez que a camada pobre da sociedade não tinha condições de pagar o ingresso. Segue uma das experiências narradas por um dos atores sociais que compunham o nosso trabalho monográfico de conclusão de Graduação:

Existia do outro lado, ainda hoje existe, o prédio do *Cine Spark*, funcionava na época e existia uma forte influência em Picos e existia o cinema, o Cine Spark. Mas nós não tínhamos dinheiro para pagar, a maioria da turma da nossa geração, filhos de camponeses, né. Estudavam aqui, não recebiam mesada, nada, não tinha um centavo no bolso, então a gente assistia as películas do lado de fora, quando alguém entrava ou saía que balançava a cortina, a gente viu alguma cena e ouvia aquele som inglês e alguns dos nossos colegas que podiam assistir o filme, no outro dia contava, narrava o filme. Certamente inventando, criando, outras coisas e tudo. E quem não assistia ficava imaginando, né? Eu estava entre os que não podiam pagar (OLIVEIRA, 2011, p. 39).

É interessante perceber o quanto o cinema fazia parte do cotidiano e do lazer da juventude picoense, a ponto de os jovens de camada mais baixa utilizarem *táticas* para assistir às películas e ficarem espiando, do lado de fora, as exhibições dos filmes, no momento em que as cortinas balançavam. Era a forma de eles reinventarem práticas cotidianas.

Para os jovens, o cinema era espaço que provocava encantamento, tanto para os rapazes, com os filmes de faroeste, de terror, de guerra, que configuravam entre as preferências masculinas, quanto para as moças, com os filmes cristãos, comédias e romances. A preferência também diferenciava entre os gêneros, no que se referia às revistas em quadrinhos, que tinham forte ligação com o cinema, eram lidas antes das exhibições do cinema e ainda tinham como protagonistas atrizes e atores de famosos filmes da telona. Em *Vozes da Ribeira*, Firmino Leal relembra: “era corriqueiro as mocinhas levarem revistas de fotonovela que eram lidas antes das sessões, e os meninos procediam da mesma forma com seus gibis. Havia, na porta do velho *Cine Spark*, uma verdadeira feira de revistas usadas, bem como um

frenético troca-troca de revistas e gibis” (LEAL, 2008, p. 39). Para os rapazes, gibis de heróis e bandidos do Velho Oeste, vindos dos filmes de banguê-banguê; para as moças, as fotonovelas com histórias de amor, com muito romance e sedução. As fotonovelas surgiram no Brasil, influenciadas pela Itália, em fins dos anos de 1940 e proporcionada pela grande repercussão do cinema no mundo (SAMPAIO, 2013).

Antoine de Baecque, historiador francês e crítico de cinema, ao tratar da evolução dos corpos no cinema do século XX, aponta para a produção dos corpos sedutores nas telas cinematográficas, que, durante muitos anos, foi tomada como modelo por mulheres de todo o mundo e fetiche masculinos:

Ícone e fetiche desse *glamour*, eis a mulher fatal, assim como é esculpida por Hollywood, arrastando por sua beleza, pelo desejo de vida e morte que inspira, os homens para a fonte divina, mas na maioria das vezes ainda, para o mal e a desgraça. Seu corpo não é animado por razão alguma: flutua na aura da mera aparência. Desde suas origens, o cinema acolhe esse ícone sensual e cerca com um escrínio incandescente essa mulher que oscila entre a inocência e o escândalo (BAECQUE, 2009, p. 489).

Teresinha Queiroz (1998) em seu texto – *Cinema: invenção do diabo?* – considera que, desde o início do século XX, o cinema vem ditando moda no mundo todo; e na cidade de Picos, na década de 1960, não foi diferente. As mulheres passaram a imitar os modelos de roupas das atrizes famosas, passaram a copiar o jeito de andar e também de se expressar dessas figuras cinematográficas. A ida ao cinema apresentava-se também como uma forma de exposição das jovens casadouras para a sociedade e os rapazes; Conceição Albano corrobora: “Era legal lá porque tinha a sessão da manhã, da tarde e da noite. O interessante era que a gente ia toda arrumadinha, de salto, ia ver o filme e, ao mesmo tempo, ia se apresentar né? Ia arrumadinha com os vestidos da época”.

O cinema influenciava não só os padrões de beleza e vestuário das mulheres, mas também o imaginário feminino ligado às relações amorosas. As jovens sonhavam com um romance de cinema, com um príncipe encantado, para viverem felizes para sempre, assim como sugeriam os filmes de amor. Algumas mulheres casadas passaram a comparar, e, até mesmo, a desprezar os maridos por causa dos galãs, como sugere Teresinha Queiroz:

Com relação ao universo feminino, a grande modificação que o cinema teria trazido quanto ao imaginário, alterando a maneira como a mulher se via, como via o homem, as relações amorosas, suas obrigações domésticas. [...] Ao invés de prestarem atenção ao sermão do padre, passavam a trocar informações, a discutir e a tecer considerações em torno das fitas a que haviam assistido. [...] As mulheres, ao sonharem cada vez mais com o “príncipe encantado”, admitiam que seus pobres maridos jamais poderiam

alcançar o nível de elaboração e encantamento sugeridos pelo cinema, que modelava agora sua fantasia (QUEIROZ, 1998, p. 47-48).

As películas românticas despertavam a imaginação das moças, que passavam a fantasiar um príncipe encantado para desposá-las, ocasionando frustração para aquelas que não conseguiam um marido com características próximas às dos galãs da telona. Elizangela Cardoso (2010) discute, em sua tese de doutoramento, o livro de Elias Martins, *Fitas*, publicado em Teresina, no ano de 1920, e a crítica que ele faz ao cinema, espaço de sedução e desmoralização da sociedade, no qual as jovens eram incitadas aos pecados da carne, através de fitas que exploravam um cenário de libidinagem e erotismo. E as mulheres casadas ficavam presas em um mundo de fantasia. Esqueciam ou não exerciam com gosto e vontade as tarefas que lhe cabiam dentro do lar.

Em contrapartida, o cinema era palco para encontros amorosos clandestinos, onde muitas jovens saíam de casa com a permissão para assistir aos filmes e marcavam com os pretendentes sem que os pais soubessem. O escuro do cinema permitia maior aproximação dos corpos; nesse sentido, havia uma preocupação por parte dos proprietários do *Cine Spark* com as questões morais, pois uma das entrevistadas, Raimunda Moura lembra-se da presença dos lanterninhas dentro do cinema. Por isso, os pais de algumas moças da sociedade só permitiam que elas frequentassem o espaço do cinema na companhia dos irmãos, para impedir a aproximação dos rapazes mais atirados.

Por esse motivo, o cinema era visto como influência ruim para a moral e os bons costumes, haja vista que proporcionou alterações de comportamento nas sociedades, inclusive em Picos.

3.5 O dançar e o flertar: as relações entre o feminino e o masculino nos bailes picoenses

Em Picos, até a década de 1960, o público e o privado ainda eram espaços de diferenciação entre os gêneros, às mulheres cabia, predominantemente, o espaço da casa, onde era preservada a sua doçura, inocência e castidade, e os espaços públicos eram os vivenciados pelos homens, como símbolo de masculinidade. Entretanto, os bailes nos clubes sociais configuravam-se em espaços nos quais os pais exibiam as filhas casadouras para a sociedade. Nesse sentido, a pergunta central deste item consiste em: – Como as mulheres vivenciavam os bailes e também as festas carnavalescas, nos espaços públicos e privados? À procura de como perceber as relações estabelecidas nesses ambientes de lazer, vamos utilizar a memória

coletiva de indivíduos que vivenciaram sua juventude nos espaços da cidade de Picos, durante as décadas de 1950 e 1960. Eclea Bosi, em seu trabalho, dá voz às lembranças de velhos:

Um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar-nos pela memória dos velhos. Momentos desse mundo perdido podem ser compreendidos por quem não os viveu e até humanizar o presente. A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparecimento de entes amados, é semelhante a uma obra de arte (BOSI, 1994, p. 82).

Corroboramos o pensamento de Bosi no sentido de que revisitar a memória dos velhos nos permite conhecer a riqueza e a diversidade de épocas com as quais não convivemos, singularidades vêm à tona, como o fragmento a seguir, em que as tertúlias são apresentadas aos jovens picoenses como nova forma de lazer:

A gente fazia as festinhas que a gente chamava de tertúlia e tinha a vespéral, que era as festinhas à tarde, a gente fazia na casa de amigos, lá em casa a gente reunia, dançava. Interditava a rua e fazia o São João, já que não podia ir pra outras festas, e também fazia piquenique, ia lá pra Ingazeira (Raimunda Moura).

Essas festas aconteciam nas casas de algumas famílias, onde se reuniam rapazes e moças, em um momento de descontração. A foto representa bem esse momento (Figura 17).

Figura 17 - Tertúlia



Fonte: Acervo de Raimunda Moura.

A fotografia mostra a entrevistada dançando alegremente com o amigo. Essas festas conhecidas como tertúlia, se caracterizavam por serem de curta duração, começando às vinte e uma horas e terminando por volta das vinte e três horas. Ao fundo, vemos que a animação era feita por conta de radiola, que era o aparelho de som em que os discos de vinil eram tocados. Tratava-se de objetos que apenas as famílias de melhor condição social poderiam comprar. Era ainda por meio das radiolas que os cidadãos escutavam as rádios de outros locais e ainda ouviam LPs – *long-play* – de cantores de sucesso mundial. Com relação a esses objetos, observe-se a seguinte retrospectiva:

Eu me lembro que a primeira radiola, tinha as radiolas, né? O som era chamado radiola e era *long-play*. Era um disco desse tamanho (faz um gesto com as mãos). Eu me lembro que o primeiro *long-play* era uma radiolazinha pequenininha, vermelhinha com bege e foi um LP de Ronnie Von, com a música *A Praça*: (cantando) “Hoje eu acordei com saudade de você” (choro). Eu me lembro! (Oneide Rocha).

As lembranças estão povoadas de sons, afirma Ecléa Bosi, e foram esses sons que provocaram o choro de Oneide, ao rememorar as cantigas de amor que povoavam a mente das moças.

Dentro de configurações tradicionais de comportamento e sob a égide das questões morais, a grande maioria das moças, em especial, as filhas das famílias mais abastadas, passava boa parte do tempo dentro de casa, escutando os discos de seus artistas preferidos. “O lar é re-significado como um espaço de lazer, com a introdução do rádio dentro de casa, na sala de estar, o que proporciona um novo divertimento à família” (LIMA, 2007, p. 40). Entendemos, assim como Nilsângela Lima, que o lar tornou-se também um lugar festivo depois da propagação do rádio; além de proporcionar o prazer com as músicas transmitidas, este ainda poderia constituir uma forma de sociabilidade, sobretudo, familiar, no momento em que os membros da família sentavam-se na sala de casa, ao redor do rádio para ouvir o radiojornal, ou ainda, uma sociabilidade que iria além dos laços de parentescos, quando se reuniam os vizinhos que não possuíam o aparelho de rádio para compartilhar as benesses daquele aparelho.

Mesmo com as festas no *Picoense Clube*, as tertúlias nas casas das famílias não se encerraram. Contudo, a *Sociedade Civil Picoense Clube* foi um dos espaços de lazer e sociabilidades juvenis na cidade de Picos mais citados nas conversas que tivemos. Era o espaço em que os bailes aconteciam, nos clubes sociais. As festas propiciavam os encontros amorosos entre moças e rapazes, nas quais, mesmo sob a vigilância dos pais e da sociedade,

os jovens usavam de táticas para subverter o controle exercido, principalmente com práticas como o flerte.

Situado na Rua Monsenhor Hipólito, em 1960, esse clube servia como palco tanto para artistas nacionais quanto para artistas locais se apresentarem. Os dois principais conjuntos musicais da cidade que agitavam as tertúlias eram *Os Leões* e *Os Rebeldes*,²⁹ formados por jovens picoenses influenciados por artistas internacionais como *The Beatles*, *Rolling Stones* e pela *Jovem Guarda*, que despontava no cenário musical brasileiro. As festas eram animadas pelo som das guitarras elétricas, instrumento muito presente na musicalidade da década de 1960.

Todavia, o rock não se constituía como o estilo único apreciado pela juventude à época. A Música Popular Brasileira – a MPB – também fazia parte do gosto musical picoense, junto com o samba, o bolero, bossa nova e as marchinhas de Carnaval.

Os próprios carnavais picoenses eram realizados nas dependências do clube, com apresentação dos blocos carnavalescos em três dos quatro dias de Carnaval, no outro dia a apresentação era feita em um desfile pelas ruas da cidade.

O *Picoense Clube* era um espaço de lazer privado, com isso as festas eram frequentadas somente por sócios e por aqueles indivíduos que podiam pagar.

Nós nos arrumávamos todo, colocávamos aquela roupa domingueira e íamos para a festa do Picoense Clube, só que a gente não entrava, nós não tínhamos acesso. Não éramos sócios e nem podíamos pagar os ingressos. A gente ficava muito satisfeito, sentado naquela calçada ali da Rua Monsenhor Hipólito, assistindo as mulheres bonitas e bem vestidas passando lá, né. E a gente conversando, reinventando uns, outros discutindo os nossos sonhos, né, nos projetando para o futuro. E acendia um cigarro e passava de mão em mão, porque até o cigarro era caro, ninguém tinha um cigarro todo (OLIVEIRA, 2011, p. 45).

Conforme vimos, muitos jovens filhos de camponeses iam para a porta do clube; ali podiam observar a movimentação e apreciar a beleza e a elegância das moças da fina flor da sociedade picoense. Entretanto, os jovens de baixa renda também tinham seus espaços próprios de lazer e sociabilidades. Existia o *Círculo Operário*, um espaço construído pelos trabalhadores e que constantemente promovia festas. Os jovens que compunham a camada pobre da sociedade eram frequentadores do *Círculo Operário*, pois o ingresso de entrada era mais barato, portanto mais acessível. A diversão nessas festas também era grande, tendo em

²⁹ Para saber mais sobre a origem e influências do conjunto musical *Os Rebeldes*, ver: LIMA, Ana Paula; OLIVEIRA, Karla; CARVALHO, Mara. Música de protesto ou iê, iê, iê?: a cultura musical na cidade de Picos na década de 1960. In: I ENCONTRO REGIONAL DOS ESTUDANTES DE HISTÓRIA DO NORDESTE. 2010, Teresina, *Anais...* Teresina (PI), 2010.

vista que os conjuntos musicais que tocavam para a alta sociedade também se apresentavam nesse espaço do *Círculo Operário*, com público bem numeroso.

Além do *Círculo Operário*, outra opção de lazer para os jovens de segmentos sociais mais baixos eram os forrós,³⁰ como eram conhecidas as festas das comunidades menos abastadas. Aos domingos os jovens arrumavam-se e iam para o forró:

Eles sempre faziam, eles sempre promoviam, tinham as festas, inclusive na Trizidela tinha um salão de festas, que eles faziam as festas para eles, faziam as serestas também. E sempre tinha nos interiores. Tinha um local para eles irem (Raimunda Moura).

De acordo com as lembranças de Raimunda Moura, percebemos que as festas da juventude de condição social mais baixa aconteciam afastadas do centro da cidade, ou nos bairros de periferia ou ainda nos interiores. Entretanto, existia a *Associação Atlética Banco do Brasil* (AABB), espaço de lazer e sociabilidade da classe média e alta, que também funcionava longe do centro de Picos. A AABB foi fundada na década de 1960, como alternativa de lazer para os funcionários do *Banco do Brasil*, contudo, nesse clube, aconteciam festas que envolviam não somente os jovens, mas também suas famílias: “As famílias iam para a AABB, além do *Picoense* [...]. tanto à manhã de sol, piscina, quanto às festas mesmo, as famílias iam. Os pais de família iam com as moças ali, os filhos” (OLIVEIRA, 2011, p. 46). As manhãs de sol aconteciam aos domingos: enquanto os pais ficavam conversando, os jovens se divertiam praticando esportes, como o voleibol e o futebol, ou ainda se refrescando na piscina do clube. À noite, as festas ficavam ao som dos conjuntos musicais que embalavam os flertes e os namoros da juventude.

Nas festas, as moças ficavam sentadas trocando olhares com os rapazes de seu interesse, pois “naquele tempo num dançava só ainda não, num me lembro não. Tinha que esperar os rapazes chamar pra dançar” (Jesus Carvalho).

[...] a gente ficava esperando sentada nas cadeiras, nas mesas, esperando que os rapazes viessem chamar a gente para dançar. Não dançava solto, sozinho não. Só dançava o casal, aí a moça, a mulher, ficava esperando que o rapaz, o cavalheiro, viesse chamar para dançar. Senão passava a noite todinha sentada. Aí a gente dizia assim: “Fazendo croché.³¹ Foi um croché danado” (Oeide Rocha).

Desse fragmento de memória de Oneide Rocha, entendemos que os comportamentos morais da sociedade, à época, exigiam que as moças fossem preservadas, no sentido de que a

³⁰ Nos dias atuais, a palavra forró remete a um estilo musical predominantemente nordestino.

³¹ A expressão *fazer croché* significava, naquela época, que a jovem havia dançado pouco na festa.

elas não era permitido dançar sozinhas, uma vez que dançar solta constituía exibição do corpo feminino e “o corpo privado deve permanecer oculto [...]. a mulher “tal como deve ser”, principalmente a jovem casadoura, deve mostrar comedimento nos gestos, nos olhares, na expressão das emoções, as quais não deixariam transparecer senão com plena consciência” (PERROT, 2003, p. 14-15). A mulher deveria ter o corpo silenciado, resguardado, até o momento em que um rapaz a tirasse para dançar. Como nos aponta Carlos Lomas (2005), ao estudar *gênero*, podemos entender certos comportamentos construídos sócio-historicamente, e que se constituem em relações de poder, nesse caso, do masculino para com o feminino; pois, durante a década de 1960, e em muitas outras décadas, a mulher viveu em condição de inferioridade em relação ao homem, devendo submissão, respeito e obediência a seus pais e posteriormente a seus maridos. Na dança, a relação de poder não é diferente, as mulheres deveriam ficar quietas, à espera que um dos galanteadores viesse tirá-las para dançar, caso nenhum pretendente se aproximasse, elas ficavam sentadas sem ter, durante a festa inteira, o prazer de dançar.

A dança era muito apreciada pela juventude, que passava horas e horas ao som do samba, do bolero, aproveitando a aproximação permitida por meio da dança. Como vemos nas memórias de Francisco Silveira:

Naquele tempo a dança tinha muita importância, né? Porque era um momento de homem e mulher se tocar, a música, a exibição da habilidade na dança. A dança tinha uma importância muito grande e hoje não tem. [...] mas naquele tempo não. A dança naquele tempo era uma arte, a gente conhecia os bons dançarinos, as mulheres que sabiam dançar bem. Às vezes a gente tirava uma moça para dançar numa festa porque dançava bem, às vezes tirava outra porque dançava colado. Fulano dança colado, então aquela é boa também (OLIVEIRA, 2011, p. 55).

Nessa narrativa, percebemos que as festas eram verdadeiros espetáculos de dança. Aos rapazes cabia o papel de serem exímios dançarinos para se exibirem pelo salão e serem vistos por parte da sociedade, inclusive pelas possíveis pretendentes. A dança, além de lazer, aparecia também como uma possibilidade rara e legítima de contato entre os enamorados, em virtude de que, naqueles anos, as moças eram acompanhadas mais de perto pelos pais, sendo vigiadas e protegidas para que nada desabonasse a sua condição moral.

Especialmente quando as festas eram de Carnaval, os bailes eram feitos nos clubes e nas ruas da cidade. Os pais sempre tinham a preocupação com a honra das filhas. Muitas delas não participavam dessas festas mundanas, principalmente pela reprovação das mães, que

geralmente eram mulheres recatadas, católicas, e que viam no Carnaval uma ameaça à reputação dessas jovens, conforme o relato a seguir:

Eu tinha muita vontade, o meu pai deixou uma única vez eu ir para um bloco, eu tinha vontade demais, mas ele deixou só porque eu ia muito bem nos estudos e era uma boa filha, ele deixou. Mas contra gosto de minha mãe, que ela não queria deixar, que ela achava o carnaval uma festa profana. Ela nunca gostou, já meu pai adorava carnaval, ele mesmo se fantasiava, saía montado em um cavalo os três dias de carnaval na rua, ele fazia fantasia e saía. Ele gostava. Eu sou muito mais parecida com ele nesse ponto (Raimunda Moura).

Para satisfazer à vontade das filhas de permanecer nas ruas durante o desfile de Carnaval, alguns pais participavam desta festa profana, como forma de vigiar o comportamento de suas filhas no espaço público e de controlar qualquer aproximação de rapazes mais atirados. Os irmãos mais velhos também assumiam o papel de protetor da honra de suas irmãs, pois o carnaval era considerado, segundo Castelo Branco, durante os primeiros anos do século XX, “um perigo para as famílias cristãs e mesmo um causador de muitas ruínas” (CASTELO BRANCO, 2005a, p. 51). Durante os dias de Carnaval havia as apresentações dos blocos, em que os participantes se fantasiavam para curtir a folia de Momo. Os blocos se apresentavam durante os quatro dias de festa, inclusive participando de concurso para a eleição do bloco mais animado.

[...] Eu participei do bloco que era *Os Besourinhos da Mamãe*. Eu me lembro de uma fantasia [...] de traje do Saci Pererê. E os pais reprovaram esta fantasia, porque tinha que mostrar uma perna, então meu pai e minha mãe colocou abaixo do joelho a perna cortada do Saci Pererê. Aí nós, quando chegávamos lá no clube, a gente dobrava para ficar curtinha e aparecer a perna. E minha mãe ficou zangada quando ela viu minha foto, que eu escondi. Eu esqueci de descer [...] a parte que era cortada da calça preta do Saci [...] (Raimunda Moura).

O peito, as pernas, os tornozelos, a cintura são, cada qual por sua vez, objeto de censuras que traduzem as obsessões eróticas de uma época e se inscrevem nas imposições da moda (PERROT, 2003, p. 15). Por isso a preocupação e o cuidado das mães em cobrir o corpo feminino como forma de não incitar os desejos masculinos. Em seguida, a foto da entrevistada vestindo a sua fantasia de carnaval, ousando no comprimento de uma das pernas do Saci Pererê.

Figura 9 – Fantasia de Saci Pererê



Fonte: Acervo de Raimunda Moura.

Havia uma segregação entre os blocos, sendo alguns formados apenas por mulheres, outros por rapazes. Talvez a divisão entre blocos masculinos e blocos femininos se configurasse como forma de diminuir a aproximação entre os jovens, para, assim, coibir os namoros. Mesmo com todo o cuidado, as moças conseguiam uma forma de burlar a vigilância dos pais, seja com uma roupa mais ousada do que o aceitável para a época, ou ainda com os flertes durante a festa de Momo.

Nas festas, as moças de família não podiam se misturar com aquelas que não fossem mais *puras*.³² Quando se tinha conhecimento da presença de *mulheres mal faladas* em festas privadas, o dono da festa era comunicado para que as retirasse da festa, uma vez que o convívio das *moças de família* com as *prostitutas* nas festas punha em risco a reputação das *casadouras*. Silveira relata um fato ocorrido em Jaicós (PI), mas que é de fundamental importância para compreender-se essa relação de desprezo, inclusive das próprias moças da sociedade pelas chamadas *mulheres da vida*, configurando em outra expressão de relação de poder, mulher/mulher.

As moças estavam dançando em um prédio da Associação Rural, que era onde se dançava. Tinha um palco, a orquestra ficava dançando lá no palco, tocando lá no palco e as pessoas dançando, né? Aí quando foi mais tarde, as moças pararam de dançar e disseram que não iam mais dançar, porque tinha

³² Não ser pura, significava dizer que não era mais virgem. Existiam ainda outros termos como mulher da vida, perdida, mal falada, prostituta, utilizados para as moças de reputação duvidosa.

gente que estava dançando que não era mais moça. [...] numa discussão danada, terminaram que foram chamar o seu Júlio, que era o prefeito, para decidir. Aí chegaram onze horas da noite – nessa época onze horas já era muito tarde –. “Seu Júlio! Seu Júlio!” Seu Júlio veio e disseram: “Seu Júlio está acontecendo um negócio lá que as moças não querem mais dançar.” “Mas o que é?” “Não, o senhor vai lá, que o senhor sabe”. Aí seu Júlio chegou lá e viu as moças dizendo: “É porque tem moça que não está dançando, tem moça que não é mais moça e que está dançando e lá vai”. Aí seu Júlio disse: “Bom, é o seguinte: *as incubadas podem dançar*, agora as declaradas não podem dançar” (OLIVEIRA, 2011, p. 56-57, grifo nosso).

Existiam as moças que transgrediam os valores morais da época; contudo, isso era feito de forma clandestina, e que, no trecho acima, recebiam a alcunha de *incubadas*, como foram designadas pelo prefeito da cidade de Jaicós. Havia, ainda, aquelas já conhecidas pela sociedade como *mulheres perdidas*, que publicamente eram reconhecidas por terem uma sexualidade ativa. Essas moças, por serem as *declaradas*, causavam incômodo à convivência com as *boas moças*. Por fim, existiam as jovens que ainda eram virgens; entretanto, por possuírem um comportamento mais avançado, recebiam a alcunha de *mal faladas*.

Em uma cidade interiorana, a mulher que saía muito e gostava de namorar não era considerada *moça de família*, sendo excluída pela sociedade, especialmente, dos espaços públicos em que as *jovens para casar* frequentavam, uma vez que não era benquisto ser vista próximo a uma moça *mal falada*. O usufruto do corpo era regulado entre o ser e o parecer, não bastava às moças manter seu hímen conservado, a sociedade determinava que os gestos, o comportamento e a linguagem condissessem com a representação de mulher virgem. Os novos códigos de sexualidade norte-americanos, surgidos no fim de 1960, alteraram as identidades das jovens e lhes deram a percepção de que o modo de agir e comportar-se iria segregar umas das outras.

Um aspecto tinha a ver com o abandono da atividade das nossas imaginações eróticas para nos tornarmos, *pelo menos em aparência*, mais passivas. O outro estava ligado à renúncia a nossa empolgação pelo espaço físico – que para nós havia sido uma dimensão sexual – e à aceitação de que, em virtude do nosso sexo, não teríamos a liberdade de mergulhar de cabeça no mundo sem limites. Essa dupla mudança sendo operada em nós dava a impressão de ser uma preparação. Nossa percepção infantil e insubordinada do erotismo estava sendo encoberta, como com uma camada de gesso sobre uma tela, para que a consciência sexual de mocinha dócil, contida e de maior aceitação social pudesse ser aplicada à superfície (WOLF, 1998, p. 57, grifo nosso).

As palavras de Naomi Wolf revelam que a questão do usufruto do corpo é bem mais complexa, posto que, enquanto os movimentos de liberação sexual feminina (VENTURA, 2008), nesses anos, lutam por maior autonomia do corpo e liberdade de exercer o “amor

livre”, os códigos tradicionais, principalmente nas cidades do interior do País, permanecem ligados aos valores de pureza, honra e de preservação da família, tendo a virgindade como “medidor” da pureza feminina (VASCONCELOS, 2006, p. 29), mas nem sempre as moças de família obedeciam às regras impostas; e, assim, também as mulheres faladas muitas vezes casavam-se virgens.

Como destacamos nas memórias supracitadas, a importância de parecer ser virgem era tão grande, que o comportamento das moças não devia apontar para o conhecimento dos prazeres da carne. Sobre o que discutimos, observe-se o que Carla Pinsky assinala entre as mulheres dos anos dourados:

As moças não virgens, que pretendiam se casar ou pelo menos conservar o respeito social, procuravam manter sua condição em segredo. A virgindade era vista como um selo de garantia de honra e pureza feminina. O valor atribuído a essas qualidades favorecia o controle social sobre a sexualidade das mulheres privilegiando, assim, uma situação de hegemonia do poder masculino nas relações estabelecidas entre homens e mulheres. E como, geralmente, os rapazes de classe média e alta procuravam obter satisfação sexual com mulheres mais pobres, fora de seu *meio*, o critério de classificação e valorização das mulheres servia também como forma de reforçar as desigualdades sociais existentes (PINSKY, 2011, p. 614).

Nessa perspectiva, Anthony Giddens (1993) assinala, em seu livro *A transformação da intimidade*, as diferenças impostas por uma sociedade conservadora, em que a jovem deveria manter a virtude e a boa imagem social antes e após o casamento; e os rapazes, todavia, eram liberados de tabus sexuais. Muitos desses jovens, inclusive, iniciavam sua vida sexual no âmbito dos cabarés.

Foi durante a década de 1960 que as diferenciações geraram maior contestação entre os jovens, principalmente as mulheres, que passaram a questionar alguns valores arraigados na sociedade, como maior vivência nos espaços públicos, inclusive nos bailes e festas carnavalescos, “as relações entre os gêneros se modernizavam e, ao mesmo tempo, mantinham-se velhos preceitos, pois a exigência de contenção dos costumes foi uma exigência que atravessou o período em estudo” (CARDOSO, 2010, p. 16).

Em meados do século XX, na cidade de Picos, apesar de predominarem os antigos discursos morais, algumas moças não se contentavam em aceitar as regras impostas pelos pais e pela sociedade, e usavam de artimanhas para burlar o controle exercido sobre elas. Assim, os relatos supramencionados nos ajudam a entender que os discursos e práticas controladores formavam mulheres submissas e disciplinadas em tão grandes proporções, que as moças não dançavam soltas, ficando sentada a noite toda se o rapaz não a chamasse pra dançar. Eram

consideradas como mulheres questionadoras, impregnadas de subjetividades desviantes, quando, por exemplo, levantavam a perna da fantasia do Saci.

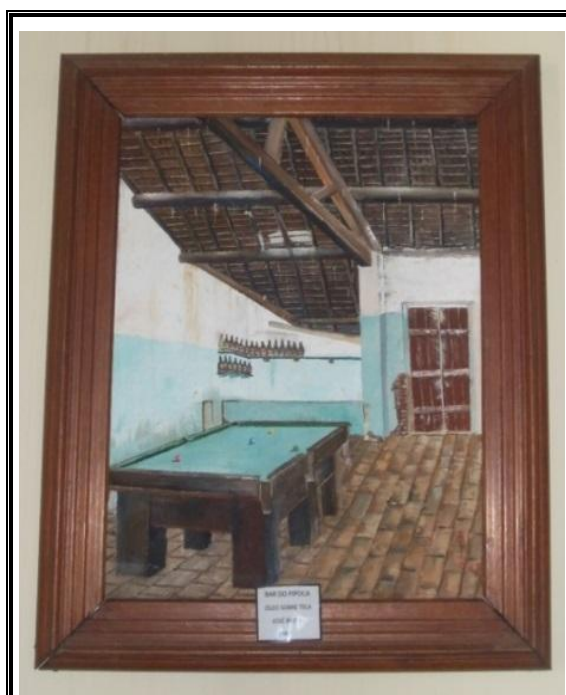
3.6 A vigilância vem de todos os lados: os espaços proibidos para as moças

Havia na cidade de Picos espaços em que a presença feminina não era vista com bons olhos pela sociedade, espaços como bares e hotéis constavam como alguns deles, além, é claro, dos cabarés, locais de permissividade apenas para os homens e as meretrizes. O objetivo deste tópico é analisar o modo criativo utilizado pelas moças para transpor estruturas sociais disciplinadoras, posto que pretendemos ver a antidisciplina e os movimentos táticos presentes nas relações sociais com os espaços.

3.6.1 O Bar do Pipoca

Não eram somente os cabarés que configuravam como um espaço de lazer masculino. Alguns bares, na cidade de Picos, eram locais essencialmente frequentados por homens. O mais famoso deles foi o *Bar do Pipoca*, ponto de encontro dos boêmios, localizado em frente à Praça Félix Pacheco.

Figura 18: Quadro do Bar do Pipoca



Fonte: Museu Ozildo Albano.

Aberto dia e noite, o *Bar do Pipoca* era um local onde os rapazes se encontravam com os amigos para jogar conversa fora, beber, fumar e jogar os mais diversos jogos de azar. Reuniam-se ainda para escutar as histórias dos contadores de lorotas,³³ para tocar violão e se divertirem longe da presença feminina.

Esse estabelecimento permeava o imaginário feminino à época. Por não ser a presença feminina benquista nesse espaço, as mulheres passavam a construir imagens acerca de como era o *Bar do Pipoca* e o que se passava lá dentro.

Os corpos eram regulados por códigos comportamentais. Os corpos femininos, sobretudo, eram educados a ter comedimento nos gestos, controle dos instintos, delicadeza ao expressar-se e afeição aos cuidados com o lar, pois assim as mulheres virgens e recatadas estariam prontas para casar. As moças eram destinadas a desenvolver os papéis de boa moça, que futuramente se tornariam boa esposa, boa mãe e dona de casa. A sexualidade feminina era um assunto que deveria ser silenciado, pois o usufruto do corpo, nos discursos reguladores, estava ligado apenas “à função anônima e impessoal da reprodução” (PERROT, 2003, p. 13), a sociedade ainda trazia consigo antigos valores morais a serem seguidos. Às moças de respeito eram cobrados recato e castidade. Entretanto, em relação aos corpos masculinos, os discursos hegemônicos permitiam/cobravam a constante vivência da sexualidade, reforçando as relações de poder entre o masculino e o feminino.

É através do poder exercido no corpo social, por meio de técnicas de adestramento, que o poder desloca-se para o corpo individual. As técnicas de adestramento, segundo a análise foucaultiana, baseiam-se em “saberes pedagógicos, médicos, sociológicos, físicos etc. O corpo torna-se útil e eficiente, mas ao mesmo tempo torna-se dócil e submisso [...]” (FOUCAULT, 2004, p. 179). O poder é internalizado pelos corpos que passam a vigiar uns aos outros, conforme este depoimento:

[...] ele só era frequentado por homens, então lá tinha todo tipo de jogo, sinuca, era baralho, era dominó. Aí uma amiga nossa, ela era uma pessoa na época, emancipada, pra frente, a gente chamava *prafrentex*. A gente só dizia que ela era *prafrentex*. E ela, na época do ginásio, fumava. E naquela época, mulheres fumavam, mas era até permitido, mulheres fumavam abertamente assim. Eu experimentei cigarro, mas nunca gostei, não cheguei a fumar porque eu nunca gostei, mas experimentei cigarro, minhas colegas fumavam, só que eu nunca gostei mesmo de cigarro. E ela disse: “Ó, quanto que vocês me dão? Vocês me dão uma carteira de cigarro para mim, para eu entrar naquele Bar do Pipoca”. Eu disse: “Tu não é doida de entrar.” “Vou, quero saber por que é que os homens entram e mulher não pode entrar naquele bar? Eu quero saber por que não pode entrar, o que é que tem naquele bar?” Aí nós juntamos uma turma todinha e “vamos dar uma carteira de cigarro para

³³ Lorotas são histórias engraçadas inventadas pelos contadores.

“você”. Era Hollywood o cigarro que ela gostava. “Eu entro!”. Pois ela não entrou! Foi o maior... “Menina, o que é que você faz aqui? Você é louca? Saia daqui.” Ela disse: Ó, lá [...] eu só vi que não tem nada de bonito, é as paredes velhas fedidas, [só tem] catinga de xixi e de cachaça e de cigarro, mas não tem nada, só jogo, jogo, jogo. Não tem nada de mais (Raimunda Moura).

A narrativa designa internalização e questionamento. No imaginário das moças, o *Bar do Pipoca* era um local de encontros clandestinos com mulheres de reputação duvidosa. As *táticas* empregadas no cotidiano para subverter as estratégias de poder nos possibilitam perceber os diferentes usos que os sujeitos fazem dos espaços sociais, pois, mediante tamanha curiosidade, uma moça, consciente dos tabus que envolviam a honra feminina, à época, resolveu subverter a ordem adentrando as dependências do bar, desrespeitando as fronteiras do permitido para as moças. Esse acontecimento é representativo do comportamento feminino e sua relação com os espaços masculinos.

Dois passagens supramencionadas também são representativas do poder disciplinar exercido sobre o corpo. A primeira – “Tu não é doida de entrar” – esclarece a relação de poder feminino/feminino, em que uma amiga é quem exerce o controle do comportamento da outra amiga, permanecendo, assim, dentro do próprio ciclo de amizades. O fato de uma amiga exercer a vigilância sobre o comportamento da outra pode ser pensado como forma de se autoprotger do julgamento da sociedade, visto que uma boa moça não poderia ter amizade com uma moça *mal falada*. Em contrapartida, é também um incentivo para que a outra burlasse e acabasse com a curiosidade coletiva.

A segunda passagem significativa do poder disciplinar registra: “Menina, o que é que você faz aqui? Você é louca? Saia daqui”. O poder, nesse caso, é do masculino sobre o feminino. Para Foucault, é a partir do exercício do poder sobre o corpo que “emerge inevitavelmente a reivindicação do próprio corpo contra o poder” (FOUCAULT, 1993, p. 146), assim, o corpo feminino foi espaço de enquadramento, mas também de resistência ao longo dos anos pesquisados.

A pesquisa da doutora em psicologia Zelia Biasoli-Alves sobre as continuidades e rupturas do papel da mulher no século XX no Brasil, feita por meio de entrevistas com mulheres do Sudeste, aponta as formas de inculcar valores tradicionais às meninas, de modo a fazer com que elas obedeçam, mesmo não estando sob a vigilância de algum adulto:

1. Ameaças de retirada de afeto. Ex.: *Você age assim e ninguém gosta...* (Mulher, 78 anos)

2. Ameaças de abandono e solidão. Ex.: *Moça assim não casa...* (Mulher, 80 anos)
3. Castigo dos Céus. Ex.: *Nossa Senhora está olhando para você e está triste...* (Mulher, 90 anos)
4. Remorço. Ex.: *Quando eu morrer, você vai ver a falta que vou fazer...e aí vai ser tarde demais* (Mulher, 75 anos)
5. Culpa. *Eu só quero o seu bem... o seu pai também... o que você está fazendo é uma ingratidão...* (Mulher, 90 anos) (BIASOLI-ALVES, 2000, p. 235).

Levando-se em consideração a pesquisa de Biasoli-Alves e comparando com a realidade picoense dos anos 1950, percebemos como continuidade na vivência das jovens esse controle exercido, de forma a manter os valores conservadores de uma sociedade tradicional, na qual a forte influência da Igreja é um dos fatores de legitimidade.

Mas assim como as continuidades se apresentam, as décadas de 1950 e 1960 proporcionam mudanças significativas para a juventude picoense, sobretudo para as mulheres. O espaço público já fazia parte do cotidiano das jovens picoenses, o estudo e o trabalho apontados no capítulo anterior configuravam como atributos também do feminino, mesmo em se tratando especialmente de profissões de cuidado, como professoras e enfermeiras. Contudo, os avanços conseguidos pelas mulheres decorriam das reivindicações constantes no Brasil e no Mundo por direitos a novos espaços de convivência e sociabilidade.

3.6.2 Os hotéis

Alguns cantores de sucesso visitavam a cidade de Picos para se apresentarem em shows. Quando chegavam ao hotel era grande o burburinho das moças, que queriam ir conhecê-los de perto, aproximar-se e abraçar seus ídolos; entretanto frequentar hotéis era uma prática não aceita pelos pais de muitas jovens solteiras, conforme se recorda neste relato:

[...] eu queria tanto ir ver e papai não deixava ir, porque moças que entravam em hotel... [...] meu pai não deixava de jeito nenhum a gente ir [...] sempre vinham uns cantores, mas ficavam hospedados no hotel. Moça direita não visitava hotel, não podia entrar que ficava falada (Raimunda Moura).

Picos, na década de 1960, constituía um entroncamento rodoviário e recebia constantemente a visita de viajantes que circulavam pelo comércio local na tentativa de vender suas mercadorias e hospedavam-se nos hotéis da cidade.

A razão de os pais não permitirem a entrada de suas filhas em hotéis, possivelmente, seria por medo do desconhecido, que suas filhas se encantassem por *forasteiros*, homens que

desapareciam com a mesma rapidez com que apareciam na cidade. Não se tinha conhecimento sobre a vida desses sujeitos: quem eram, de onde vinham e nem se eram comprometidos. Relacionar-se com viajantes era um risco para a reputação das jovens, pois a qualquer momento poderiam ficar sozinhas e ainda *mal faladas* na sociedade.

A visão de que os hotéis eram espaços onde as mulheres não deveriam frequentar em meados do século XX, em Picos, não é particularidade do lugar; os estudos de Perrot sobre a França do século XIX apontam que hotéis não eram lugar para as mulheres, a esse respeito ela comenta: “Fora destas estruturas privadas ou patronais, havia poucas formas de hospitalidade para as mulheres, que quase não podiam frequentar os hotéis mobiliados ou os cafés, lugares de homens” (PERROT, 2005, p. 346). Portanto, observamos que a honra feminina era motivo de preocupação não somente na Europa do século XIX, mas também na pequena cidade de Picos, no Piauí, em meados do século XX e em várias partes do mundo.

4 AS CASADAS, AS SOLTEIRAS, AS SEPARADAS E AS PROSTITUTAS

Toda moça que se preze, deve aprender a pregar botão e fazer casa numa roupa e também saber cozinhar e ter bons modos (Dona Amparo Barros).

Antes de iniciar é conveniente explicitar que em uma sociedade de meados do século XX, quando a sexualidade feminina era controlada, e, segundo Elizangela Cardoso (2010, p. 182), era um fator definidor das identidades de gênero e produtor de hierarquias, a vida das mulheres era dividida pelas fases de *menina*, *moça* e *mulher*.

A *fase de moça* – determinada através da primeira menstruação – só se encerrava com o casamento e a consequente perda da virgindade dentro do casamento. *Ser moça* implicava cuidados, era o momento de aprender a tornar-se uma jovem casadoura, recatada, prendada, digna de se tornar uma mulher casada. *Ser casada*, para a sociedade, à época, era um prêmio.

Os cuidados e ensinamentos às moças dentro de casa e no ambiente escolar tinham como finalidade atrair bons casamentos, na epígrafe acima, identificamos a cobrança no ambiente escolar da aprendizagem de prendas domésticas por parte de uma das professoras das alunas Doralice Moura e Raimunda Moura, a Dona Amparo Barros.

Em consonância com os estudos gerados no campo da história das mulheres e das relações de gênero, este capítulo abordará ainda a construção da identidade feminina em conformidade com os padrões normativos de esposa, mãe e dona de casa, além daquelas que se desprendem dos papéis tradicionais e se subjetivam de outras formas, como educadora e trabalhadora, apontando, assim, para as novas formas de ser mulher.

4.1 Os descompassos do casamento enquanto realização pessoal

Com base nas palavras de Teresinha Queiroz (2006b, p. 274), na década de 1960, em muitas partes do Brasil e do Mundo, os ventos avassaladores das mudanças estavam sendo propostos, mas nem todos os jovens embarcavam. A liberação sexual feminina que permeava os anos 1970 não se constituía como uma ação uniforme, e contrastava com antigos valores sociais. Os papéis que a sociedade determinava para as moças eram os de boa filha, boa moça e virgem, para, posteriormente, casarem-se e tornarem-se boas esposas, boas donas de casa e boas mães. Este era o “destino natural” das jovens, impregnado de valores antes mesmo de seu nascimento. Ainda criança os indivíduos eram educados a saber distinguir os espaços

destinados às meninas e aos meninos, diferenciando até mesmo o que seriam as brincadeiras possíveis para cada um. O que era divertido brincar quando criança, ao crescer, tornava-se possível de realizar. Brincar de casinha e de bonecas eram atividades essencialmente femininas, ainda nos anos 1970, em Picos.

Essas brincadeiras moldavam o comportamento das meninas para serem corpos naturalmente domesticados a permanecer no espaço privado, pois, como afirma Michel Foucault, em *Vigiar e Punir*, “a disciplina procede em primeiro lugar à distribuição dos indivíduos no espaço” (2004, p. 121). Entre os meninos, as brincadeiras que ganhavam mais adesão eram aquelas que lhes permitiam liberdade para correr e percorrer o espaço da rua, como *trisca*, *coito*, *preso-para-ficar* ou *chicote queimado*, de acordo com Renato Duarte (1995, p. 59). Já adolescentes, as brincadeiras evoluíam para leituras de fotonovelas que retratavam primordialmente o amor romântico entre homem e mulher.

Em sua forma mais idealizada, o amor romântico era percebido como sentimento que propiciava o acesso a mundos-paraísos. Ele era considerado a origem da verdadeira felicidade, que seria alcançada, no casamento, representado como lugar de realização do amor. O amor romântico emergia como um valor a ser cultivado (CARDOSO, 2010, p. 17).

O sonho da maioria das jovens era viver um grande amor, desfrutar o amor dos príncipes encantados que apareciam nos livros e revistas, apropriando-se de um ideal de amor para a vida toda, sensível e cuidadoso, alicerce para um casamento harmonioso e uma família equilibrada. Esses livros e revistas, força motriz de sustentação desse sonho, começavam aos poucos, a circular pelos anos 1950 na cidade de Picos:

Aqui era muito difícil de conseguir revista, não tinha ponto de venda de revista nem jornal, então as encomendas vinham pra rodoviária. Ai meu tio Fontes Ibiapina me mandava muitos livros, revistas e jornais. Eu tinha acesso e repassava aos meus colegas, ai depois quando eu já tava no pedagógico colocaram bancas de revistas (Raimunda Moura).

A informação de Raimunda Moura é confirmada por Conceição Albano: “em 1960 já tinha livraria, era a livraria São Paulo, que era na Praça Justino Luz”.

A Praça Félix Pacheco ficava no centro da cidade, e constituía o principal espaço de sociabilidades da juventude picoinense nos anos 1960, era palco constante de rodas de moças que se encontravam com as amigas para socializar as leituras sobre heróis e mocinhas, fantasiando a constituição do amor perfeito. Era nessas leituras que elas começavam a se sensualizar.

Revistas que tinham como público-alvo as mulheres, como, por exemplo, o *Jornal das Moças*,³⁴ que trazia em suas páginas ilustrações em quadrinhos de parte de histórias românticas que continuavam apenas na edição seguinte, a fim de que as jovens pudessem acompanhar o desfecho dessas narrativas. Além disso, matérias como “O amor, sempre o amor”, encontradas no *Jornal das Moças*, em que podemos ler: “o amor é sem dúvida, a única razão da vida. Sem amor, é preferível não viver!”.³⁵ Percebemos o quanto é exaltado e desejado esse sentimento na vida dos indivíduos, chegando a gerar frustrações caso o amor não se concretizasse nas relações conjugais.

No *Jornal das Moças*, havia ainda as secções: *A vida no lar*, *Você e seu lar* e *Vamos preparar os quitutes*, que ensinavam desde os cuidados com a beleza até prendas domésticas, pois “um corpo bem disciplinado forma o contexto de realização do mínimo gesto” (FOUCAULT, 2004, p. 130). Fazia parte ainda dessa revista feminina o suplemento *Jornal da mulher*, voltado especialmente para figurinos e bordados.

Em Picos, a leitura dessas revistas que já poderiam ser encontradas mais facilmente, nos anos 1960, era incitada, muitas vezes, pelos pais ou parentes das moças casadouras, como foi mencionado por nossas entrevistadas:

Eu me lembro que tinha uma revista que ele orientava que era a revista *O Cruzeiro*, que ele dizia: “Ceição, olha tem essa revista com esse artigo muito bom, ela atrai dois assuntos muito importantes: *Segredos e revelações da História do Brasil* e *Da mulher para a Mulher*” (Conceição Albano).

Essa lembrança de Conceição Albano é indicativa de duas questões: a primeira é que a juventude picoense, nos anos 1960, de uma cidade no interior do Nordeste estava atenta com os meios de comunicação que circulavam nos grandes centros, nesse caso, a Revista *O Cruzeiro*; a segunda é que, mesmo sendo proporcionada à mulher uma maior instrução, a naturalização de padrões normativos era uma questão ainda tão forte na sociedade picoense desse período que se esperava que a realização maior na vida dessas moças fosse o casamento. Para tanto, secções como *Da mulher para a mulher* vinham para reforçar a postura das jovens de mulher digna e donzela, pronta para casar. Assim, as moças recebiam orientação constante das mães, e, através de suas leituras, de como se tornar uma candidata ao amor de um jovem rapaz. As lembranças apontadas nos indicam algumas outras revistas com que as moças tiveram contato:

³⁴ Uma das revistas femininas de maior vendagem nas décadas de 1940 e 1950; circulou no Rio de Janeiro, onde era publicada, e em grande parte do País de 1914 até 1965.

³⁵ EZAGUI, J. O amor, sempre o amor. **Jornal das Moças**. Rio de Janeiro, p. 3, 7 jan. 1960.

Naquele tempo era *O Cruzeiro*,³⁶ *Manchete*,³⁷ a *Capricho*,³⁸ *Grande Hotel*,³⁹ que meu pai e minha mãe proibiram, eu lia escondida, porque era aquelas fotonovelas, em revista. Como a gente não tinha TV, era assim... e essas novelas eram estrangeiras traduzidas em português, tinham umas histórias bem interessantes. [...] Ela achava que a revista *ela transmitia coisas ruins, porque falava de amor, ela achava que ensinava coisa que a gente não devia saber*. Porque tinha todo aquele enredo de amor, como na novela mesmo. Mas por outro lado a gente desenvolvia muito também. *Vida doméstica* minha mãe comprou uma coleção pra mim. Mas foi uma coisa que não teve utilidade, eu nunca tive afinidade com cozinha, alguma coisa eu ainda cheguei a fazer, mas eu não me dei empolguei com aquelas. Mas meu pai gostava muito de ler também. Ai meu pai montou uma coleção da revista *Conhecer*, essa era muito boa. Ele comprou todos os exemplares e mandou encadernar, era muito boa, tinha tudo que eu queria pra enriquecer meus conhecimentos no colégio tinha lá. Ainda hoje eu tenho essa coleção guardada (Raimunda Moura, grifo nosso).

Percebemos que a tentativa de disciplinar gerava, em contrapartida, uma antidisdisciplina, possível de ser interpretada como um oceano de águas sempre agitadas que é a memória (GONÇALVES, 1999, p. 13), relevante fonte de pesquisa sobre o cotidiano para nós, historiadores.

Enquanto era esperado que as moças se ocupassem com leituras que ensinavam atividades domésticas, elas recriavam os usos e consumos das revistas com leituras das atividades sexuais, tais como aprender a beijar e seduzir um rapaz, transformando em erotismo o que deveria ser instrução. O amor era considerado pelos mais velhos como nocivo para a vida das moças.

O comportamento esperado de uma jovem casadoura se configurava entre o comedimento nos gestos, discrição, recato no espaço do lar e virgindade. Além da escola, a família e, principalmente, a figura da mãe eram de grande importância para moldar a filha a ter uma conduta de esposa respeitável. E ainda ensinar prendas domésticas de cuidados com a casa, marido e filhos, como observamos no trecho a seguir:

Ai tive minha infância, minha mãe foi uma mulher muito sábia, ela me criou e eu apesar de ser de uma família que não era rica, mas como eu era filha única mulher, ela me criou trabalhando, ensinando a bordar, me levava pra aprender ponto de cadeia, ponto de não sei de que, aprender a fazer casa, pregar botão, eu tinha a liberdade de pegar a máquina dela que ainda era aquela rodada, ela me ensinou quando eu já era maiorzinha a passar um ferro... E eu achei isso tão bacana, que hoje eu sinto essa falta nas jovens, que hoje é uma geração muito preguiçosa, a geração de hoje é um povo

³⁶ Revista semanal ilustrada que circulou de 1928 a 1975, lançada no Rio de Janeiro.

³⁷ A *Manchete* foi uma revista de tiragem semanal, publicada em 1952.

³⁸ Revista mensal de fotonovela lançada no Brasil em 1952 pela Editora Abril.

³⁹ Circulava desde 1947, mas somente em 1951 é que começou a publicar em suas páginas fotonovelas em quadrinhos.

inteligente, tem espaço, tem facilidade, mas na hora de fazer... (Conceição Albano).

O saudosismo da nossa entrevistada nos permite analisar o quanto os contornos da mulher brasileira foram se ressignificando com o passar dos anos. Atividades como aprender a costurar, bordar e cozinhar, nos dias atuais, estão se tornando território desconhecido das mulheres, desde os próprios anos de 1960, como veremos no tópico seguinte. A questão não é a preguiça, como apontado no trecho, mas as novas formas de ser mulher, pelas quais as mulheres estão se subjetivando de forma a priorizar a carreira em detrimento do trabalho no lar. Entretanto, conforme visto, a pluralidade do ser feminino faz permanecer identidades espelhadas nos padrões maternos de se experienciar enquanto donas de casa.

Com efeito, as solteiras da elite estavam menos expostas aos olhares masculinos, por circularem menos nos espaços públicos da cidade, mas esse não era um fator que as impedia de flertar com os rapazes no *footing* pela Praça Félix Pacheco. O namoro, estágio inicial para se chegar ao casamento, era permitido pelos pais, desde que fosse sob seus olhares vigilantes e inquisitoriais, qualquer investida mais avançada era sinal de desrespeito à honra da jovem, que deveria ter sua sexualidade controlada até o casamento; mas quando chegasse o momento certo – a noite de núpcias – não poderia sentir prazer. Os discursos da Igreja Católica impunham para as sociedades cristãs a ideia de sexo apenas para procriação.

De acordo com Jean-Phillippe Catonné, foi com o cristianismo da Idade Média que a Igreja Católica reforçou a ideia de pecado original, da degenerescência do ser humano e o nascimento do mal, forjando discursos de contenção da vida sexual. “A concepção agostiniana terá o efeito de, por um lado, diabolizar o sexo, tão ligado à decadência, à origem da queda; e, por outro, forjar um ódio à mulher, símbolo da tentação, responsável por um tal destino decaído. É desta dupla temática que virá a herança da Idade Média” (CATONNÉ, 2001, p. 62), é nesse momento que a mulher foi considerada como portão do Inferno e sua imagem fortemente associada à Eva, culpabilizada pelo pecado da carne, pelo desregramento sexual, de ter desobedecido ao mandato de Deus, e ainda ter influenciado para que o homem também o fizesse. Seu corpo era sinal de perdição.

Com efeito, durante o séc. XII, em oposição a essa figura, a Igreja fixou o modelo de Maria, a virgem, pura. Esse modelo foi sendo preservado dentro do catolicismo, e apontado como o ideal de mulher a ser seguido, como forma de conter os desejos sexuais femininos, que, se desfrutados antes do casamento, poderiam comprometer o relacionamento e culminar em uma perda do pretendente.

O casamento, segundo Cattoné, foi considerado a salvação feminina para os pecados da carne, “um remédio que Deus deu ao homem para se preservar da impudícia” (CATONNÉ, 2001, p. 63), pois, mesmo as mulheres não conseguindo atingir o ideal de Maria, de conceber sem perder a virgindade, os discursos apontavam que a sexualidade feminina só deveria ser exercida dentro do casamento e somente para procriação, sem o prazer carnal, que constituía o pecado original. Mas nem sempre as moças obedeciam às regras impostas; e, na cidade de Picos, as jovens que não seguiam as normas cristãs de moralidade e castidade ficavam faladas na sociedade, manchando sua honra e, conseqüentemente, a honra da família e do seu círculo de amizades.

Quando questionadas se tinham conhecimento de alguma mulher que perdeu a virgindade antes do casamento, naqueles anos, todas as entrevistadas responderam afirmativamente; todavia, as reações foram as mais distintas, tais como:

Eu até me lembro de uma, mas você me desculpe eu não posso falar (Olívia Borges).

Já, tinha sim. Nunca reprovei não. Por que num queria? Faça, agora num deixe ficar vulgar não. Num deixe cair na boca do povo não (Maria Maia).

Tinha mulheres que ficaram grávidas e eram suspeitas, teve delas que tiveram coragem de ter, outras o povo dizia que tinham feito aborto, mas era uma questão muito forte essa daí, era um preconceito muito grande. Não podia andar, nem falar com aquela pessoa, que achavam que seu comportamento era igual [...]. Era uma época muito preconceituosa (Conceição Albano).

As entrevistadas se preocuparam em não citar nomes para preservar a imagem das mulheres; durante as entrevistas, uma narrativa bem peculiar nos chamou a atenção. Uma moça solteira entregou sua virgindade a um rapaz e engravidou; o pai da moça ao saber do ocorrido não consentiu que o deflorador se casasse com ela, ameaçando-o de castração. A moça teve o filho e ele fugiu para outro Estado, depois de alguns anos o rapaz apaixonado mandou buscá-la com o filho, mas não obteve êxito, pois nem as cartas que ele mandava para o seu amor a família não entregava. Ela permaneceu constantemente isolada da sociedade e também impedida de viver o seu amor.

Então ela criou essa filha única, ficou enclausurada em casa, só costurando, não tinha vida social, uma senhora que era separada, só vivia da igreja pra casa, e era uma mulher jovem e bonita, ela morreu em vida como dizem... e a filha dela minha colega, ela engravidou e muitas de nossas amigas se afastaram dela, mas eu nunca deixei apesar de minha mãe também não querer mais a amizade, as vezes eu ia escondida, e meu pai dizia “Minha filha não tem problema, isso não pega, eu confio em você.” E ela era muito prendada, eu aprendi a bordar com ela, então ela teve esse filho, mas perdeu

o emprego porque no município não aceitava mãe solteira dando aula (Raimunda Moura).

A singularidade desse acontecimento relatado está na renúncia do pai ao casamento da filha, talvez como forma de punição à moça por ter entregado o “seu maior bem” antes do momento permitido.

Aquelas que tinham uma sexualidade mais desenvolvida viviam sob o véu da discriminação, e, muitas vezes mudavam de cidade como solução aos falatórios. Contrair casamento também era uma forma de “reparar o erro” para a sociedade; e os que se recusavam estavam sujeitos à castração ou a morte por parte dos pais da deflorada, como forma de “limpar a honra”. Alguns homens, por amor, aceitavam se casar com moças já desonradas.

Sueann Caulfield, ao tratar das questões de honra e defloramento na sociedade carioca do início do século XX, discute que o código penal de 1890, que regia o período proposto para sua pesquisa, tratava o defloramento como uma ofensa à honra da família; com a reformulação do novo código, em 1940, o conceito de honra sofreu uma redefinição, passando a ser tratado como ofensa aos costumes.

Nota-se que a honra da mulher, propriamente, não é fator de grande relevância dado pelos juristas. Entendemos, de acordo com a análise das fontes históricas, que Picos apontava diferenças em relação ao Rio de Janeiro, nos mesmos anos, a virgindade feminina ainda era considerada um atributo dos pais, em consequência, o defloramento significava uma ofensa à família; tanto é que o hábito de fazer justiça com as próprias mãos era uma prática muito presente na cidade.

A historiadora discute, ainda, que o principal motivo da entrega, apontado pelas moças defloradas, era a promessa de casamento feita pelos rapazes; e questiona se as mulheres não sentiam o desejo sexual para consentir tal ato (CAULFIELD, 2000). Possivelmente muitas dessas mulheres se entregavam por não resistir aos seus desejos íntimos e aos investimentos dos rapazes; entretanto esse desejo deveria ser silenciado de acordo com os códigos tradicionais da sociedade, pois “o corpo das mulheres não lhe pertence. Na família, ela pertence a seu marido que deve “possuí-lo” com sua potência viril. Mais tarde, a seus filhos, que as absorvem inteiramente” (PERROT, 2005, p. 447). O corpo não era do indivíduo, era coletivo, da cidade. O corpo das jovens é público, dos pais que o controlam, da sociedade e da Igreja que o vigiam, do noivo, que o toma para si em uma relação de poder.

Perrot (2007) assinala que os casamentos por amor apontam no fim do século XIX e início do XX, como marca do casal moderno, na França. Entretanto, no Brasil, o casamento

ainda se redefinia; e, na Teresina do início do século XX, a intenção de contrair matrimônio se dava por interesses econômicos, principalmente em se tratando de famílias mais abastadas, nas quais os casamentos eram arranjados pelo pai da noiva, com homens de camada social igual ou superior (SANTANA, 2010).

Enfatize-se que o casamento significava manutenção ou ascensão social e econômica. Já após a metade do século, cresciam as uniões resultantes do amor e da vontade de ficar junto do ser amado; por isso a constante busca pela realização emocional nesse período. Em Picos, algumas relações conjugais já se davam por escolha dos cônjuges:

Meus pais nunca decidiram nada. Interessante porque eu era filha única, meus pais nunca me proibiram nada, nem meus irmãos. Porque tem irmão que é chato né? Nunca me proibiram, é até uma coisa interessante que eu achei, que nem eu via minhas colegas, mas meus irmãos nunca. Foi escolha própria, ele é mais velho do que eu quase nove anos, foi meu primeiro amor e único [...] (Conceição Albano).

A narrativa da entrevistada deixa clara sua liberdade em relação à escolha de seu futuro marido, sem interferência dos pais ou irmãos, mesmo sendo a única filha mulher; verifica-se ainda a conformidade da postura de Conceição com o modelo de comportamento que se esperava de uma moça, resguardada, sem ter possuído muitos namorados.

Em contrapartida, analisando um pouco mais o depoimento, percebemos que essa liberdade ainda não era uma possibilidade para todas as moças, pois nem sempre as uniões por amor eram facilmente aceitáveis pela família da casadura. Segue uma das experiências narradas:

A família era quem escolhia o noivo, assim como fizeram comigo. Na minha época lá no interior, Rufino só casava com Rufino, minhas primas a maior parte ficou pra titia, os homens podiam até cair fora, mas a mulher não. Mas eu caí fora. [...] Eu estava numa esquina com minha irmã que ia viajar e naquele tempo tinha um dos lugares mais importantes da cidade que eram os cabarés, eram muito bem arrumados, a gente chamava “as casas caídas”, pintadas de branco, muito bem arrumadas... e ele vinha saindo de lá em plena nove horas da manhã, aí passou por mim, vinha meladão e deu uma peitada (risos) e eu disse pra minha colega : “Olha, eu vi o homem com quem eu vou casar!”. Isso andou e mexeu, minha família se intrigou da gente, só quem compareceu foi meu pai porque ele também era militar, e minha irmã, o resto da minha família não queria não, mas eu casei com ele (Olívia Borges).

Tendo-se em vista que Conceição Albano e Olívia Borges nasceram na mesma década, a narrativa é reveladora de práticas plurais e múltiplas temporalidades, as tensões entre o velho e o novo. Práticas do tempo da mãe, de casamento arranjado, confrontadas na mesma sociedade com o casamento por livre escolha. Conforme vimos, em busca de viver

efetivamente um grande amor, algumas mulheres passaram a resistir ao poder paternalista e sobrepor suas vontades contrariamente à dos pais.

As mulheres picoenses estavam resistindo aos ditames sociais, em um meio de tensões contínuas, de microlutas. Foucault (2003, p. XII) entende que o poder vem de todos os lados, da cultura, da raça, da educação. No tocante à honra dos sujeitos sociais estudados, o poder não vinha só de um segmento, havia *a família* que mantinha sempre o cuidado com as moças; mas também da *sociedade* que as vigiava; e também *a escola* que disciplinava; *o círculo de amizades* que alertava; o *Estado* que regulamentava. Dessa forma, o poder sempre permanece, estabelecendo uma teia de micropoderes.

A resistência se dá de maneira fragmentada e focalizada, ou seja, atua principalmente de forma moderada, mas constante, variando em menor ou maior grau de embate com o poder, mas não perdendo o centro. Podemos pensar esse modelo de resistência cotejada, se levarmos em consideração o fato de que os pais da segunda entrevistada não apoiavam o seu casamento; entretanto, por algum tempo, o homem que ela escolheu como noivo frequentava a sua casa, mesmo sem a aprovação imediata dos pais. Essa resistência diária e comedida possibilitou vencer uma luta, ao passo que, de tanto a entrevistada resistir, seu pai e sua irmã acabaram cedendo e compareceram à cerimônia de casamento. Este, que aconteceu inicialmente na Igreja, aponta para a grande religiosidade presente em Picos nesses anos. Na Tabela 4, encontram-se as modalidades de união apontadas pelo IBGE na década de 1960 em Picos.

Tabela 4 - Pessoas casadas, de 15 anos e mais, por sexo⁴⁰ e tipo da união, segundo as zonas fisiográficas e os municípios Picos (Zona do Sertão)

TIPO DE CASAMENTO	SEXO FEMININO	SEXO MASCULINO
Civil e religioso	4.724	4.686
Somente civil	141	139
Somente religioso	2.699	2.671
Consensual	60	57
TOTAL	7.624	7.553

Fonte: IBGE, Recenseamento Geral (1960, p. 190-191).

Como observamos na Tabela 4, para a sociedade picoense, a efetivação do matrimônio se dava com a bênção de Deus, o registro civil não configurava como uma preocupação maior no momento da união.⁴¹

⁴⁰ O uso da palavra sexo foi mantido, conforme assinalou a divisão do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística nos anos de 1960.

⁴¹ Pretendemos aprofundar mais essa questão procurando respostas para as seguintes perguntas: Será que o casamento religioso era realizado gratuitamente nesses anos? E o Civil? Pois um fator determinante para o

O catolicismo também influenciava nos processos de significação da mulher como mãe; ou seja, a Igreja Católica considerava uma mulher sem significação aquela que não pudesse exercer a maternidade. Além do discurso católico de sagrada missão, Elizangela Cardoso ressalta que, em um contexto em que a instrução feminina e o mundo do trabalho eram caminhos cada vez mais possíveis para as mulheres, a representação da maternidade feminina era reafirmada tanto por aqueles que queriam frear a participação da mulher na esfera pública como pelos que tentavam legitimar sua função de educadora, tratando do ensino como uma ligação da mulher com a maternidade simbólica (CARDOSO, 2010), pois ela iria cuidar, educar e zelar pelas crianças que configuravam como o futuro do País. Os valores imputados às mulheres eram maior dedicação ao lar e maior aproximação dos filhos, com a elevação do sentimento de amor materno. Delas também dependia o sucesso da família.

Da esposa do rico comerciante ou do profissional liberal, do grande proprietário investidor ou do alto funcionário do governo, das mulheres passa a depender também o sucesso da família, quer em manter seu elevado nível e prestígio social já existentes, quer em empurrar o *status* do grupo familiar mais e mais para cima (D'INCÃO, 2011, p. 229).

Nos anos 1940 e 1950, as relações familiares picoenses ainda permaneceram marcadamente patriarcais, nas quais o pai tinha que prover o sustento da casa e zelar pela honra da mulher e das filhas. Predominava, para o homem, o espaço urbano, que se apresentava como uma possibilidade para trabalhar, fazer negócios, e, ainda, sair e se divertir com os amigos. À mulher/mãe cabia o espaço doméstico, no qual deveria administrar os cuidados com a casa, a educação dos filhos, além de ser responsável pela harmonia do lar; mantendo, assim, valores patriarcais, com rígida divisão de papéis, autoritarismo e fortemente abalizada nos preceitos cristãos.

A seguir, destacamos um trecho do artigo do padre David Leal, intitulado “Picos Religiosa”, para a *Revista Piauiense dos Municípios*, em vista das comemorações do Centenário de municipalização da cidade, no ano de 1955:

Costuma-se dizer que as realizações de caráter religioso são o termômetro pelo qual se deve aferir, ao justo, a fé de um povo. Do que já se fez e se está fazendo nesta Cidade e município, que hoje apaga a sua centésima vela, vê-se “claramente visto” o de quanto é capaz o espírito de religiosidade de uma gente. Que esta marcha ascensional não sofra solução de continuidade. Que os porvindouros imitem o exemplo dos seus antepassados, conservando

número de casamentos no religioso também pode ser econômico, visto que a grande maioria das uniões ocorre, ao mesmo tempo, no religioso e civil. Isso pode apontar que pessoas de classe mais abastada já fizessem os dois registros simultaneamente e os mais pobres apenas o religioso.

escrupulosamente o patrimônio da fé católica de que deverão ser herdeiros (LEAL, PE. DAVID, 1955).

Percebemos no documento o quanto a sociedade picoense estava impregnada de valores morais. Ao confrontar a narrativa descrita na revista comemorativa com outras fontes de pesquisa, intuímos que possivelmente – ao anunciar “que esta marcha ascensional não sofra solução de continuidade, que os porvindouros imitem o exemplo de seus antepassados” – o padre estaria se referindo às novas formas de subjetivação que emergiam entre a juventude picoense do recorte temporal estudado.

Os discursos nacionalistas constituíram fator determinante para o nascimento na elite brasileira da mãe higiênica, de acordo com Martha Freire (2006), pois os cuidados com a criança, símbolo do progresso, fizeram com que mães e médicos se aproximassem em uma relação de aperfeiçoamento de técnicas de puericultura e combate à mortalidade infantil.

No mundo burguês, o discurso médico irá tratar do problema do aleitamento materno, de retirar das amas de leite o dever da amamentação e relegá-la ao cuidado da mãe, demonstrando a “missão sagrada” atribuída à mulher e sua “vocação natural” de procriação (SANTOS, 2006). Também explicitará a importância de a própria mãe amamentar seus filhos para a própria saúde e higiene do beb . Por sua vez, as mães entravam em contato com as novidades da Medicina, principalmente, pelas revistas e jornais que circulavam na cidade, e, nelas também, encontravam reforço dos papéis tradicionais.

Contudo, entre as jovens picoenses havia aquelas que se subjetivavam de acordo com a vida seguida pelas mães. Em contrapartida, havia aquelas que, mesmo vendo o casamento e a maternidade como uma realização pessoal, não abriam mão de transitarem por outros espaços, trabalhando e ajudando o marido nas despesas mensais. Aqui citamos Conceição Carvalho, bem como Yara Vilarinho, que se identificam   Elizangela Cardoso como, primeiramente mãe, antes de ser professora e bioquímica (CARDOSO, 2010, p. 388).

Havia as que se subjetivavam de acordo com a vida seguida pelas mães dentro do casamento, que não é o caso das nossas entrevistadas que contraíram casamento. As mulheres da geração anterior, mães das nossas entrevistadas, tinham pouca mobilidade e participação na cidade, era unanimidade ter como profissão os cuidados da casa, todas elas eram donas do lar; a trajetória da mãe de Jesus Carvalho subsidia essa afirmação: “ela viveu só pra cuidar de casa, nunca soube o que era pagar uma conta de água ou energia”. Conceição Albano na explanação de suas lembranças nos d  subsídios para identificar essas inúmeras identidades femininas:

A mulher já era consciente que tava ali não só pra ser “rainha do lar”, esposa, mãe dedicada, pra fazer aqueles bolos, que diziam assim: “engorda marido”, “espera marido”, quer dizer, é aquela mulher que quando o marido chega ia fazer comida, fazer tudo pra ele. Agora isso ai eu nunca tive não, no meu tempo já foi diferente, mas ainda existia muita gente que achava bom ser rainha do lar, se sentiam com isso. Ou ouvia mulher dizer assim: “Eu quero é que meu marido mande em mim.” Mas minha gente! (Conceição Albano).

Conceição casou-se, em 1965, com um rapaz que ela escolheu para ser namorado e depois marido; sua narrativa nos permite observar os embates entre a geração anterior e a sua, quando ela diz: “no meu tempo já foi diferente”; e “mas, minha gente!”. Não obstante, quando revela: “mas ainda existia muita gente que achava bom ser rainha do lar”, acreditamos que ela se referia às mulheres de sua geração que se subjetivavam de acordo com a vivência de suas mães.

Assinale-se que os novos contornos femininos também estavam em conformidade com alterações nas representações masculinas. O homem permanecia com a função de provedor, mas adquiria ares de racionalidade e civilidade. Os discursos da nova ordem médica designavam ideais de higiene para uma nova moral burguesa, a criança passou a ter importância dentro da família, percebida como a possibilidade de progresso da Nação.

As relações entre pais e filhos também passaram a ser mais próximas, conforme Castelo Branco (2005b), mas não extinguindo a autoridade paterna. Raimunda Moura expõe: “eu era muito próxima do meu pai, eu tinha em meu pai um aliado, era meu amigo, minha mãe era mais afastada. Eu sinto muita falta dele hoje, era uma pessoa muito alegre, ria e brincava muito”.

A excessiva autoridade paterna sobre os membros da família, decidindo os destinos, as escolhas conjugais, não aceitando contrariedade passava a ser questionada. As relações entre pais e filhos estavam longe de livra-se totalmente do viés autoritário, no entanto começavam a ser ditas e prescritas pelos literatos de outra forma. À medida que a família voltava-se à convivência privada e íntima de seus membros e que a conjugalidade passava a estar associada à ideia de livre escolha dos noivos, os frutos desse amor, que um dia levou à união desse casal, deveriam ser desejados, sonhados, era a materialização do amor entre os cônjuges (CASTELO BRANCO, 2005b, p. 204).

Algumas das entrevistadas mais novas apontavam, inclusive, que sua proximidade era maior com os pais; eles sentavam para conversar, contar histórias para as filhas, criando laços de afetividade quase inexistentes nas décadas anteriores. Esse novo modelo de pai pode ser percebido em Picos de meados do século, registrado por Castelo Branco como decorrência das relações de amor e livre escolha dos cônjuges nos novos arranjos familiares.

Os discursos médicos acerca da higienização das famílias, estudados por Ana Paula Vosne Martins, nos livros de aconselhamento médico, escritos por pediatras nos anos de 1930 a 1960, apontavam a importância da criação dos filhos por parte das próprias mães (MARTINS, 2008) e não por babás ou parentes, pois estas, sim, teriam condições de torná-las crianças saudáveis, se dispensassem atenção integral a elas. Este discurso apresentava-se como imensamente autoritário, na medida em que impunha a atenção das mães somente aos filhos, pressupondo-se que a mãe não deveria ausentar-se da casa, principalmente para trabalhar. Os discursos religiosos e higienistas questionavam que o trabalho feminino fora de casa implicava uma série de assuntos, que iam desde o descuido da casa a uma má formação moral e psicológica dos filhos, pois as pessoas encarregadas de ajudar a desempenhar as funções de cuidar da casa e dos filhos não fariam com igual zelo, como a dona de casa e mãe. De acordo com esses parâmetros, somente seria uma boa mãe aquela que cuidasse pessoalmente do crescimento e educação das crianças, por isso a importância dada à permanência da mulher no espaço doméstico, mantendo filhos saudáveis e comportados.

Considerando a trajetória de vida das entrevistadas, percebemos que, mesmo entrando em contato com modelos, discursos e representações considerados como ideais, pelos discursos da imprensa, dos médicos e da Igreja Católica, diversas mulheres picoenses se subjetivavam de acordo com seus anseios e desejos. Observamos também que os casamentos baseados no amor romântico permitiram maior equilíbrio nas hierarquias de gênero dentro da relação conjugal. Os papéis se tornaram mais flexíveis e os maridos permitiam até mesmo que a esposa trabalhasse fora de casa, como já citamos os casos de Olívia Borges e Conceição Albano. Mesmo grande parte do salário feminino revertida para a renda doméstica, as mulheres picoenses já se mostravam satisfeitas em poder transitar por espaços diferentes, exercer um trabalho produtivo – haja vista que os cuidados com a casa e com os filhos eram considerados obrigação da mulher – e contribuir com o rendimento mensal da família.

A relação entre as mulheres solteiras e as amigas que já haviam casado baseava-se necessariamente em um ritual de educação sexual, de ver nas casadas a possibilidade de aprender mais sobre o sexo, tirar dúvidas e receber dicas de como tratar o marido. A intimidade do casal estava sendo compartilhada, contudo algumas casadas recusavam-se a expor sua sexualidade e a do marido para as amigas, causando descontentamento por parte das mais afoitas. Castelo Branco (2005b) explicita a opinião de um literato sobre a questão da intimidade nas relações conjugais:

A vida íntima do casal a eles pertencia, a sexualidade deveria tornar-se assunto íntimo, reservado, que, deveria fazer parte de seu segredo mais

escondido. O pudor em torno da noite de núpcias e da vida afetiva parece se instalar como valor nas sociedades burguesas. É a esse sentimento que Abdias se refere, quando Mundoca é intimada pelas amigas solteiras, a lhes revelar os acontecimentos da noite de núpcias. Mundoca para livrar-se da insistência das amigas, promete contar-lhes tudo o que ocorresse durante a noite, no dia seguinte, entretanto, nada revela. Seu silêncio sobre a noite de núpcias é enaltecido por Abdias Neves como uma atitude correta, o segredo da vida conjugal mantém-se entre o casal (CASTELO BRANCO, 2005b, p. 187).

As relações matrimoniais se apresentavam de forma complexa: homens que se casavam pela segunda vez e traziam do antigo relacionamento filhos para a nova esposa criar; esposas muito mais novas que os maridos; esposo que mantinha relações sexuais com as empregadas da casa; mesmo se tornando uma prática condenável nos novos contornos familiares do mundo burguês, no qual a esposa, apesar de ainda ser submissa ao marido, passava a ser vista como merecedora de respeito. Todos esses arranjos familiares apontavam para a multiplicidade das práticas entre marido e mulher dentro do casamento.

Quando meu pai casou com a minha mãe ele era viúvo, já tinha 3 filhos, tinha 56 anos e minha mãe tinha 20. Era uma diferença de idade muito grande, a filha mais nova do meu pai do primeiro casamento, era mais velha que minha mãe 11 anos, então os meus irmãos do primeiro casamento tem idade de serem os meus pais. Eu sou a filha mais velha, papai ainda teve 9 filhos, ai aos 69 anos tava tendo a filha caçula (Oneide Rocha).

Em muitas relações conjugais, o sentimento de decepção fazia parte das angústias das esposas; o romantismo existente no namoro tinha fim com a efetivação do matrimônio; o desrespeito, geralmente, dentro da própria casa, provocava a desilusão de encontrar o príncipe encantado de seus sonhos, presentes nos romances de fotonovela, no cinema e nos livros; tudo isso causava tristeza às mulheres casadas.

Naomi Wolf afirma que a mulher se tornava apática após o casamento, não se arrumando, nem se enfeitando mais como quando era jovem, chegando a classificar as mulheres em dois tipos, as “sexys” e as mães. Quando criança, a autora revela que ela e as amigas norte-americanas – porque ela se inclui enquanto sujeito da pesquisa – escolhiam seguir o modelo das bonecas Barbie, que estavam sempre maquiadas, arrumadas e sedutoras (WOLF, 1998, p. 50).

As representações da mulher casada nas décadas em estudo transitam na oposição entre o casamento enquanto realização pessoal e social, influenciado pelos discursos que circulam do tradicional ao moderno, à infelicidade real, do sofrimento de ser confinada

praticamente a casa, ao parto, filhos e trabalho. Uma dor silenciada em detrimento da família, dos filhos e de sua honra.

Soube sim, separada sim. Mas era tão escondido, o motivo era tão escondido. E hoje em dia não, hoje em dia você declara publicamente. Porque quando uma mulher errava naquele tempo, era um sigilo demais, a família desprezava, o pai rejeitava, era rejeitada pela sociedade. Hoje não, aceitam de muito bom grado. [...] A mulher toda vida foi mais pacata, nem que ela sofresse, mas ela sofria, apanhava, mas não largava o marido. O marido não, ele era quem largava (Maria Maia).

Na década de 1950, as representações predominantes contidas no livro de Renato Duarte (1995) são as de recatada, de *solteirona* e de prostituta, entretanto, não são as únicas, como veremos adiante.

4.2 Uma nova imagem: a mulher separada

Identificamos em um artigo de J. de Souza Libório, publicado no jornal picoense *Flâmula*, uma outra representação feminina que aponta para as novas formas de ser mulher na sociedade brasileira e picoense, transcrito a seguir:

O DIVÓRCIO E A CONSCIÊNCIA CATÓLICA BRASILEIRA

Se não estou equivocado, desde o governo do presidente da República, senhor Artur da Silva Bernardes, que os simpatizantes e apologistas do divórcio veem se movimentando na esperança de que sejam vitoriosos os seus ideais. Alegam tais adeptos e proselitistas, que os males de nossa sociedade, com a implantação do divórcio em nossa Pátria, seriam remediados ficando o país integrado numa nova ordem social garantidora do progresso e da felicidade de seu povo. Todavia, acontece que nesse sentido, todo esforço tem sido balde e infrutífero, pois como é notório, e evidente, a família brasileira, na sua quase unanimidade, por intermédio dos seus grandes líderes e esclarecidos representantes políticos, toda vez que se fez mistér, há rejeitado peremptoriamente e com sobranceira, as belezas e excelências apregoadas pelo divórcio. Convém notar que, os chamados desajustamentos sociais que se verificam em nosso país, são sempre oriundos de certos fenômenos próprios mesmo da humanidade desde os primórdios de sua evolução histórica, até os tempos atuais. O mundo hodierno, todo ele vive dias sombrios, e sacolejado pelas doutrinas mais capciosas e pelos ideais mais contraditórios. Vivemos um dos períodos mais cruciantes de nossa história de povo civilizado[...] Quem é católico genuíno e na concepção mais lídima do termo, jamais poderá ser divorcista. Se-lo-á entretanto, divorcista quem for católico apenas pró forma como se diz comumente, ou qualquer piegas que pratique religião com falsas encapadas aparências. [...] Nunca, em tempo algum, o divórcio contribuiu para o aperfeiçoamento moral e sua completa felicidade social, pelo contrario, nos países em que o mesmo está sendo implantado oficialmente com o beneplácito dos seus governos e de suas constituições, esses países,

infelizmente, estão atingindo ou já atingiram o clímax dos mais escabrosos e intensos dramas sociais (FLÂMULA... n. 14, 18 jan.1953, p. 1;3).

Uma mulher separada não era aceita socialmente, igualada, grosso modo, às *mulheres da vida*, por já ter experimentado os pecados da carne e se encontrar sem a proteção de um marido. Na maioria das vezes, a culpa pelo fim do casamento recaía sobre ela, por não ter colocado em primeiro plano a conservação da família. O cronista J. de Sousa Libório se coloca na matéria acima essencialmente contra a adoção da lei do divórcio no País.

Segundo Doralice Moura, muitos casamentos eram desfeitos, à época, mas de forma silenciada. Ela nos explica:

Já tinha isso, mas era por debaixo dos panos, aquelas pessoas ricas, sabe, encobriam [...] Mas sabe que os pais ficavam fazendo pressão pra viver, porque naquela época, em 1960, casou, era pra viver. Mas muitos delas as vezes largavam, se largavam porque não dava pra viver. Porque eu achava assim, era crucificar uma pessoa pra viver se não gostava, nam (Doralice Moura).

As convenções morais ditavam que o casamento era uma união sagrada e que deveria ser “até que a morte os separe”; por isso, viver um casamento de aparências era comum entre muitos casais picoenses à época. Para a mulher, a decisão de separar-se do marido pesava demais sobre a sua honra, principalmente entre aquelas pertencentes às famílias de melhor condição social. Mesmo com todos os julgamentos em torno da separação, a narrativa da entrevistada nos assegura que eles aconteciam e os dados censitários também nos confirmam (Tabela 5).

Tabela 5 - Estado conjugal das pessoas de 15 anos e mais, por sexo, segundo as zonas fisiográficas e os municípios Picos (Zona do Sertão)

ESTADO CONJUGAL	SEXO FEMININO	SEXO MASCULINO
Solteiros	4.399	4.813
Casados	7.624	7.553
Separados	368	151
Desquitados e divorciados	12	7
Viúvos	1.205	313
TOTAL	13.608	12.837

Fonte: IBGE, Recenseamento Geral (1960, p. 190-191).

Os dados da Tabela 5 apontam para a ocorrência de separações, divórcios e desquites na década de 1960; e, ao relacionar tais acontecimentos com a matéria do Jornal *Flâmula* da década anterior, refletimos sobre uma nova representação nascente nesse novo momento de remodelação das identidades – a da mulher separada.

O estudo dos anos 1960, no Brasil, nos indica que a desterritorialização feminina tornou-se mais intensa no ambiente doméstico, no que concerne a casar-se e ser mãe, visto que o anseio pela instrução e profissionalização aumentava com o passar dos anos. Contudo, em Picos, nesse mesmo período, percebemos que as moças sonhavam, essencialmente, com os príncipes encantados, e em constituir uma família, mesmo tornando o estudo e o trabalho como investimentos para a vida, sobretudo com o apoio da família. Havia ainda aquelas mulheres que tinham medo de rumar por trilhos desconhecidos e preferiam seguir o caminho de suas mães, que não era incerto.

4.3 Desviando o “destino natural” de ser esposa e mãe

Mulher (Sexo Frágil)

Dizem que a mulher
É o sexo frágil
Mas que mentira absurda!
Eu que faço parte
Da rotina de uma delas
Sei que a força
Está com elas...

Vejam como é forte
A que eu conheço
Sua sapiência
Não tem preço
Satisfaz meu ego
Se fingindo submissa
Mas no fundo
Me enfeitiça...

Quando eu chego em casa
À noitinha
Quero uma mulher só minha
Mas prá quem deu luz
Não tem mais jeito
Porque um filho
Quer seu peito...

O outro já reclama
A sua mão
E o outro quer o amor
Que ela tiver
Quatro homens
Dependentes e carentes
Da força da mulher... (Erasmu Carlos)⁴²

⁴² Música de Erasmo Carlos, escrita com sua mulher, Narinha; faz parte do LP *Mulher*, de 1981.

A música acima faz menção à força da mulher, por esta desempenhar, segundo o autor, inúmeras funções com zelo e sabedoria. A intenção do compositor provavelmente tenha sido desmistificar a ideia de fragilidade feminina, mas entendemos que essa canção apresentasse como um reforço aos papéis tradicionais da sociedade burguesa, demarcando os papéis do masculino – marido, provedor e associado ao espaço público – e do feminino – esposa, mãe e dona de casa – representado pelo trecho “Quando chego em casa à noitinha, quero uma mulher só minha, mas pra quem deu luz, não tem mais jeito, porque um filho quer seu peito...”

Percebemos ainda as relações de poder masculino em relação ao feminino, apresentadas no verso: “Satisfaz meu ego se fingindo submissa, mas no fundo, me enfeitiça...”; nele, é mostrado que o homem necessita do sentimento de superioridade em relação à submissão da mulher.

Na última estrofe, o fragmento “Quatro homens dependentes e carentes da força da mulher...” há um enrijecimento da imagem de mulher enquanto naturalmente do lar; nesse sentido, a mulher representada na música deveria usar todo o seu tempo disponível para cuidar da família, vista como dependente desses cuidados. Assim, os discursos são produzidos de modo que as mulheres se identifiquem com o espaço privado e tenham nele o seu único espaço para desenvolver atividades; na verdade, trabalhar fora configurava um desligamento das funções tidas como básicas na vida de uma mulher.

Com base na reflexão sobre a música de Erasmo Carlos, trataremos, neste item, acerca da escolha que algumas mulheres fizeram de não seguir os padrões tradicionais que as prendiam nos rótulos de esposa / mãe / dona de casa, na sociedade burguesa. A essas mulheres rendeu a expressão pejorativa de *solteironas*, pelo fato de não contraírem matrimônio.

‘Solteirona’ era estigma, sinal de fracasso e esquisitice num tempo em que o casamento era garantia da ordem social e o destino dourado de toda mulher. A expressão designava a que “passou da idade” de se casar. A não moça [no sentido de idade] que perdera a oportunidade de constituir sua própria família com filhos e corria o risco de tornar-se um peso para os parentes já era chamada assim, para desespero das jovencinhas que desde sempre temiam a solidão, mas também se preocupavam com seu futuro econômico na falta de um homem que as sustentassem (PINSKY, 2012, p. 490, grifo nosso).

Essa invenção⁴³ da *solteirona* estava ligada ao ideal de modernidade, de família burguesa construída com o casamento civil. Atrelada ao ideal republicano, a família passou a

⁴³ Termo utilizado por Cláudia Maia (2007).

ser alvo de interesses científicos – por meio de cuidados com a saúde e a higiene – e investimentos políticos, pois era dentro dela que estava se formando o cidadão que se queria para a nação, hábitos modernos, sem subverberar a ordem nacional. Esse fato provocou maior controle social aos papéis femininos, na tentativa de tornar as mulheres castas, um desestruturador dessas bases, pois cabia à mulher-mãe a educação dos filhos comprometidos com o progresso da Nação. Assim:

A família brasileira, segundo Veríssimo, é motivo de preocupação e deveria passar uma profunda mudança, pois cabia a ela uma participação ativa na formação do caráter daqueles que compunham a sociedade brasileira, com ênfase numa envergadura moral que o país requer para alcançar a condição de nação. A herança cultural portuguesa aliada à escravidão promovera, para o autor, uma verdadeira degeneração social, sobretudo em relação à mulher, afastada da vida social, influenciada pela escravidão estava condenada a prejudicar a educação dos filhos afastando dos valores civilizatórios, dos valores morais e da falta de inclinação para o trabalho nos moldes capitalistas (SILVA, 2012, p. 14).

Para tanto, a instrução das moças, décadas antes questionada, passou a ser pensada como forma de prepará-las para bem educar os filhos dentro dos novos padrões modernizantes. Mas nem todas as mulheres se enquadravam nos papéis normativos, impostos e aceitos pela sociedade. E, entre as que permaneceram solteiras, a historiadora Cláudia Maia (2007) identificou, em sua Tese de Doutorado, alguns tipos de representação, a saber:

- As que não arranjaram pretendentes, que viviam para cuidar dos pais, irmãos ou sobrinhos.
- As exigentes demais, que estudavam e trabalhavam.
- As celibatárias políticas, que usavam a solteirice como luta, como forma de protesto à dominação masculina.

Identificamos entre as nossas entrevistadas picoenses alguns desses perfis, como percebemos no trecho a seguir:

Dado ao meu grau de exigência, de achar que um homem primeiro, tinha que ser muito inteligente para mim, né. Nunca gostei de homem burro! [...] o homem não poderia ser machista ao extremo, como na época eu convivi com pessoas extremamente machistas. E eu era uma pessoa com aquela liberdade dentro de mim, que eu sonhava ter, como mulher. De vestir o que eu gostava, de me maquiar, de passear. E os namorados me prendiam, queriam ser donos de mim e eu não gostava de ser propriedade de ninguém. Acho que foi meu gênio mesmo (Raimunda Moura).

Em vista do que foi apresentado neste depoimento, reconhecemos dois dos modelos propostos por Cláudia Maia: (1) as exigentes demais, que, ao dar continuidade aos estudos

para além do Ensino Primário, não se satisfaziam em namorar rapazes incultos, procuravam aqueles que sabiam discutir sobre livros, filmes, viagens, que estavam antenados com os acontecimentos do País e do Mundo. Ademais, o trecho “eu não gostava de ser propriedade de ninguém”, parece ser um confronto contra a dominação masculina; (2) concernente às celibatárias políticas, às mulheres que queriam ser donas de si, ter escolhas próprias e uma vida livre de coerções sociais, colocando suas aspirações como ponto central de suas vidas.

Enfatize-se que “a incorporação do amor como requisito de casamento implicou transformações nas escolhas conjugais, uma vez que moças e rapazes passaram a compartilhar a escolha do futuro cônjuge com pais, mães e responsáveis” (CARDOSO, 2010, p. 299). Assim, na cidade de Picos, desde os anos dourados, casar-se por arranjo dos pais já era uma prática que começava a cair em desuso; entretanto, mesmo alguns pais não obrigando as filhas a se casarem, ainda davam palpites na escolha dos pretendentes a futuro marido. Observe-se este dilema:

Mulher, eu namorei muito. Arranjei muitas pessoas bacanas e tudo, mas papai ficava dizendo que não, que era pra casar era com um parente. Que tinha muita gente casada com parente, ele era primo legítimo da minha mãe, era aquele negócio de tradição. Ai nada mulher, eu num pensava em casar não, que eu queria era sem ser parente, num queria parente nenhum não, de jeito nenhum. [...] Nam, eles diziam: ‘Você namora muito e num quer casar com os parentes, pois ai é bom mesmo ficar coroa’ (Doralice Moura).

A atitude dos pais de desaprovação, diante de pretendentes que não eram da família, possivelmente, consistiu em fator essencial para que nossa entrevistada não se tenha casado, haja vista que a moça não queria desagradar os pais, e a aprovação do noivo era necessária para sua felicidade conjugal.

Podemos ainda ressaltar, nesta narrativa, a lembrança da entrevistada de seus muitos namoros. Muitas dessas jovens mantinham namoros sem que os pais tivessem conhecimento, pois apesar de a mulher ter conseguido maior abertura para circular no espaço público, a vigilância dos corpos constituía uma das maiores preocupações de seus responsáveis. Um hímen rompido levava a moça e, conseqüentemente, a sua família à degradação moral, o hímen era o constituidor das relações sociais entre o masculino e o feminino.

O namoro era considerado uma etapa preparatória para o noivado e o casamento. Sendo assim, as moças não deveriam *perder tempo* ou *arriscar-se* com namoros que não tivessem chance de conduzi-las ao matrimônio: “nenhuma moça deve namorar apenas pela aventura de namorar”. Com tal importância social, o namoro adquiria características de uma fase de estudos mútuos daqueles que poderiam ser os futuros cônjuges e suas famílias, servia como um tempo de adaptação do casal. Assim, a namorada procurava mostrar que era prezada, afetuosa e recatada – garantias de uma boa futura

esposa. O namorado interessado deveria mostrar-se *sério* – com intenções de casar e não apenas de *aproveitar-se da moça* –, responsável e capaz de sustentar uma família (PINSKY, 2011, p. 616).

Assim, as mulheres católicas educavam suas filhas para que seguissem o modelo de castidade de Maria, e a celibatária deveria ser uma mulher que renegasse o sexo, por ter renegado o casamento. Essas informações são corroboradas no depoimento a seguir:

Bom, foi criação. A gente foi acostumada a: “Olha, a vida é certa, da cintura pra cima pode fazer tudo, da cintura pra baixo tem que respeitar.” Foi assim que a gente foi criado. Pelo simples fato de você arranjar um namoro, num é pra ir pra cama não, porque se for desse jeito você vai terminar fuleira. Se hoje namora com um vai pra cama, amanhã namora com outro também... Assim você ta sendo um objeto de uso. Então todo mundo tinha respeito, era conscientizado disso: “Olhe, só se faz isso depois do casamento. Antes do casamento não pode, é pecado.” Sempre tinha esse tabu, ai nós mais antigas, observávamos isso. Eu pelo menos num me queixo não, não me pesa, ainda hoje estou com a minha aqui. Num me pesa não, pode falar quem quiser, não tem problema. Tenho a consciência tranquila, também se eu quisesse dar, num tinha que dar satisfação a ninguém. Mas sempre foi um respeito, religiosamente falando, os pais sempre ensinaram isso (Maria Maia).

Percebemos na fala da entrevistada que o sexo hierarquizava as relações entre as mulheres; aquela que mantivesse a virgindade teria o respeito da sociedade; o hímen rompido levava consigo a honra e o valor femininos.

Foucault (1998), em seu livro *História da Sexualidade*, analisa que a sociedade capitalista não reprimiu a sexualidade como algo que não se deveria falar, ao contrário, o poder exercido pelas instituições, como a Igreja Católica, incitou os sujeitos a falar de sexualidade como forma de controlar o indivíduo e a sociedade. Por conseguinte, na sociedade picoense, o sexo era mencionado, mas o poder disciplinar atuava exercendo o domínio sobre como falar e o que se fazia necessário saber.

Por sua vez, o sexo, na sociedade moderna, era tratado pela Igreja Católica como possível de ser exercido, entretanto, somente dentro do casamento e visando à procriação. Deste modo, o poder atuava como forma de autocontrole, internalizado por algumas jovens picoenses, que, por não contraírem matrimônio, a exemplo de nossa entrevistada acima, abriam mão do exercício de sua sexualidade. A virgindade, era como um tesouro que só deveria ser dado ao marido como prêmio, sinal de honra, castidade e fidelidade.

Por outro lado, a efetiva participação das mulheres nos espaços públicos – estudando, trabalhando, frequentando bailes – gerou uma preocupação por parte de instituições como o Estado, a Igreja e parte da imprensa, que viam nessa liberdade feminina o encaminhamento para uma juventude perdida, que abalava as práticas pré-matrimoniais, consideradas a fase de

formação da jovem (PEREIRA, 2011). Assim como às jovens casadouras, às celibatárias também eram passados ideais de castidade, pois, para a Igreja Católica, os pecados da carne levariam o mundo à degenerescência moral, o sexo só deveria existir com o intuito de procriação; logo, à mulher era negado o direito ao prazer. Se as mulheres já eram julgadas seres inferiorizados, a *solteirona* era colocada ainda mais abaixo, considerada uma anomalia social, um ser da diferença, por não passar por todos os estágios da vida de uma mulher naturalizados pelos discursos dominantes (MAIA, 2007).

Além do controle dos corpos imposto pelos pais, a Igreja e a imprensa, por meio de revistas destinadas ao público feminino – como *Vida Doméstica* e *Jornal das Moças* – também faziam o papel de legitimadoras de práticas sociais dominantes e representações sociais tidas como ideais e socialmente aceitas. A mulher, nessas publicações, era considerada moderna apenas por se vestir de acordo com as tendências das atrizes de cinema, ou saírem para o espaço da rua em passeio.

Com efeito, algumas moças se subjetivavam de modo a fugir dos padrões normativos, e levavam suas vidas de acordo com suas escolhas; não se preocupavam muito com o julgamento da sociedade em que viviam. Assinale-se que localizamos, no caderno de memórias preparado por uma das nossas depoentes, a seguinte lembrança: “Quem se lembra das mais namoradeiras?”, o primeiro nome apontado foi o de Doralice Moura; e, ainda, “‘Olá, muito prazer, meu nome é Dora. Você está de passagem, ou veio para ficar?’ Doralice, quando encontrava um rapaz de fora, dava-lhe logo as boas-vindas na Praça Felix Pachêco”.

A memória coletiva, como reconstrução de um passado vivenciado por determinado grupo, apresenta-se como fonte de investigação histórica; para tanto, percebemos que, mesmo com a disciplinarização sobre os corpos femininos, o desvio de padrões considerados ideais para as moças era uma realidade presente entre algumas jovens picoenses. Quando questionada se havia sido criticada por manter namoro com muitos rapazes, a entrevistada responde: “Ah, essa daí foi a que namorou mais, conheceu viajante, conheceu doutor, professor da universidade, namorava com um e com outro’ (risos). Ai eu disse: ‘ah e foi? oh, que bom então...’ Eu levo na esportiva! Eu fui muito criticada. Então, se eu não fosse uma pessoa firme... [...]” (Doralice Moura).

A entrevistada sorri ao lembrar como seu comportamento era motivo de inquietação/desconforto aos olhares inquisidores da sociedade; e complementa que, se levasse a sério o julgamento que lhes imputavam, teria deixado de viver bons momentos da sua juventude.

Provavelmente, o fato de experienciar-se em via contrária à exigida pelos padrões normativos da sociedade picoense, tenha sido um dos fatores que contribuíram para que a entrevistada se mantivesse casta; outra questão foi não querer casar com parentes, como já mencionamos nesse tópico.

“Isso não significou, contudo, que [algumas (d)] elas conseguiram escapar completamente a certas representações sócio-hegemônicas, dentre elas, a maternidade, ou que não tivessem de aderir a um modelo de comportamento de mulher solteira socialmente aceito, como manterem-se publicamente castas” (MAIA, 2007, p. 11), pois o desejo sexual foi o entrave para que as mulheres se emancipassem; as possibilidades de sair de casa para estudar e trabalhar já estavam se apresentando para essas picoenses; entretanto, no tocante à sexualidade, a Igreja Católica ainda impunha padrões de pureza, resignação e castidade.

Outra representação da *solteirona*, que destacamos na sociedade picoense, é a das moças que dedicaram suas vidas aos cuidados com os irmãos, e em contribuir financeiramente com a renda familiar; ainda adquiriam bens, construindo e administrando seu próprio patrimônio.

Na minha infância, lá em casa a situação econômica era boa, mas depois papai se aposentou e o que ele recebia era muito pouco, nós éramos muitos, nove filhos pra educar – mamãe depois ainda criou outra. Eu investi mais na minha família, ai foi o tempo que a minha casa, na década de 1970 caiu, a casa era diferente, era uma casa mais antiga, a gente teve que construir... (Oneide Rocha, 2011).

Por não conseguir desprender-se dos laços familiares, algumas mulheres permaneceram celibatárias e dedicaram suas vidas ao trabalho, e a proporcionar uma educação aos irmãos e sobrinhos, constituindo-se, assim, em uma maternidade simbólica.

Transcrevemos a seguir mais um significativo depoimento:

Bom... Eu fui noiva duas vezes, tive um namorado que foram 23 anos de namoro, mas como ele morava em Belém e eu morava aqui, tinha a minha mãe que tinha 90 e poucos anos e eu jamais deixaria pra morar em outro lugar não. E pra ele vir pra cá, eu num ia tirar também o conforto dele. Se ele morava lá, tinha um filho lá (que ele era viúvo), tinha o comércio dele lá, porque que ele ia sair pra vir refazer a vida aqui, não dava. Então foi melhor acabar! (Maria Maia).

Essa representação da celibatária foi denominada por Cláudia Maia de “a *solteirona* funcional da família brasileira” (MAIA, 2007, p. 62), por se tratar de mulheres que não dependiam economicamente de ninguém, além de não se preocuparem apenas com o cuidado

de si, mas em cuidar do outro. A entrevistada abdicou da vida conjugal, após manter um namoro de vinte e três anos para não se afastar do convívio com os pais e a família.

O modelo de *solteirona* funcional surgia em oposição à imagem da celibatária dependente, ranzinza, séria, mal-amada e digna de pena, amplamente construída pelos discursos literários no Brasil, que foi, “sem dúvida, um dos mais ágeis na construção e difusão de representações da mulher celibatária e, ao mesmo tempo, em tornar visível o celibato feminino como inquietação, um campo problemático de uma época, colocando em cena uma personagem” (MAIA, 2007, p. 51). A exemplo do poema de Carlos Drummond de Andrade (ANDRADE, 2007, p. 1052):

Vida Vidinha

A solteirona e seu pé de begônia
 A solteirona e seu gato cinzento
 A solteirona e seu bolo de amêndoas
 A solteirona e sua renda de bilro
 A solteirona e seu jornal de modas
 A solteirona e sua janela
 A solteirona e seu olhar vazio
 A solteirona e seus bandos grisalhos
 A solteirona e seu noivo-retrato
 A solteirona e seu tempo infinito
 A solteirona e seu travesseiro
 Ardente, molhado
 De soluços.

Nesses termos, a mulher que não casava era considerada um peso dentro dos novos arranjos familiares, por permanecer sob a dependência dos pais e sem a proteção social de um marido. Possivelmente, um dos agravantes da figura estigmatizada da *solteirona* como uma mulher infeliz foi o surgimento do ideal de amor romântico, que modificou os laços matrimoniais; os pais não mais arranjavam os maridos para as filhas; em contrapartida, elas escolhiam demais e acabavam na solidão, à espera de um príncipe encantado que atendesse aos seus anseios, como descrito no supracitado poema do Drummond.

Cláudia Maia aponta em sua pesquisa uma disputa entre as donas de casa e as donas de si (MAIA, 2007, p. 180), em que as casadas tentam sobrepor suas vidas às das *solteironas*, por meio de discursos sobre a possibilidade de ser mãe, de ter uma relação amorosa estável, de ter a proteção de um marido e um lar. Entretanto, contrapondo-se a essa visão positiva, Maria Maia revela os incentivos que recebia das amigas casadas: “Foi o melhor que tu fez. Até as que se casaram diziam que o melhor que eu fiz foi não ter casado. O melhor marido é o emprego, que tu manda nele, na hora que tu quer dorme com ele, quando não quer guarda,

acaba e joga fora!” (Maria Maia) Assim, os discursos variavam entre a crítica por não casar e o incentivo de se manter celibatária.

As representações construídas sobre a mulher são múltiplas e não diferentes; a *solteirona* também teve sua pluralidade, variando de imagens negativas a positivas, durante o fim do século XIX e todo século XX.

A dança do tempo é uma dança singular e o tempo da história, sobretudo quando se trata da dimensão dos costumes, não avança na mesma velocidade para todas as mulheres. Frações do feminino se inserem diferentemente nessas cronologias que existem nos mesmos espaços (QUEIROZ, 2003).

Construída em meio ao fortalecimento do ideal de família burguesa, com base em princípios modernizantes, a representação da *solteirona* não se enquadrou em estruturas fixas, constituindo-se em novas formas de assujeitamentos transbordantes e que ameaçavam as categorias normativas dominantes.

São muitos os motivos que levaram nossas entrevistadas a não se casar, vão desde sua exigência ao cuidado com a família e/ou resistência ao casamento arranjado; entretanto, um fator que se apresentou como essencial para esse grupo foi a ideia de liberdade. A liberdade proveniente da possibilidade de cuidar de si, de vestir e usar o que gosta, de viajar, de trabalhar. Esses, inclusive, são fatores de oposição entre as celibatárias e as mulheres casadas, mencionadas por Cláudia Maia (2007, p. 180). Enquanto estas se representavam como mulheres amadas, felizes no cuidado da casa e dos filhos, e com estabilidade financeira, proporcionada pelo “marido como profissão”, aquelas se definiam como independentes para transitar nos espaços públicos, livres para namorar a quem desejassem; possuir sua individualidade para fazer as próprias escolhas; e a estabilidade financeira era proporcionada por seu próprio trabalho.

Cada mulher tem o seu momento, enquanto algumas ressignificam os papéis femininos naturalizados, quebram regras, delineando seus padrões de vida, conforme sua vontade, sem se preocuparem em ser tachadas de transgressoras ou imorais pela sociedade. Outras enxergam o casamento, a maternidade e a casa como símbolos de vida plena.

As diferenças entre os gêneros hierarquizavam os indivíduos na sociedade; a idade torna-se um dos fatores de determinação dessa hierarquia, além, sobretudo, da sexualidade, como vimos anteriormente.

Uma mulher com mais de 20 anos de idade sem a perspectiva de um casamento corria o risco de ser vista como *enclhada*, candidata a *ficar pra titia*. Aos 25 anos, considerada uma *solteirona*, já era fonte de

constrangimentos. Um homem de 30 anos, solteiro, com estabilidade financeira, ainda era visto como um *bom partido* para mulheres bem mais jovens (PINSKY, 2011, p. 619).

Diferente das outras entrevistadas, Jesus Carvalho (2013) não quis se pronunciar ao ser questionada sobre ter permanecido solteira. Michel Pollak (1989) nos incita a problematizar os silêncios no seu texto *Memória, esquecimento, silêncio*, e sugere que eles podem nos dizer muito sobre o passado, mas também ser uma maneira encontrada para superar ou lidar com aquele passado. Em seu trabalho, utiliza como exemplo o silêncio e o não dito de sobreviventes dos campos de concentração nazistas que vivenciaram experiências frustrantes ou traumatizantes.

A escolha por não falar pode ser lida pelo pesquisador como uma forma de o entrevistado poupar a si mesmo de fatos do passado que lhe causam certo desconforto. Ou ainda, segundo Wolf (1998), as mulheres aprendem desde muito cedo que qualquer passado sexual pode ser considerado promiscuidade e levar à condenação social, e isso também pode ser um empecilho para que algumas senhoras resolvam não falar sobre seus relacionamentos amorosos.

Contudo, o não dito nos interessa, e, como arqueólogos do passado, remexemos as memórias dos sujeitos sociais, de modo a fazer inferências que nos permitam entender fatos importantes sobre a história, seus caminhos e descaminhos.

Atentando às experiências vividas por Jesus Carvalho e analisando o não dito da entrevistada, apontamos algumas possibilidades em relação ao fato de não casar-se: a primeira delas era a vigilância por parte de seu pai, que, como ela própria nos aponta, “toda noite ia pra praça ver a gente passear, se tava direito, se tava namorando, cuidava até de Remédios Maia” (Jesus Carvalho). A segunda era a entrevistada possuir irmã ainda muito jovem – com quatorze anos – quando ocorreu a morte de seu pai, ela se sentiu na obrigação de cuidar da educação e instrução daquela que, além de irmã, era sua afilhada.

Jesus Carvalho era farmacêutica, e, para uma jovem picoense daqueles anos de 1950-1960, cursar o Ensino Superior⁴⁴ era considerado grande avanço, principalmente em se tratando de uma profissão que não era “a mais tradicional” para as mulheres, como ser professora. Esse fato poderia assustar muitos homens e afetar sua honra no que se refere ao nível de escolaridade e a remuneração econômica ser inferior a da mulher. Este também pode ter sido um elemento influenciador do não casamento.

⁴⁴ Ainda mais em outra cidade, por não ter em Picos, à época, faculdades superiores.

Percebemos que as mulheres entrevistadas expressavam em suas falas o desejo de liberdade, de ir além dos padrões estabelecidos para as suas vidas. As singularidades podem ser observadas, quando estas mulheres decidem não percorrer o caminho da condição mãe / mulher / esposa / dona de casa, vinculando-se a um universo diferente, apontando para novas formas de ser no feminino.

4.4 As prostitutas e a construção do “outro”

Uma representação feminina constante era a da prostituta, entretanto, neste trabalho, a prostituta se apresenta como o “outro”, oposição às identidades tradicionais construídas para as mulheres. Trata-se do “outro” por não nos referirmos às identidades de nossas entrevistadas, mas também por não nos omitirmos de analisar a potencialidade da prostituta que habita em cada mulher, sobretudo nos anos propostos para o estudo, em que a sexualidade ainda era muito reprimida.

Guacira Louro discute a significação do indivíduo a partir do “outro”, que, construído o corpo que ganhou centralidade nas sociedades modernas, passa por diversas significações:

O reconhecimento do “outro”, daquele ou daquela que não partilha dos atributos que possuímos, é feito a partir do lugar social que ocupamos. De modo mais amplo, as sociedades realizam esses processos e, então, constroem os contornos demarcadores das fronteiras entre aqueles que representam a norma (que estão em consonância com seus padrões culturais) e aqueles que ficam fora dela, às suas margens (LOURO, 2013, p. 15).

O comportamento, o modo de falar, de se expressar, de vestir-se, a postura, tudo isso consistia em códigos de diferenciação entre as mulheres, polarizadas em *mulheres honestas* e *mulheres da vida*.

O hímen, na temporalidade proposta para a pesquisa, era o maior bem que a mulher possuía, no qual se constituía a tênue fronteira entre o respeito e o desprezo social (CAULFIELD, 2000). Uma vez perdido, fora da condição de casada, a honra feminina estaria abalada, restando-lhe o julgamento e a rejeição da sociedade. “Curiosamente, as instituições e os indivíduos precisam desse “outro”. Precisam da identidade “subjugada” para se afirmarem e para se definirem, pois sua afirmação se dá na medida em que a contrariam e a rejeitam” (LOURO, 2013, p. 31). A representação da prostituta era de mulher marginalizada na sociedade. Entretanto, era a partir dela que as mulheres se afirmavam enquanto honradas, “casadouras”.

Assim, percebemos que a sexualidade não é somente questão pessoal, mas política e social; o corpo não pertence apenas ao indivíduo, ele é coletivo, nele são inscritos códigos de comportamentos que o definem (LOURO, 2013, p. 11). A construção do corpo sexual da prostituta é uma funcionalidade social, um investimento para que sejam produzidas e legitimadas também as moças castas. A boa moça, a boa esposa, significava “garantir a ordem na desordem das paixões” (RAGO, 2008, p. 42).

A contenção dos instintos femininos era afirmada insistentemente pela Igreja Católica, a dualidade entre a salvação e a perdição acompanhava a sociedade e impregnava-se no imaginário social, explícita na citação adiante:

— Eu não quero salvação. Não desejo o Céu. Quero é viver, gosar (sic) a vida. Se houver inferno, podem me mandar pra lá. Estas palavras foram proferidas por uma jovem, na praça. Refletiam o sentimento de revolta que a dominava em face da campanha encetada pelo Revmo. Padre Madeira contra as mangas curtas ou japonesas. Tremi de pavor ao ouvir aquelas palavras. Dir-se-ia que uma mensagem sobrenatural ou uma autêntica demencia mental exboçava-se naquelas exclamações de uma alma presa ao modernismo pagão deste século. Sim, não somente aquela jovem mas muitas jovens estão caminhando para essa calamidade, o existencialismo. Gosar a vida, custe o que custar (PINHEIRO, 2012, p. 27).

A narrativa referida está presente no trabalho de Marília Pinheiro, sobre a prostituição picoense nos anos 1950 e 1960, e foi retirada do jornal *A Ordem*, de 01 de junho de 1952, que circulou na cidade durante alguns anos. O artigo de Alberto Nunes, intitulado “Só Deus”, deixava claro o espanto causado nos cidadãos pela jovem, ao rejeitar publicamente os princípios católicos que subjugavam a vida das mulheres picoenses, nessa busca incessante pela salvação das almas. O acontecimento explana a imposição dos dogmas católicos que a Igreja apregoava na sociedade, elucidados pela campanha do padre em exercício na cidade daquele tempo. Mostra também que algumas mulheres não aceitavam esses dogmas e não se submetiam de acordo com eles.

Para aquelas que direcionavam suas vidas conforme os princípios da religião católica, a prostituição apresentava-se como um fantasma, segundo Margareth Rago, no livro em que ela discute os códigos de sexualidade e a prostituição feminina, na cidade de São Paulo, de fins do século XIX e início do século XX. A prostituta “era, portanto, como *fantasma* que ela aparecia, como virtualidade a irromper das profundezas do desconhecido corpo feminino, como possibilidade-perigo que poderia habitar a sexualidade de todas as mulheres” (RAGO, 2008, p. 42). O autocontrole era necessário para não incorrer nas ciladas do inimigo, o desejo sexual. O sexo faz parte do meio social, habita em todo o espaço da cidade, que é um lugar de

perigo, por isso as mulheres deveriam controlar-se o tempo todo, fugindo das tentações despertadas no desejo de exercer a sua sexualidade. O perigo era constante, e, com isso, o terror da prostituta estava inculcado no imaginário social, principalmente das mulheres virgens.

Em um momento de sexualidade reprimida, o corpo subjugado é um desejo; e quanto mais o corpo é contido mais ele é sexuado. A narrativa de uma entrevistada é esclarecedora da relação contenção/desejo que estamos discutindo, algumas moças de família subvertiam o controle social e encaminhavam-se aos prostíbulos, com padres, freiras e o grupo de jovens formado pela Igreja para desenvolver ações sociais. Ensinavam as meretrizes a cozinhar, bordar, higienizar-se, ou seja, a cuidar de si e a aprender outro ofício.

[...] tinha o dia que a gente marcava para ir lá. Nesse dia, fechava as portas só para receber a irmã com a catequese, com o grupo que ia trabalhar e eu fui uma das voluntárias, só que eu escondi de meu pai e de mãe, jamais eles iriam aceitar, mesmo a irmã do Sudário dizendo, eles não iam aceitar que eu fosse. Aí eu fui como voluntária, lá eu trabalhei, ensinei a bordar, [...] crochê e também a dar aulas de higiene. Eu levava cartazes, mostrando boas maneiras. E de culinária, porque eu fiz o curso de culinária e eu ensinava a fazer bolo, para elas fazer para vender, confeitaria [...] e tinha outras meninas, que elas catequizavam também e a gente ia, era um grupo e tinha dois rapazes também [...] E a irmã do Sudário ia tentar convencer, mostrar às mulheres, que elas tinham... por quê que elas estavam ali? Muitas porque naquela época as mulheres engravidavam, os pais expulsavam de casa, não queria mais em casa, e elas não tinham como sobreviver, elas iam para o baixo meretrício, que achavam que tinham que ir para lá. Então nós, na época, conseguimos muitas delas que saíram, nesse meu trabalho no grupo, foram quatro que saíram do baixo meretrício e duas casaram (Raimunda Moura).

A repressão dos pais e a transposição dos limites pelas filhas são identificadas no trecho em que a entrevistada afirma que foi escondida: “só que eu escondi de meu pai e de mãe, jamais eles iriam aceitar”. Os grupos católicos trabalhavam com esse público, no sentido de levar autoestima às prostitutas, de ensinar uma profissão, para que elas tivessem condições de sair da vida de “miséria” material e espiritual e fizessem parte da sociedade. “A caridade, antigo dever das cristãs, conduzia, desde há muito tempo, as mulheres para fora de suas casas: visitar os pobres, os prisioneiros, os doentes, traçava, na cidade, itinerários permitidos e abençoados” (PERROT, 2005, p. 280). No entanto, mesmo o exercício da caridade possibilitando as mulheres a transitar por esses espaços, o perigo era iminente, pois ajudar era um dos motivos que as levavam ao prostíbulo, mas talvez não o único. Fazendo uma leitura a contrapelo dessa prática, intuimos que, mais do que um gesto de caridade, configurava como uma grande curiosidade das moças – e dos padres e freiras que acompanhavam. Afinal, surgia

a possibilidade de visitar os espaços de diversão de seus pretendentes, pais e irmãos, lugares moralmente condenados que permeavam o imaginário desses sujeitos. Era ter o contato com as mulheres que seduziam seus homens, que exerciam sua sexualidade à margem de códigos conservadores. Era saber como viviam essas mulheres e como eram compostos esses espaços de sociabilidade.

Possivelmente a relação entre as jovens católicas e as prostitutas era de troca, uma troca silenciada, talvez sem a necessidade de negociação. Enquanto instruíam as *mulheres da vida* a bordar, costurar, cozinhar e ter hábitos de higiene por meio do aprendizado, repassado em disciplinas como Educação Doméstica, ensinadas na Escola Normal, permaneciam atentas ao modo de andar, falar, vestir e comportar-se das prostitutas, e aprendiam com elas a arte da sedução. Assim, o saber que era para disciplinar, possibilitava a antidisiplina.

As meretrizes se apresentavam como rivais para as moças jovens no que se refere à sexualidade, por exercerem livremente seus dotes sexuais e, com eles, seduzir os rapazes, pois elas podiam satisfazer todos os desejos masculinos. Olívia Borges nos informa: “naquele tempo os namorados ficavam com a gente na praça, e desciam tudo com as mãos no bolso aquietando a força armada e corria tudo pra lá. Naquele tempo as moças não resolviam o problema de seus namorados, isso é coisa pros namoros de hoje”. Portanto, as moças queriam aprender com elas o segredo da sensualidade; mas ao mesmo tempo se controlavam para não ser confundidas com “mulheres fáceis”; estavam o tempo inteiro entre a possibilidade/perigo, numa complexa teia de relações paradoxais.

A cidade é um lugar de cruzamento, de ir e vir, e as prostitutas também circulavam pela cidade, entretanto, em dias específicos, como afirma Duarte:

Havia dois dias em que as “mulheres da vida livre” *subiam* ao centro da cidade: os sábados e as segundas-feiras. Existia um significado para a escolha desses dois dias: o sábado era o dia da feira e a segunda-feira era o dia apropriado para as outras compras, justamente depois do movimento do fim de semana, quando era maior a circulação de fregueses, e, portanto, de dinheiro, na zona (DUARTE, 1995, p. 71, grifo do autor).

Aos sábados, as moças e senhoras iam pela manhã fazer as compras na feira livre, e às meretrizes estavam determinadas apenas as tardes desse mesmo dia. Não poderia haver um contato entre as partes. A prioridade era dada para as *mulheres de respeito*, ficando as *mulheres de vida livre* apenas com o horário em que as melhores frutas e mercadorias já haviam sido compradas. Como as normas de conduta não permitiam o encontro das prostitutas com as outras mulheres, as senhoras de família empregavam táticas que lhes permitiam conhecer a fisionomia das meretrizes, através da prática de olhar para a rua pelo

buraco da fechadura de suas casas quando estas estavam passando. A curiosidade circulava tanto em saber quem eram as mulheres com quem seus maridos ou pretendentes poderiam estar se relacionando, como se vestiam e comportavam-se, mesmo porque o cabaré funciona fortemente como complemento do casamento, as mulheres tinham que conviver com o *fantasma* das prostitutas rondando as relações familiares.

O agente disciplinar que proíbe a aproximação das *mulheres da vida* com as *mulheres da sociedade* é subvertido no momento em que as questões capitalistas se sobrepõem às questões morais. Na citação a seguir, Marília Pinheiro analisa a fala de uma entrevistada, D. Maria Alves de Lima; ela declara que ia aos prostíbulos vender roupas às prostitutas, neste momento – e provavelmente só nele –, as prostitutas são entendidas pela D. Maria Alves de Lima como consumidoras, compradoras em potencial que lhe geravam lucros. Segue a análise:

[...] a fala da depoente D. Maria Alves de Lima deixa transparecer um contraste no momento em que nos afirma que estabelecia relações sociais com essas mulheres, contudo, na narrativa, esta faz questão de afirmar que eram relações apenas de negócios. D. Maria Alves Lima diz que só frequentava a casa das prostitutas para vender-lhes roupas, joias e que só chegava até a sala, não conhecia o restante da residência e só voltava lá quando era para receber o dinheiro da venda (PINHEIRO, 2012, p. 37-38).

Localizada por toda a extensão das ruas São Pedro e São Vicente, a zona do meretrício, em Picos, constituía-se como um local permitido para os jovens de maioridade; entretanto, os de menor idade utilizavam de táticas para adentrar ao espaço dos cabarés de maneira ilícita. Na medida em que os jovens omitiam a idade para frequentar o baixo meretrício, a tática era entrar com amigos mais velhos, para, assim, serem confundidos também como mais velhos. As lembranças de Ozildo Barros reforçam essa ideia:

[...] quem tinha mais de dezoito anos ou tinha um corpo avantajado, podia ir para o cabaré, que funcionava ali na Rua do Arame. Então, lá era onde tinham os namoros que hoje tem abertamente em todo lugar. O que era que tinha nos cabarés? Eu frequentei algumas vezes, apesar de não ser maior de idade naquela época, né? Mas meus amigos todos eram um pouco mais velhos do que eu e eu já tinha um certo porte físico que dava para confundir a polícia, que podia imaginar que eu tinha mais de dezoito anos. Então o que era o cabaré? Mulheres bem vestidas normalmente, perfumadas e liberadas que sentavam nas mesas, que traziam uma cerveja gelada e ficavam conversando. Porque muita gente fazia ideia que na época o cabaré era um local só de promiscuidade, não, era um local de encontros, local de encontros sociais, de discussão, até altas horas da noite, até de madrugada, porque os outros locais não podiam ficar funcionando até de madrugada. A única coisa que ficava fazendo barulho na cidade era o cabaré, que chamava o frejo. Ainda não estudei a etimologia dessa palavra, mas alguma coisa ligada com frevo, com fervura, porque aquilo tinha vida, ficava fervendo com música ao

vivo em algumas boates até altas horas, até duas horas, três horas, quatro horas. E a cerveja era bem geladinha! (OLIVEIRA, 2011, p. 48).

Os cabarés eram os espaços em que os jovens afirmavam a masculinidade, a si mesmos e a seus amigos, por meio de encontros sexuais com as meretrizes; mas também constituía espaço de troca de experiências, e onde observamos mais uma forma de relação de poder, desta vez, homem/homem, pois os rapazes tinham que mostrar que já eram adultos aos seus companheiros, através da iniciação sexual nos prostíbulos. Só a partir desse momento, adquiriam maior respeito e aceitação dentro do círculo de homens mais velhos. A entrada era restrita àqueles que já possuíam a idade certa para os prazeres do corpo, acima de dezoito anos, mas muitos deles, ainda na menoridade, passavam despercebidos pela vigilância dos policiais, em razão de possuírem um corpo físico avantajado.

Além de território de desejos, os cabarés configuravam como locais de entretenimento e sociabilidades para a juventude masculina. Alguns, provenientes das camadas pobres da sociedade, não possuíam renda suficiente que lhes permitisse usufruir dos prazeres do sexo, estes frequentavam prostíbulos apenas pela boêmia e pela fuga às convenções sociais.

As relações sexuais antes do casamento eram algo comum para os rapazes, que procuravam as *meretrizes*, e, com elas, se envolviam em relações libidinosas, não permitidas às *moças para casar*. Mesmo após o casamento, a sexualidade entre marido/mulher configurava somente como função de procriar, “o namoro deveria ocorrer em função do casamento, como também o usufruto do corpo e da sexualidade deveriam se restringir ao matrimônio” (CARDOSO, 2010, p. 16).

Sobre as vivências nos cabarés da cidade de Teresina, Bernardo Sá Filho relata:

Nos cabarés sociabilizavam-se mulheres da noite e homens de segmentos sociais diferenciados. Solteiros e casados, todos se divertiam, porém, sem os requintes modernos da elegância refinada e do luxo dos cabarés das grandes capitais, como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Na Paissandu, os cabarés eram constituídos de salão de festa, bares, restaurantes e quartos onde as mulheres recebiam os clientes. Embora em tudo se procurasse expressar um tom romântico, a decoração era modesta. A música, qualquer que fosse: *rumba, tango, samba-canção ou bolero* imprimia ao ambiente um tom nostálgico, através de orquestras ou eletrolas, algumas com alto-falantes. Mesmo sem luxo, aqueles cenários marcariam a memória de muitas pessoas que, por razões diversas, eram impedidas de ali comparecerem, mas que se aproximavam do local procurando uma posição estratégica que lhes permitisse ter uma visibilidade parcial do ambiente, matando assim a curiosidade. Tais cenas jamais seriam esquecidas (SÁ FILHO, 2006, p. 61).

Semelhante ao cenário teresinense, os cabarés da cidade de Picos eram constituídos por casas modestas, bem iluminadas, música ambiente, mulheres desfilando por todos os

lados, reuniões regadas a muita prosa e bebida gelada, aproximação intensa dos corpos, à madrugada. Tudo isso compunha o cenário encantador que atraía rapazes de todos os segmentos da sociedade. Ao se apagarem as luzes da cidade, momento em que as moças de família se dirigiam ao aconchego do lar, estes se conduziam a um *lócus* masculino exclusivo, como sugere o trecho a seguir:

Moças e rapazes frequentavam os mesmos espaços de lazer, até nove horas da noite, de nove horas da noite os rapazes deixavam suas namoradas em casa e ia terminar o serviço no cabaré. iam continuar o namoro com as meninas no cabaré. Havia essa interrupção que na época, eu já observava que isso ia gerar um déficit de crescimento da mulher, porque ela participava de todas as nossas conversas até nove horas, nove horas elas se apagavam, tinham que se recolher e ir dormir, não participava mais dos debates. Então os homens tinham esse direito, tinham essa liberdade de continuar. Eles poderiam até ficar nas ruas, nos escuros, as mulheres não, as mulheres não podiam (OLIVEIRA, 2011, p. 59).

Não poderiam ficar nas ruas as moças de respeito, que estavam determinadas, por parâmetros socialmente construídos, a conservar a pureza, e a preservar sua integridade. Eram comparadas à Maria, mãe de Jesus, portanto, deviam ser imaculadas, puras e virgens. As *moças da vida* estavam associadas à Eva, símbolo do pecado original, causadora dos males da sociedade. Embarcavam na vida dos prazeres da carne porque viviam em condições de extrema pobreza, a zona seria um caminho para suprir suas necessidades básicas, tais como alimentação, moradia e vestuário; essa representação da meretriz vitimizada era, para Margareth Rago (2008, p. 42), a que mais persistia. Todavia, acreditamos que não era apenas a contragosto que essas mulheres escolhiam essa vida libertina, mas também pela possibilidade de viver sua sexualidade livre, pelo exercício do prazer e da libido.

A prostituição tratada aqui neste trabalho foge de uma visão unilateral de exploração sexual do corpo feminino apenas, de submissão da mulher à dominação masculina. Bernardo Sá nos permite pensar em outra visão:

A mulher também, independente de sua condição socioeconômica, exerce de forma semelhante, o poder através de seu corpo, expondo-o como objeto de desejo à venda, quando seu interesse for meramente financeiro, ou como estratégia para seduzir o parceiro ou parceira como objeto sexual para realização de seu prazer pessoal. Então a relação sexual não deve ser entendida apenas no sentido patriarcal, isto é, a concepção de prazer sexual que cria o direito dos homens sobre as mulheres, tendo acesso a seus corpos quando assim desejarem, ainda que, no caso da prostituição, tenham que pagar para realização desse tipo de prazer (SÁ FILHO, 2006, p. 70-71).

Mais do que isso, a prostituição poderia acontecer através de uma escolha, de pensar no prazer proporcionado com o exercício da sexualidade, de ter a liberdade de decidir sobre o seu corpo e usá-lo como forma de resistir aos padrões tradicionais que docilizavam os corpos das mulheres para a anulação do prazer e da sexualidade.

D. Maria Alves confessa à pesquisadora Marília Pinheiro seu pensamento:

Eu acho que elas escolhia essa profissão porque isso é um dom que vem de longe, é uma fraqueza da carne, é um dom de nascimento que elas nasce com aquele dom, é uma falta de fé em Deus [...]

Os lugares mais complicados que eu ouvi falar era Rua São Pedro, era a Bomba, vários lugares que eu não sei te citar o nome de todos. Em vários lugares eu sei que tinha, tinha e tem, continua direto, mas é o seguinte, aquilo lá só vai quem quer, quem não quer não vai porque quem teme a Deus não chega no lugar de morrer, só chega no lugar de viver [...].

As mulheres prostitutas frequentavam as missas no mesmo horário que as outras. Se elas se comportassem bem diante dali da presença de Deus, elas ficava tudo ali igual com a gente mesmo né. As mulheres honestas rejeitava, ficava querendo uma diferença de vida pra elas respeitar mais a sociedade né [...] Tinha delas que se vestia igualmente com as outra casada, moça, e tinha delas que se vestia indecente, de jeito assim que todo mundo ficava assim falando, reclamando [...] Quando elas iam pra missa, algumas iam com roupas não composta, roupas de alça, sem manga e algumas iam bem vestida (PINHEIRO, 2012, p. 39).

O descontrole dos desejos sexuais é o fator apontado como o motivo de algumas mulheres adentrarem pelo mundo da prostituição, que, para D. Maria Alves, uma mulher religiosa, significava um lugar de morte e pecado, associado ao Inferno, tão sujo e libertino como ele era representado. Destacamos ainda que as *mulheres honestas*, além de excluírem as prostitutas, ainda procuravam maneiras de se diferenciarem dessas mulheres, nas roupas e até mesmo nas cores da fachada externa da casa.

Essas casa aqui, tudo era delas acredita? Quando eu vim pra essa casa, essa carreira de casa era tudo amarela, dez casa amarela. Aí no tempo da inundação, o prefeito mandou elas regressarem, por causa das família que tava entrando na cidade [...]. Era pra elas desocuparem, para entrar as família. Aí elas saíram. Aí quando nós compramos essa aqui, mandemos (sic) logo pintar de azul, porque ela era amarela (PINHEIRO, 2012, p. 40).

A grande quantidade de prostíbulos pintados com a cor amarela na parte externa construiu no imaginário coletivo a associação desta cor com os cabarés da cidade, e, por isso, D. Maria tratou logo de mudar a cor de sua casa por outra para diferenciá-la. Nos dias atuais, ainda encontramos cabarés na cidade de Picos, conhecidos apenas como “Casa Amarela”,

ainda que estes não mais estejam entre as casas da Rua São Pedro, conforme se referiu a entrevistada.

Mesmo com todos os discursos dominantes de honra e castidade arraigados na sociedade picoense, a prostituição feminina era uma prática constante nas ruas do baixo meretrício, consideradas pelos cidadãos como “zonas proibidas”. As questões de honra e pudor feminino em Picos eram barreiras que ultrapassavam os limites de amizade e de sociabilidades, como vemos neste trecho:

Quando eu era menina, eu me lembro de minha mãe, que ela tinha uma grande amiga que depois ela foi casada, separou e ela foi ser madame de cabaré, era uma das mais importantes. [...] Eu me lembro um dia na feira, minha mãe parou para conversar com ela, aí o irmão da minha mãe, que morava no interior, bateu no ombro dela e puxou a minha mãe, aí falou assim para ela: “Olha, esqueça! Hoje ela não é mais mulher para conversar com você, hoje ela é madame de cabaré.” Aí minha mãe ficou assim, né, depois se tocou. Elas eram muito amigas, ela a viu e foi conversar com ela na feira (Raimunda Moura).

Após serem abandonadas pelos maridos, algumas mulheres procuravam a prostituição como saída para a sua sobrevivência e a dos filhos. A partir de então, ela não mais era aceita em seu antigo ciclo de amizade, por haver se tornado má influência e afetar a honra das mulheres que compartilhavam sua amizade.

Por fim, a situação que se configurava para a maioria da população picoense era a imagem feminina da prostituta como marginalizada da sociedade, além de o ser nos espaços privados, vista como *mulher-objeto*, *mercadoria do desejo* etc., era também e, sobretudo, vulto e sombra nos espaços públicos na década de 1950-1960. Contudo, o domínio do corpo e a vivência da sexualidade feminina também configuravam como territórios possíveis para as mulheres que não se emolduravam nas representações e identidades femininas fixadas pelos discursos dominantes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas décadas de 1940 e 1950, na cidade de Picos (PI), a identidade das mulheres era delineada em torno do casamento e da maternidade; a casa era o espaço no qual a mulher era naturalmente a “rainha do lar”, e a rua capacidade apenas para o homem. Nos anos 1960, foi possível maior mobilidade feminina, por meio da inclusão das mulheres no ambiente escolar, como estudantes e, posteriormente, como professoras. As relações conjugais também passaram por mudanças; esse cenário em que se desenvolvia o amor romântico permitia que os laços matrimoniais se concebessem por escolha, e que a mulher conquistasse outros espaços, contribuindo para a renda da casa. Contudo, o auxílio feminino nas despesas era de forma secundária, pois as funções de provedor e a autoridade da casa ainda eram do homem.

Os discursos da sociedade, dos jornais, da Igreja Católica, da educação escolar, nos anos estudados, ainda apontavam a construção da mulher como naturalmente mãe, mesmo com identidades de estudante e professora sendo delineadas. Mas a casa era pequena para tamanha vivacidade. As mulheres picoenses queriam percorrer os espaços públicos, tinham sede de conhecimento e mudança dos perfis conservadores. Nenhuma das entrevistadas foi somente dona de casa; mesmo as que se casaram e tiveram filhos, ainda estudaram e trabalharam concomitante às funções do lar.

Paulatinamente, o saber escolar passou a ser um privilégio também de meninas. No entanto, o ensino, à época, não era calcado em um discurso de preparação da mulher para conquistar espaço na sociedade, mas primordialmente de enquadramento nos padrões conservadores de ser mãe, esposa e dona de casa. Há que se considerar que muitas delas subverteram a ordem e decidiram não se subjetivar conforme esses papéis dominantes. Compreendemos que a opção em não contrair matrimônio é indicativo de que algumas mulheres picoenses delinearam novos contornos para as suas vidas, o principal deles, o avanço nos estudos, levando a participação escolar para além das primeiras letras. As escolas normais, inclusive, configuravam como um espaço essencialmente feminino, e que as habilitava a exercer o magistério, ofício seguido pela grande maioria das jovens picoenses. Nesse sentido, o maior grau de instrução tornou-as mais exigentes na escolha de seus pretendentes. Muitas não se casaram por não encontrar um rapaz que correspondesse a seus interesses. O fato de alguns homens carregarem consigo o sentimento de posse sobre a mulher constitui outro elemento que contribuiu para que algumas jovens permanecessem solteiras.

Nos anos 1940 a 1960, a profissão de professora distinguia-se na cidade de Picos, privilégio das mulheres de classe média e alta. E foi somente em fins dos anos 1960 que se pôde encontrar professoras concursadas em Picos. Eram as normalistas saídas da primeira turma concludente da cidade. A pouca participação das mulheres no ensino superior ainda era um fator evidente para uma cidade de modos rurais. Por isso só conquistou uma escola de ensino normal, em 1967, haja vista que as poucas mulheres que saíam da cidade para estudar em outras cidades eram as de condição social mais alta, e delineavam-se entre os cursos de Pedagogia, Farmácia e Enfermagem.

As gerações dos sujeitos sociais desta pesquisa distanciaram-se da geração de suas mães e avós, principalmente em relação à escolaridade. Estas, muitas vezes, analfabetas ou iniciadas apenas nas primeiras letras; aquelas se projetando para rumos inimagináveis para as suas mães e avós.

Considerável divergência exprimiou-se ainda na diminuição da quantidade de filhos, pois a crescente participação das mulheres nos espaços públicos e o crescente aumento feminino no mercado de trabalho influenciaram diretamente a relação das mulheres com a maternidade. Os cuidados com os filhos foram divididos com outras pessoas, que poderiam ser o pai, a avó ou tia e uma babá. Enquanto as mulheres das gerações anteriores a 1950 pariam dez, doze e até mesmo quinze filhos, as mulheres, a partir de 1960, reduziram esses dados para seis ou até mesmo quatro filhos; as que permaneciam com muitos filhos se submetiam apenas como donas de casa e viviam para cuidar deles e do marido.

As diferenças entre os gêneros são discursos construídos historicamente, e legitimaram, durante muitos anos, as relações de poder e repressão sobre os corpos femininos, tratadas como algo natural, inerente à categoria mulher.

O corpo tornou-se vitrine viva das metamorfoses que ocorreram no mundo, passando a ser um instrumento de fala e de significação. As jovens picoenses não fizeram parte de uma luta organizada e legitimada por associações de mulheres, como ocorria em alguns lugares do País e do Mundo; entretanto, sofreram alterações indiretas das lutas feministas com a conquista do espaço público, que produziram transformações significativas na vida das mulheres picoenses. O corpo da mulher picoense era um espaço de microlutas cotidianamente, pois “pensar o corpo é, pois, uma maneira de fazer política, de propor a revolução” (RAGO, 2001, p. 151). Compreendemos que, em torno da mulher picoense, durante o recorte estudado, ainda existiam estereótipos que não haviam sido ultrapassados, o novo e o velho conviviam simultaneamente.

A sexualidade e o erotismo estavam presentes a todo o momento, na subjetivação dos corpos femininos, mas de uma forma velada, encoberta. O erotismo não pode ser pensado separado do cotidiano, do trabalho, da religião, tudo tem um sentido erótico (BATAILLE, 2003). E nos arriscamos a dizer: o ser humano é erótico.

O exercício da sexualidade era permitido socialmente apenas para as prostitutas, como forma de higienizar e conservar a pureza das moças castas. A construção do corpo da prostituta aparece, assim, como uma funcionalidade social. No entanto, se os desejos sexuais não fossem controlados e as mulheres se entregassem antes de contrair núpcias, provocavam a desonra para a família da moça, reparada apenas com o casamento. Para aquelas mulheres de famílias pobres, o encaminhamento para os prostíbulos, nesses casos, era o destino mais comum.

As transformações e experiências na vida das moças picoenses, dos anos de 1940 a 1960, não aconteceram de forma linear e estável. Foram diversificadas e contraditórias, tornando-as singulares e plurais, permitindo a essas mulheres transitarem por vários espaços e assumir múltiplas representações.

FONTES

ENTREVISTAS

ALBANO, Maria da Conceição da Silva. **Maria da Conceição da Silva Albano**: depoimento [Picos, 2013]. Entrevista concedida à Karla Íngrid Pinheiro de Oliveira.

BORGES, Olívia da Silva Rufino. **Olívia da Silva Rufino Borges**: depoimento [Picos, 2013]. Entrevista concedida à Karla Íngrid Pinheiro de Oliveira.

CARVALHO, Maria de Jesus. **Maria de Jesus Carvalho**: depoimento [Picos, 2013]. Entrevista concedida à Karla Íngrid Pinheiro de Oliveira.

MAIA, Maria Nunes. **Maria Nunes Maia**: depoimento [Picos, 2013]. Entrevista concedida à Karla Íngrid Pinheiro de Oliveira.

MOURA, Raimunda Fontes de. **Raimunda Fontes de Moura**: depoimento [Picos, 2011]. Entrevista concedida à Karla Íngrid Pinheiro de Oliveira.

MOURA, Raimunda Fontes de. **Raimunda Fontes de Moura**: depoimento [Picos, 2013]. Entrevista concedida à Karla Íngrid Pinheiro de Oliveira.

MOURA, Doralice Gonçalves de. **Doralice Gonçalves de Moura**: depoimento [Picos, 2013]. Entrevista concedida à Karla Íngrid Pinheiro de Oliveira.

ROCHA, Maria Oneide Fialho. **Maria Oneide Fialho Rocha**: depoimento [Picos, 2011]. Entrevista concedida à Karla Íngrid Pinheiro de Oliveira.

JORNAIS E REVISTAS CONSULTADAS

EZAGUI, J. O amor, sempre o amor. **Jornal das Moças**. Rio de Janeiro, p. 3, 7 jan. 1960.

FLÂMULA. Picos, 1952-1953.

FLÂMULA, iniciando no ano II, nº 14, 18 de janeiro de 1953, p. 1;3.

REVISTA PIAUIENSE DOS MUNICÍPIOS, Teresina-PI, ano 3, n. 6, 2. sem. 1955,

REVISTA DO JUBILEU DE OURO DO IMH – 1944-1994, Picos, Instituto Monsenhor Hipólito, 1994.

RIBEIRO, K. M.; GONÇALVES, F; GOMES, Manoela. 111 anos, Picos, Nossa História. [Editorial]. **Revista Foco**, Folha de Picos, Picos, 2001.

DADOS CENSITÁRIOS

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Recenseamento Geral de 1960. VII. Recenseamento Geral do Brasil. Série Regional, v. I, tomo III, 1ª Parte.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo demográfico: população e habitação; censos econômicos: agrícola, comercial e dos serviços. Série Regional, parte V - Piauí. Rio de Janeiro, 1952.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censos demográficos e econômicos. Série Regional, v. XIII. Rio de Janeiro, 1956.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 1940 e 1950.

LIVROS E CADERNOS DE MEMÓRIAS, CRÔNICAS E ROMANCES

CHAGAS, Gilson. **Música para pensar**. Ipatinga: Saramandaia, 2009.

DUARTE, Renato. **Picos: os verdes anos cinquenta**. 2. ed. rev. ampl. Recife: Nordeste, 1995.

LEAL, Pe. David. Picos Religiosa. **Revista Piauiense dos Municípios**, ano 3, 2º semestre de 1955, n. 6, Teresina-PI.

LEAL, Firmino Libório. **Vozes da Ribeira: crônicas**. Picos: Edição do Autor, 2008.

MOURA, Raimunda Fontes. Relato memorial da turma de Concludentes do Ginásio Marcos Parente, ano de 1966: comemoração de 32 anos em 2008. Picos-PI, 2008.

DOCUMENTOS

PIAUI. DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO PIAUI, Teresina, 2 de março de 1967, ano XXXVI, 78ª da República, n. 32.

PIAUI. PROJETO para a criação do curso de “Preparação para o Trabalho”, de acordo com o que dispõe a lei nº 7.044, de 18 de outubro de 1982, no ensino do 2º grau no Estado do Piauí, na cidade de Picos. Picos, 1983.

REFERÊNCIAS

ALBANO, Maria da Conceição Silva; SILVA, Albano. **Picos nas anotações de Ozildo Albano**. Picos, 2011.

ALMEIDA, Eduardo Henrique Barbosa de. **O literário e noticioso estudantil**: Flâmula e as formas de representação social em Picos na década de 1950. 2013. 80 f. Monografia (Licenciatura em História) – UFPI, Picos, 2013.

ALVES, Samairkon Silva de Oliveira. **Docência (re) inventada**: história e memória das professoras leigas na cidade de Picos no período de 1950 a 1980. 2011. 57f. Monografia (Licenciatura em História) – UFPI, Picos, 2011.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo (1968-1973-1979). In: **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007. (Coleção Nova Aguilar).

ARAÚJO, Nukácia Meyre Silva. Leituras para noivas, donas e donzelas: a civilidade pela leitura no início do século XX. In: VASCONCELOS, José Geraldo; SILVA, Samara Mendes A.; et. al. (Org.). **Lápis, agulhas e amores**: história de mulheres na contemporaneidade. Fortaleza: UFC, 2010.

AREND, Silvia Fávero. Trabalho, escola e lazer. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BAECQUE, Antoine de. Telas: o corpo no cinema. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (orgs.). **Histórias do corpo**: as mutações do olhar: o século XX. Trad. e rev. Ephraim Ferraira Alves. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

BIASOLI-ALVES, Zélia Maria Mendes. Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX. **Revista Psicologia**: teoria e pesquisa. Brasília, v. 16, n. 3, p. 233-239, set./dez. 2000.

BORGES, Valdeci Rezende. História e literatura: algumas considerações. **Revista de Teoria da História**, UFG, ano 1, n. 3, jun. 2010.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARDOSO, Elizangela Barbosa. Desejos ambíguos: imagens, práticas e investimentos do desejo feminino nos anos 1950 e 1960 em Teresina. **Scientia et Spes** - Revista do Instituto Camillo Filho, Teresina, ICF, n. 2, 2002.

_____. **Identidades de gênero, amor e casamento em Teresina (1920-1960)**. 2010. 535 f. Tese (Doutorado em História Contemporânea II) – UFF, Niterói, 2010.

_____. **Múltiplas e singulares**: história e memória das estudantes universitárias em Teresina (1930-1970). 2. ed. Teresina: EDUFPI, 2012.

DARNTON, Robert. **Revista Topoi**. Entrevista concedida a José Murilo de Carvalho. Rio de Janeiro, set. 2002, p. 389-397. Disponível em: <http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/topoi05/topoi5ent.pdf>. Acesso em: 29 set. 2011.

CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. **Todos os dias de paupéria**: Torquato Neto e a invenção da Tropicália. São Paulo: Annablume, 2005.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. **Mulheres plurais**: a condição feminina na Primeira República. Teresina: Bagaço, 2005a.

_____. **Famílias e escritas**: a prática dos literatos e as relações familiares em Teresina nas primeiras décadas do século XX. 2005. 230f. Tese (Doutorado em História) – UFPE, Recife, 2005b.

_____. **História e masculinidades**: a prática escriturística dos literatos e as vivências masculinas no início do século XX. Teresina: EDUFPI, 2008.

CATONNÉ, Jean- Philippe. **A sexualidade, ontem e hoje**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

CAULFIELD, Sueann. **Em defesa da honra**: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940). Campinas, SP: Unicamp, 2000.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

_____. Histórias de corpos. **Projeto História**. São Paulo: EDUC, dez. 2002. p. 407-412.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Difel, 1988.

COSTA FILHO, Alcebíades. **A escola do sertão**: ensino e sociedade no Piauí, 1850-1889. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2006.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: PRIORE, Mary del (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2011.

FONTINELES FILHO, Pedro Pio. As escritas de Clio: literatura e modernização da cidade de Teresina, nas duas primeiras décadas do século XX. In: XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2009, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza, 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **Microfísica do poder**. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

_____. **Estratégia, poder-saber**. MOTTA, Manoel Barros da (organização e seleção de textos); RIBEIRO, Vera Lucia Avellar (tradução). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. (Ditos e escritos IV), p. XII.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Trad. De Raquel Ramallete. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

FREIRE, Maria Martha de Luna. **Mulheres, mães e médicos:** discurso maternalista em revistas feministas (Rio de Janeiro e São Paulo, década de 1920). 2006. 336f. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde). Fiocruz: Rio de Janeiro, 2006.

FREITAS, Sônia Maria de. **História oral:** procedimentos e possibilidades. 2. ed. São Paulo: Humanistas, 2006.

HAHNER, June. **A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937.** São Paulo: Brasiliense, 1981.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade:** sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: EUEP, 1993.

GONÇALVES, Andréa Lisly. **História e gênero.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GONÇALVES, Regina Célia. A história e o oceano da memória: algumas reflexões. In: **Saeculum Revista de História,** João Pessoa, PB, p.4-5. jan./dez.1998/1999.

LAGE, Ana Cristina Pereira. Escolas confessionais femininas na segunda metade do século XIX e início do XX: um estudo acerca do Colégio Nossa Senhora de Sion em Campanha (MG). **Anais...** Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos_pdf/Ana_Cristina_P_Lage_Artigo.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2013.

LIMA, Ana Paula; OLIVEIRA, Karla; CARVALHO, Mara. Música de protesto ou iê, iê, iê?: a cultura musical na cidade de Picos na década de 1960. In: I ENCONTRO REGIONAL DOS ESTUDANTES DE HISTÓRIA DO NORDESTE. 2010, Teresina, **Anais...** Teresina-PI, 2010.

LIMA, Nilsângela Cardoso. **Invisíveis asas das ondas ZYQ-3:** sociabilidade, cultura e cotidiano em Teresina (1948 - 1962). 2007. 158 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – UFPI, Teresina, 2007. p. 40.

LOMAS, Carlos. ¿El otón del patriarcado? El aprendizaje de la masculinidad y de la feminidad en la cultura de masas y la igualdad entre hombres y mujeres. **CUADERNOS DE TRABAJO SOCIAL,** vol. 18, p. 259-278, 2005.

LOPES, Antônio de Pádua Carvalho. Das escolas reunidas ao grupo escolar: a escola como repartição pública de verdade. In: VIDAL, Diana Gonçalves (Org.). **Grupos escolares:** cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893 – 1971). Campinas, SP: Mercado das Letras, 2006.

_____. Superando a pedagogia sertaneja: que tipo de escola é mais adequado ao Piauí?. **Anais...** Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema3/0342.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2013a.

_____. A constituição e a consolidação da Escola Normal no Piauí: história de um “viveiro muito especial”. V CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. **Anais...** Disponível em:

<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe5/trabalho_completo.php?id=20>. Acesso em: 27 nov. 2013b.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary del (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. 10 ed. 1. Reimp. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. Pedagogias da sexualidade. In: _____ (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

MAIA, Cláudia de Jesus. **A invenção da solteirona: conjugalidade moderna e terror moral – Minas Gerais (1890-1948)**. 2007. 302f. Tese (Doutorado em História) – UnB, Brasília, 2007.

MARTINS, Ana Paula Vosne. “Vamos criar seu filho”: os médicos puericultores e a pedagogia materna no século XX. **História, Ciências, Saúde**. Manguinhos, Rio de Janeiro, v.15, n.1, p.135-154, jan./mar. 2008.

MATOS, Maria Izilda; BORELLI, Andrea. Espaço feminino no mercado produtivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012.

MOURA JÚNIOR, José Waldir de Sousa. **História e teatro: manifestações e representações teatrais na cidade de Picos, sob a ótica de Olívia Rufino (1940 - 1950)**. 2013. 64f. Monografia (Licenciatura em História) – UFPI, Picos, 2013.

NASCIMENTO, Francisco Alcides. Cajuína e cristalina: as transformações espaciais vistas pelos cronistas que atuaram nos jornais de Teresina entre 1950 e 1970. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 27, n. 53, p. 195-214, 2007.

NUNES, Maria José Rosado. Freiras no Brasil. In: PRIORE, Mary del (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 10 ed. 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2011.

OLIVEIRA, Karla Ingrid Pinheiro de. **A geografia dos desejos: cidade, lazer, gênero e sociabilidades em Picos na década de 1960**. 2011. 78 f. Monografia (Licenciatura em História) – UFPI, Picos, 2011.

OLIVEIRA, Ângela Maria Macêdo de. **Imagens dissonantes? A família teresinense: entre prescrições católicas e práticas culturais na década de 1950**. 2009. 173f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – UFPI, Teresina, 2009.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: IUPERJ, 2004.

PEREIRA, Luciana de Lima. Espaço urbano teresinense entre a salvação e a perdição na década de 1950. In: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA-ANPUH. 2011, São Paulo. **Anais...** Disponível em:

<http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300880858_ARQUIVO_Espacourbanoteresinenseentreasalvacoeaperdicaonadecadade1950.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2012.

PERROT, Michelle. Os silêncios do corpo da mulher. In: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel. **O corpo feminino em debate**. São Paulo: UNESP, 2003. p. 14-15.

_____. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru, SP: Edusc, 2005.

_____. **Minha história das mulheres**. Trad. Angela M.S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PINHEIRO, Cristiane Feitosa. **História e memória da Escola Normal Oficial de Picos (1967-1987)**. 2007. 205f. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFPI, Teresina, 2007.

PINHEIRO, Marília Alves. **Memórias do meretrício**: discursos e sociabilidades da prostituição picoense nas décadas de 1950 e 1960. 2012. 60f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – UFPI, Teresina, Picos, 2012).

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Perseu Abramo, 2003.

PINSKY, Carla Bassanezi. Mulheres dos anos dourados. In: PRIORE, Mary del (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 10 ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. A era dos modelos rígidos. In: _____; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

QUEIROZ, Teresinha. Cinema, invenção do diabo? In: _____. **História, literatura e sociabilidades**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998. p. 41-53.

_____. Mil mulheres entre nós. In: CARDOSO, Elisângela. **Múltiplas e singulares**: história e memória de estudantes universitárias em Teresina - 1930-1970. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2003.

_____. **Do singular ao plural**. Recife: Bagaço, 2006a.

_____. **Economia piauiense**: da pecuária ao extrativismo. 3. ed. rev. Teresina: EDUFPI, 2006b.

_____. **Os literatos e a República**: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011.

RAGO, Luiza Margareth. “Es que no es digna la satisfacción de los instintos sexuales?”: amor, sexo e anarquia na Revolução Espanhola. In: SOARES, Carmen (Org.). **Corpo e história**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

_____. **Os prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

RODRIGUES, Carla Daniela Alves; FERRO Maria do Amparo Borges. (Re) Definindo papéis: o discurso do lar como o destino natural da mulher. In: VASCONCELOS, José Geraldo; SILVA, Samara Mendes A.; et. al. (Org.). **Lápis, agulhas e amores: história de mulheres na contemporaneidade**. Fortaleza: UFC, 2010.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. 6. reimp. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Sulina, 2006.

ROSEMBERG, Fúlvia. Mulheres educadas e a educação de mulheres. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012.

SÁ FILHO, Bernardo Pereira. **Cartografias do prazer: boemia e prostituição em Teresina (1930-1970)**. 2006. 148 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – UFPI, Teresina, 2006.

SAMPAIO, Isabel S. A linguagem da fotonovela. Disponível em: <<http://alb.com.br/arquivo-morto/anais-jornal/jornal4/palestrasPDF/isabelsampaio.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2013.

SANTANA, Márcia Castelo Branco. Afetos e Desafetos: reinvenções dos vínculos amorosos e as novas propostas de casamentos nos anos de 1970 em Teresina. In: VASCONCELOS, José Geraldo; SILVA, Samara Mendes A.; et. al. (Org.). **Lápis, agulhas e amores: história de mulheres na contemporaneidade**. Fortaleza: UFC, 2010.

SANTOS, Regma Maria dos. Os discursos sobre a mulher: entre o sagrado e o profano. **Opsis – Revista do NIESC**, v. 6, 2006.

SAVIANI, Demerval. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. In: **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, v.14, n. 40, p. 143-155, jan./abr. 2009.

SCHAFFRATH, Marlete dos Anjos Silva. Escola Normal: o projeto das elites brasileiras para a formação de professores. **Anais...** Disponível em: <http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/Arquivos2009/Extensao/I_encontro_inter_artes/20_Marlete_Schaffrath.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2013.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

_____. Experiência. In: SILVA, Alcione L. da; LAGO, Mara C. de S.; RAMOS, Tânia R. O. (Org.). **Falas de gênero: teorias, análises, leituras**. Florianópolis: Mulheres, 1999.

SILVA, Andréa Martins Alves. Educar a mulher para civilizar a nação: os projetos educacionais de Rui Barbosa e José Veríssimo no Rio de Janeiro no final do século XIX e início do século XX. In: XV ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-RIO. **Anais...** São Gonçalo-RJ: FFP/ IERJ, 2012.

SILVA, Samara Mendes Araújo. **À luz dos valores religiosos: escolas confessionais católicas e a escolarização das mulheres piauienses (1906-1973)**. 2007. 156f. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFPI, Teresina, 2007.

SILVA, Vera Lúcia Gaspar. *Vitrines da República: os grupos escolares em Santa Catarina (1889-1930)*. **Anais...** Disponível em:
<<http://www2.faced.ufu.br/columhe06/anais/arquivos/16VeraLuciaGaspardaSilva.pdf>>.
Acesso em: 25 nov. 2013.

SOARES, Norma Patrícia Lopes. **Escola Normal em Teresina (1864-2003):** reconstruindo uma memória da formação de professores. 2004. 184f. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFPI, Teresina, 2004.

SOIHET, Rachel. Mulheres em busca de novos espaços: suas implicações nas relações de gênero. **Revista Gênero**. Niterói, v. 1, n. 1, p. 53-56, 2. sem., 2000.

_____; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 27, n. 54, p. 281-300 – 2007.

SOLON, Daniel Vasconcelos. **O eco dos alto-falantes:** memórias das amplificadoras e sociabilidades na Teresina de meados do século XX. 2006. 158f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – UFPI, Teresina, 2006.

_____; et al. Alto-falantes em Teresina: De alternativa de comunicação à comunicação alternativa. **Revista Iniciacom**, v. 3, n. 1, 2011.

SOUSA, Cleto Sandy; LIMA, Frederico Osanan (Org.). **Parnaíba: a cidade que nos habita**. Parnaíba: Sieart, 2013.

SOUSA, Jane Bezerra de. **Picos e a consolidação de sua rede escolar:** do Grupo Escolar ao Ginásio Estadual. 2005. 157 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFPI, Teresina, 2005.

TEIXEIRA, Wagner da Silva. Os cristãos e as esquerdas nos anos 1960: uma historiografia da Ação Popular. 3º Seminário Nacional de História da Historiografia: aprender com a história? **Anais...** Ouro Preto: Edufop, 2009.

VASCONCELOS. Vânia Nara Pereira. **Evas e Marias em Serrolândia:** práticas e representações sobre as mulheres em uma cidade do interior (1960-1990). 2006. 221 f. Dissertação (Mestrado) – UFBA, Salvador, 2006.

VENTURA, Zuenir. **1968:** o ano que não terminou. São Paulo: Planeta do Brasil, 2008.

VIEIRA, Maria Alveni Barros. **Educação e sociedade picoense:** 1890-1930. Teresina: EDUFPI, 2005.

WOLF, Naomi. **Promiscuidades:** a luta secreta para ser mulher. Trad. De Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.